DR. SEVERINO DE SÁ BRITO

TRABALHOS E COSTUMES DOS GAUCHOS

1928

Edição da Liv. do Globo — Porto Alegre
Barcellos, Bertaso & Cia.
Filiaes: Santa Maria e Pelotas

Trabalhos e costumes dos gauchos

INTRODUCÇÃO

A minha intenção escrevendo estas reminiscencias é fazer o historico do modo como éram executados outr'ora os trabalhos da vida postoril e tambem fornecer dados sobre algumas das feições caracteristicas dos costumes rio grandenses.

Nestes apontamentos me limitarei a dizer algo sobre o que vi e comecei a apreciar alguns annos antes de se findar o terceiro quarto do seculo das luzes, avivados alguns em palestras com amigos estancieiros antigos.

Como se verá lendo o — Progresso — n'estes trinta e poucos annos tem havido modificações tão grandes nas lidas da campanha que acho bem possivel apagarem-se com o tempo os traços mais caracteristicos d'essa vida laboriosa na sua primitiva formação.

No evoluir d'esse progredir grande e benefico vamos nos afastando dos costumes que dominaram no Rio Grande com o nome de gauchos.

Devemos frisar bem que esses habitos antigos com suas exterioridades de bombachas, palas, arreios prateados e mil outros detalhes vão cedendo lugar á vida moderna, a outras exigencias sociaes, com seus confortos, commodidades e mais regalias da evolução e do progresso e que essas mutações estão se dando tão sómente, mas tão sómente no meio exterior, no scenario rio-grandense, na indumedaria, mas de forma alguma tem affectado, ou trazido alterações nas qualidades primordiaes que caracterisam os gauchos, como ficará demonstrado no decorrer d'este trabalho, no thema — Costumes.

Dos nossos antepassados recebemos tradições legendarias, que devemos guardar com carinho e honral-as para nos tornarmos dignos depositarios d'ellas.

Assim comprehendem e sentem os escriptores que com tanto ardor se dedicam a relembrar o que passava-se na campanha.

Os trabalhos que sobre o assumpto tem vindo a publicidade revelam profundos conhecimentos e intelligencia dos seus auctores.

Alguns poucos vêm em versos, a grande maioria em contos onde os costumes dos nossos acham-se muito bem delineados em episodios, dando alguns verdadeiras photographias do sentir e do viver dos homens de outr'ora; sómente poucos descrevem acções tragicas que muitas vezes provêm de doentes sociaes, isto é, excepções.

São trabalhos de moços cujos conhecimentos de visu não podem alcançar muitos annos atraz.

As impressões aqui descriminadas abrangem um recúo do tempo mais longe; são narrativas frias sem colori-

do, mas de cousas vistas e assistidas e agora narradas a modo de touriste por quem foi creado n'uma estancia, filho mais moço de um fazendeiro, homem formado, tendo tido irmãos, cunhados e tios (todos já mortos) com o mesmo ramo de actividade e vivido no meio d'elles; por sua vez mais tarde tambem estancieiro e que nunca perdeu o contacto com o seu meio e sua gente, apezar dos estudos na Capital Federal e de uma estadia lá de 20 annos, sempre com intermittencias, podendo portanto apreciar e cotejar costumes e caracteres de uma e de outra sociedade.

Assim com esse longo tirocinio o A. não receia contestação do quanto affirma, mas sente não possuir a necessaria inspiração para esplanar-se em bellas imagens, nem ter na phrase o vigor sufficiente para elevar o assumpto á altura que merece.

Aquelles que vêm de uma época distante e passaram por esse meio, melhor apreciarão estas reminiscencias.

Certamente ainda vivem alguns patricios dos tempos em que se encontravam estancias em relativo abandono e quasi todas com os gados alçados, sem costeio, devido a excessiva baixa no valor, que nem se davam ao trabalho de costeal-os.

Algumas tambem não cuidadas por doença, auzencia ou morte dos donos.

No reviver d'essa época viam-se gauchos destemidos praticando actos de pericia e temeridade com verdadeira galhardia.

Muitos desses sobreviventes passando os olhos por estas recordações de estancias hão de lembrar-se de trechos

de sua vida conservados indeleveis succedidos na aventurosa e afanosa vida de então.

Quem tendo se creado n'ella não terá fortemente gravado em sua memoria perigos por que passou e livrou-se com agilidade ou foi promptamente auxiliado?

Quem não terá assistido factos em que outros correram o risco de perder a vida ou de alguem que soffreu pela audacia?

Aqui n'estas descripções, os descendentes da campanha que cedo tomaram rumo differente na vida, ficarão fazendo uma ideia de como éram feitos os serviços dos campeiros nas estancias dos seus avós.

Aqui, as pessoas que nutrem sympathias por estas paragens encontrarão um esboço da athmosphera social e moral em que se formaram e se desenvolveram as qualidades de seus grandes homens.

Quem não tiver essas sympathias não leia este trabalho.

Aqui se aquece o sentimento gaucho.

Porto Alegre, Abril de 1928.

Dr. Severino de Sá Brito.

HISTORICO

Este titulo parece injustificavel e desnecessario, porque todo o thema d'este trabalho é o historico de um periodo propriamente gaucho, mas ha uns poucos assumptos elucidativos que não se coadunam com os que já existem.

Por isso recorro a elle afim de pôr em relevo outros topicos da campanha.

Em primeiro lugar farei um rapido apanhado sobre a situação economica da então Provincia de S. Pedro.

Depois de um periodo de dez annos da guerra dos farrapos continuava o estado precario da industria pastoril.

A Barra do Rio Grande quasi intransitavel éra a insegurança, um espantalho, navegação escassa, communicações difficeis, sem estradas pelo interior que conservava um aspecto inculto, os rios sem os beneficios da arte, com enchentes variaveis, nem commercio regular, nem pequenas industrias locaes.

Em taes condições é facil crer que os productos bovinos não tivessem procura e se conservassem desvalorisados ou cahissem mais ainda.

O gado chegou a patacão e as éguas vendidas por algumas patacas. (*)

(*) As modas de prata correntes éram: O patacão 2$000 réis — boliviano 800 — balastraca 400 — cortadinhos (do boliviano) ½ 400 — ¼ 200 — ⅛ 100 réis.

Os fazendeiros em tal conjectura voltaram-se para a agricultura.

Com esse desprestigio, os gados ficaram quasi em abandono, alçaram-se; nos fundos e nas divisas dos campos as éguadas entregues a lei da natureza desenvolveram-se espantosamente, cobrindo coxilhas e tambem se tornaram selvagens, gavionavam.

Tal foi a descrença na criação que os fazendeiros de algumas leguas de campo recorreram a lavoura para sustentarem os seus encargos da familia e da fazenda.

Esse periodo de lethargia nos negocios de gados parece ter alcançado o maximo por volta do anno de 1860, pois a esse tempo fizeram-se grandes cercados para o plantio da mandioca e construiram-se atafonas para o fabrico da farinha.

Durou 7 annos esse periodo final das vaccas magras.

Os surrões feitos de couro vacum cheios de herva-mate bem mostravam o pouco ou nenhum valor dos gados e seus despojos.

Esse artigo do bom mate, tão apreciado na campanha vinha de Cima da Serra em carretas e éra vendido na campanha.

O commercio do sul da Provincia dirigia-se para Pelotas que éra o entreposto commercial d'essa zona.

Para lá seguiam carretas em grupos levando os productos pastoris, couros, lãs, cabello e voltavam repletas de mercadorias, com viagem redonda de tres mezes.

Tambem havia um commercio regular para Montevidéo.

A esse tempo o fisco éra uma creança enfesada, tolerante e necessitada.

O contrabando ao contrario éra um rapazola desenvolto, audacioso, bregeiro, generoso, carreteava na campanha onde tinha amigos e transitava francamente, mas nas cidades entrava silencioso alta madrugada.

Esse maroto enriqueceu muita gente; presentemente continúa n'essa missão com a differença que agora anda a cavallo (e não tardará usar o auto-caminhão) formando comparsa ou comboio com o seu pessoal de atiradores, de cargueiros sob a direcção de um chefe; dormem de dia nos mattos e de noite viajam, não respeitam alambrados que cortam com tesouras especiaes.

Ganham um ordenadão. Muitas vezes depois de meia noite, uma cidade fronteiriça é despertada por um tiroteio com armas de guerra, são elles e os guardas aduaneiros.

Mas iamos historiando a campanha.

As familias d'aquelle tempo viajavam em carretilhas de bois, representava um pequeno aposento fechado com porta atraz e janellas lateraes (o escriptor d'estas linhas diria com orgulho ter viajado em todos os meios de transporte de dois seculos, si já tivesse andado de avião).

As senhoras e as moças faziam muitas leguas a cavallo em sellins de gancho apropriados, vestidas de roupão, sem o cançaço das de hoje.

Sempre havia em uma estancia um ou dois animaes muito mansos de bom commodo para o andar de senhora.

Depois da guerra do Paraguay appareceram os primeiros carros.

Devido a ella o cambio brasileiro desceu de 27 a

14, isto é, duplicou o valor da libra, que subiu de 8$889 ao par a 17$142 réis e demorou-se n'estas immediações.

O nosso ouro sempre foi o couro.

Esse unico producto bovino de exportação européa subiu muito.

Com a baixa do cambio brusca e excessiva deu-se um phenomeno curioso que pouco durou, o couro chegou a valer mais que o proprio boi, a casca teve mais valor que a fruta. (*)

Em vista dessa alta dos animaes da creação, os estancieiros abandonaram as lavouras e voltaram-se com animação para o costeio dos gados.

Foi esse periodo da renascença da vida pastoril que comecei a apreciar os trabalhos campeiros aqui descriptos.

Essa phase das vaccas gordas durou tambem 7 annos; o cambio no fim d'esse praso subio novamente acima do par e deu novo tombo no gado.

(*) Como os valores dos gados acompanhavam mais ou menos de perto as oscilações do cambio, aqui vae um resumo do que foi publicado em 1885 pelo "*Jornal do Commercio*" do Rio de Janeiro:

Anno	*Cambio*
1850	31
1853 a 57	28
58	23 a 27
59 a 60	24 a 27
61	27 a 24
62 a 64	25 a 28
65	23 a 27
66	27 a 22
67	24
68	14
75	28
80	20

Alguns fazendeiros atilados compraram muitos gados a 5$000 réis e esperaram nova alta tornando-se abastados.

Vinha de longe a arte de ensilhar um cavallo, mas foi na phase da renascença que tomou grande incremento o bom gosto dos aperos lindos, de ageitar os arreios e as bonitas caronas, algumas enfeitadas com couro de jaguatirica ou de onça e mesmo ponteiras de prata.

Os arreios e aperos prateados estavam em pleno uso.

As cabeças dos lombilhos éram cobertas com chapas de prata de bellos lavores, com ella se faziam os largos peitoraes brancos vistosos e o fiador, que collocado simplesmente parecia uma gravata branca no pescoço do cavallo, éra mui raramente usado; com o mesmo metal branco confeccionavam-se as argollas, as massanetas das redeas, cabeçadas, boçaletes, cabrestos e rabichos.

Raras pessoas mandaram enfeitar essas peças com ouro; tambem viam-se redeas cuja primeira porção éra uma corrente de prata.

Com ella faziam-se os pesados e lindos estrivos de meia picaria, os grandes bocaes, as esporas, de tamanho regular, as extremidades dos cabos dos relhos e os pequenos chicotes.

Isso não significava ostentações dos seus haveres, mas uma demonstração de bom gosto, éra o espirito da época, a moda com os seus caprichos. (*)

(*) O uso da prata tinha se introduzido tambem no lar, já não se limitava a vulgar bomba e cuia com bonitos enfeites no bocal.

Entre as familias abastadas existiam as baxellas de prata e salvas algumas bem grandes, copos, talheres, tesouras de velas, castiçaes, etc, até crucifixos.

Guardados hoje como reliquias.

Aos pellegos sobrepunham a badana, o alvo coxinilho usavam mais para passeios.

O gaucho fazia timbre em mostrar um pingo bem aperado.

Atar a cola de certo modo justifica-se como um complemento do bom gosto, porem com exagero éra proprio dos gauchitos pacholas, de chapeo do lado.

Seus trajes não tinham as mesmas exigencias que seus aperos, um pala, um ponche leve, casaco simples, lenço de seda no pescoço, calça qualquer, chapeu molle commum, botas de montaria, esporas, faca com bainha e cabo de prata, ou adaga do mesmo modo.

As bombachas tinham poucos adeptos nas classes elevadas, mas estavam em pleno vigor na maioria, os campeiros affirmavam que éram mais commodas para andar a cavallo.

Pela mesma razão traziam barbicachos, de predilecção entre os indios; assim como o xiripá só usado pelos indios mui pobres, com ceroulas de franjas em baixo.

Historiando a vida rural, não deve ficar no esquecimento o sincerro, como symbolo da união dos animaes.

Quando queriam habituar alguns a andarem juntos, como companheiros para fazer uma quadrilha, ou reunir muitos do mesmo pello para entropilhar, alem do cuidado de juntal-os com frequencia, elle éra atado no pescoço da égua do grupo que recebia o nome de égua madrinha; o seu tilintar irregular ou intermittente habituava os cavallos a acompanhal-a.

Para ter éguas reunidas com o fito de fazer manada

tornava-se desnecessaria essa campainha, pois o poderio do pastor éra enorme; bastava elle murchar as orelhas e com a cabeça muito baixa trotear atraz de uma para ser obedecido incontinenti; elle sabia juntal-as e até arrolhal-as.

Tinha o seu que de pitoresco n'uma grande tropa de mulas chucras (negocios dos birivas) ver todas de cabeças levantadas e orelhas em pé a seguirem pelo ruido do sincerro a égua madrinha puchada a cabresto na frente da tropa, caminhavam como um enxame de abelhas atraz da abelha-mestra.

Para sua travessia no passo do Catharina no Ibicuhy, aliás bem largo, os homens preparavam-se, os canoeiros tratados, outros vestidos de Adão para cahirem n'agua o cavallo em pello.

Tirava-se da mulada um lote, e para passar a égua madrinha ia puchada na frente pelo nadador a cavallo, os animaes éram tocados por muitos e a grito e a relho sambulhavam-se n'gua aos magotes.

Os flanqueadores em canoa acompanhavam fallando, animando ou assustando com repetidas batidas do remo n'agua, o outro seguro na cola do matungo gritando e batendo na bocca conforme o estylo do meio.

Atravessado o rio paravam na beira atacados para chamariz dos outros lotes, o sincerro voltava para o pescoço de outro animal manso que serviria para levar os restantes do mesmo modo.

Como todo o serviço que tinha um lado divertido, não faltavam auxiliares expontaneos, os moradores do Passo, que ajudavam com muita troça e alaridos o meter n'agua os refugados e o resto da burrada.

Para a passagem de tropas de gado, o processo é o mesmo aos lotes, uns bois vaqueanos na ponta, um sinuelo do outro lado e uns chamam — venha, venha — os flanqueadores com a habitual animação e a mesma bizaria do costume.

Não terminarei estes pequenos trechos da historia gaucha, sem lembrar um episodio da Historia do Brasil.

Refiro-me a invasão dos paraguayos em 1865 pelo rio Uruguay sobre S. Borja, Itaquy e Uruguayana, cujo abalo repercutio em toda Provincia e collocou em sobresaltos os estancieiros mais proximos ao territorio em saque.

Ainda bem na meninice apreciei o que se passou na estancia. Meu pae tomou as precauções para uma retirada rapida com a familia a rumo do litoral, caso fosse preciso.

Um grande buraco foi cavado atraz do galpão com o fim de enterrar caixões com louça, pequenos objectos e utencilios, que não podiam ser levados.

Na frente da casa estavam promptos os vehiculos da época, carretilha, carretas, carroças e ao lado a enorme canoa com outras duas menores para serem arrastadas até o rio que estava cheio.

As forças da Provincia moveram-se para a zona em perigo com a rapidez precisa, de outros pontos acorreram batalhões do exercito brasileiro.

O Imperador D. Pedro II compareceu ás margens do Uruguay.

A rendição, o aprisionamento e a retirada das forças de Lopes não foram demoradas.

A boa noticia correu celere.

Durante a guerra contra esse dictador apparecia pelas estancias uma vez ou outra uma partida, assim chamavam um grupo de homens armados recrutando gente para a guerra, o sargento commandante da escolta entenda-se com o patrão e este cedia algum peão e ás vezes um escravo em lugar de um filho, mais necessario para a familia.

PROGRESSO

Das provincias da Monarchia uma das que mais aproveitaram com o advento da Republica foi o Rio Grande do Sul.

Não tanto pela republica em si, como pela grande baixa do cambio, resultado da inexperiencia da emissão bancaria.

A libra esterlina ao par passando de 8$889 a 40 e tantos mil réis, foi o maior protecionismo que teve a industria pastoril.

Essa alta quadruplicou alguns fructos d'essa industria.

A abertura da Barra, nos facilitando o accesso aos mercados consumidores, veio encontrar o boi a 6 libras, foi a 7 e no fim do anno (1927) alcançou a 8½.

Essa grande obra projectada ha mais de meio seculo e a mais de trinta esperada, é a segura garantia de um esplendido desenvolvimento do Estado.

O Rio Grande pelo caracter indomito de seus filhos tem tido seus tropeços economicos.

A má vontade do regente Feijó nos deu a revolução de 35, que durou 10 annos e a do Marechal de Ferro a de 93, com dois annos de luctas.

N'esta soffreram mais os interesses que os adversarios; com ella paralysou-se a vida economica dos particulares.

Passado esse collapso o Rio Grande começou de novo a levantar-se e com mais forças ainda, graças a valorisação que o cambio deu a seus interesses.

Foi nesse periodo de reorganisação que se desenvolveu em maior escala esse grande reformador dos costumes e da vida rio-grandense o — Alambrado.

Como invasor e elemento de evolução mudou a face do Rio Grande. Em poucos annos o aramado apoderou-se dos campos, excedeu-se por toda parte, fixou a divisa entre os lindeiros, subindo coxilhas, descendo baixadas e atravessando sangas para divisas de aguadas.

Os fazendeiros cercearam a primitiva liberdade que campeava pelas nossas vastas campinas, onde cruzavam livremente cavalleiros e animaes; pois que com o alambrado retalharam seus campos em invernadas, invernadinhas, piquetes, curraes e bretes; até nas cidades elle penetrou dividindo terrenos.

Fecharam-se os atalhos, abriram-se os corredores!!...

Que golpe profundo deu o alambrado nos costumes da minha terra!!...

Os campos fechados e os gados amansados tiraram o primitivo encanto da vida pastoril.

Acabaram-se as grandes cavalhadas, reduziram-se as éguadas, diminuio-se a peonada!...

Hoje o que existe está muito distante do que foi.

O Senhor Progresso chegou ao Rio Grande e fez das suas.

Alevantou o tronco para contensão dos animaes a serem trabalhados, cavou banheiro para expurgal-os de seus males, organisou plantel para melhorar as raças, criou animaes de galpão para o aperfeiçoamento d'ellas e hoje elle dá por um touro fino importado a mesma quantia com que ha 80 annos se comprava uma a duas leguas de campo!?...

Enfim fez do boi uma mercadoria altamente valorisada e enriqueceu os rio-grandenses!...

A industria suplantou o gauchismo!...

Mas o caracter proprio dos nossos antepassados ficou.

Tambem guardamos a tradição gaucha, como um patrimonio moral.

E esta tradição é sympathica não só a nós os sulistas com a todos os filhos deste grande Brazil.

Estancia e seus trabalhos

ESTANCIA

A palavra estancia significa moradia fixa, mansão onde alguem passa.

Durante o tempo em que o Rio Grande viveu em marasmo economico, ella éra de facto a mansão onde morava o estancieiro com sua familia, de accordo com a situação precaria da época.

N'esse remanso se desfructava em toda plenitude uma vida feliz, toda de commodidade, rodeada só de affectos e em complecta liberdade.

As relações sociaes de accordo com as necessidades do meio se limitavam a receber raros andantes que si chegavam pela manhã detinham-se algumas horas e almoçavam e si a tarde, jantavam e passavam a noite, sempre obsequiados conforme as condições sociaes e relações amistosas.

E'ram apreciadas as visitas de gente amiga ou de parentes que para lá se encaminhavam com o fito de fazer uma estadia de alguns dias ou semanas.

Causava o maximo contentamento e alegria para todos a chegada de pessoas da familia, irmãs casadas com filhos que, com os seus vinham em grande comitiva vi-

sitar seus paes; e ali se demoravam semanaes e mezes em doce convivencia, tão do agrado d'aquelles que comprehendiam e sentiam o isolamento das estancias de então.

Todos participavam do contentamento e satisfação d'essas visitas, a que não ficava extranho o pessoal servente.

De dia éram as palestras de familia com o relato de acontecimentos mais importantes durante a auzencia, de mistura com obzequiosidades familiares.

A tardinha éram os passeios de todos ao grande jardim distante duas quadras, onde distrahiam-se em cuidar as plantas, regal-as com agua do açude ao lado, em colher algumas flores e espalhar sementes de outras.

As noites passavam-se em algumas distracções tiradas das varias peças de um realejo completo, em ensaios de outras diversões, de danças, ou com o piano executado pela mais velha das irmãs.

Foi n'uma d'essas occasiões em que irmãs, irmãos e cunhados folgavam que eu ainda criança vi dançar o caranguejo, já então em completo desuso.

O verão trazia algumas distracções fóra de casa, como passeios a lugares pitorescos em capões, para onde éra transportado o almoço, ou no mato á pretexto de ir ás pitangas: onde passava o tempo em pescaria. O que tambem se fazia em canoa subindo rio a cima; havia uma pessoa venerada que muito apreciava esta distração.

Os passeios a cavallo em grupo com moças aos açudes e lagoas. . . . .

Nas tardes quentes as caminhadas ao banho, em que a familia tinha lugares cèrtos e ia acompanhada das pagens.

Em outra estancia, a de um cunhado, éram apreciados

os passeios em pitorescos e caprichosos serros, onde a grande comitiva com moças, os dois dias de demora e os assados com couro tinham o seu encanto.

Taes éram as distrações que gozavam as familias n'aquella época em que a habitual serenidade do meio não apresentava outros elementos para passar o tempo, a não ser as occupações domesticas, estudos, leituras, etc.

Quanto aos rapazes, gozavam de ampla liberdade. Uma estancia sempre foi o paraiso dos meninos. Não param em casa gostam de andar a cavallo passeiando, se exercitando.

Começam por andar em petiços, rapidamente galgam cavallos; acompanham os serviços de campo embora sem obrigações, mais tarde querem domar, laçar a cavallo, tal como os grandes.

Ahi fica em traços largos em que consistia a vida de familia em uma estancia; com poucas modificações éra o que se passava em todas.

Agora um golpe de vista sobre a estancia, seus delineamentos caracteristicos e accessorios que a completam.

Por successão ou por compra havia estancias de uma, duas e raramente de tres sesmarias (cada sesmaria tres leguas).

Hoje em dia não é assim, um fazendeiro pode possuir tres a seis leguas de campo em tres ou quatro estancias, mas em pontos differentes.

Os de então éram donos de uma só estancia com vasta extensão de campo, por isso mesmo sentiam a necessidade de collocar posteiros em pontos muito distantes como

vigilantes, que sempre impunham respeito á propriedade e aos interesses.

Esses postos éram estabelecidos nas divisas dos campos e nas proximidades dos passos e dos rios. Muitos d'elles tinham sido antigas residencias, ou mesmo estancias primitivas, que conservavam ainda não só as commodidades de casas de materiaes com arvoredos e cercado para plantação, como tambem acommodações para animaes, potreiros, mangueiras.

Em uma estancia de então, esses pontos éram conhecidos com as denominações de estancia velha, chacara, posto do F., posto de A., etc. E'ram sempre lugares muito afastados da moradia do estancieiro e por isso mesmo se tornavam centros dos serviços, quando os trabalhos de rodeios ficavam nas suas proximidades.

Como se deduz deste apanhado, os grandes fazendeiros organisavam suas estancias muito longe umas das outras e formavam nucleos, quasi uns povoados, tal éra a quantidade de arranchamentos que se levantavam nas suas immediações, construidos e habitados por agregados, todos indios afamiliados e alguns escravos que viviam na companhia de chinas.

A casa de moradia ê um vasto estabelecimento que dá commodidades para familia numerosa.

Ella e as casas accessorias, como dispensa, depositos dos productos da lavoura, alguns quartos para escravas e a grande cosinha, circumdavam um quadrilatero, ou pateo de lages com tres cancellas.

E esta disposição tinha dupla vantagem, para defeza

no caso de assalto de malfeitores e para melhor administração do serviço interno.

No fundo do pateo está a cosinha e cousa a notar em toda estancia ou rancho, ella fica em tecto independente e afastado pelo receio de incendio e sua propagação.

Junto a ella, mas sem communicação directa achava-se o galpão onde se acommodavam os escravos solteiros.

E'ra obrigatorio em uma fazenda o quarto dos hospedes que ficava na continuação do proprio estabelecimento, ou em uma casa proxima.

O casarão da atafona servia de galpão para commodidades de muitos, de refugio nos dias de chuva em que se trabalhava em guascas e de deposito temporario da lã em um canto.

Para o abastecimento de toda aquella gente tornavam-se necessarias as carniças repetidas, ahi cada agregado tinha sua ração certa.

No potreiro nunca faltavam vacas de municio.

Alem dos ranchos que rodeavam a estancia e pertenciam a um pessoal numeroso e necessario para os rudes e penosos trabalhos de campo, havia os posteiros(tambem agregados, abastecidos em separado) que auxiliavam nos grandes serviços de campo e da fazenda quando recebiam aviso.

Toda estancia têm um grande arvoredo, que de longe a caracterisa pela apparencia de um capão e que olhado do lado da frente torna visivel a silhueta branca da casa estampada sobre o verdejante bosque.

D'elle partem os cercados que a distancia representam traços escuros sobre a verde extensão das campinas, onde

se notam manchas espalhadas de animaes que apascentam nos arredores e a distancia.

O laranjal dá o maior volume a esse bosque e domina tanto pela altura como pela extensão; encontrando-se tambem no quintal pecegueiros, parreiras, macieiras, marmeleiros, etc.

Na frente de todas as casas da campanha são usadas sómente as arvores de sombra; os sinamomos com suas bellas ramagens offerecem abrigo contra o sol, os frondosos umbús, as figueiras do mato muito copadas têm o mesmo fim. Algumas servem sómente para adorno como os alamos compridos, os coqueiros esguios e em terras apropriadas enfeitam a frente as casuarinas, que sibilam com o vento.

Debaixo da arvore mais proxima, na sombra, ao alcance facil para uso domestico, a pipa d'agua fazia seu paradeiro habitual.

As carroças que não se acham debaixo de coberta enxuta permanecem com as carretas na sombra dos frondosos umbús.

Tambem é complemento de uma estancia a pequena casa da carne, isolada em lugar arejado, que servia para deposito d'ella, coberta de capim santa fé, tendo na frente a porta de grade e dos lados grossas varas a pique intervalladas em pequenos espaços para a ventilação facil.

Uma grande ramada coberta do mesmo modo dava acommodações aos cavallos encilhados quando chuvia, ou na occasião em que os raios do sol se tornavam inclementes.

Nas estancias pequenas e nos ranchos as ramadas são formadas de 4 a 9 esteios forquilhas e linhas atravessadas

cobertas com galhos e ramagens, de preferencia o matta-olho; tambem servem para abrigo nos dias de solaço, onde apetece o mate e é apetecivel para palestra quando ha viração.

Nas fazendas em que o gado come sal com desespero e o fareja por toda parte(isso se dá nos campos fracos) costumam fazer um parapeito na frente da casa; é um cercado ligeiro de madeira trabalhada ou tosca, para evitar que durante a noite as rezes mansas avidas de sal masquem e estraguem roupas ou trastes de arreios esquecidos fóra, ou venham incommodar caminhando na calçada.

A certa distancia do estabelecimento seguem-se os curraes ou mangueiras ligadas umas ás outras.

A mais importante é a mangueira grande ou encerra que em toda parte é redonda com grandes dimensões e duas porteiras, sobre a primeira quasi sempre existe a manga que serve para facilitar a entrada de gados bravios; a outra dá para uma mangueira menor e quadrada como todas as demais.

A do potreiro como um complemento d'elle, a das vacas com o competente chiqueiro dos terneiros e ainda uma outra supplementar, alem de uma de pau a pique sómente para ovelhas.

Nas proximidades d'ellas apparecem as figuras esguias dos palanques com o pescoço afinado, bem necessarios para os redomões; cavallos aporreados e todos os baguaes de má indole.

Nas proximidades atraz dos curraes estava a horta, d'onde sahiam as verduras e temperos para a comida.

Lá no alto n'uma coxilha (muitas vezes vi em cima de

serros quasi inaccessiveis), tambem como parte complementar de uma estancia, jazia a moradia eterna fechada com cerca de pedra. No centro o symbolo do christianismo ali se alteia bello na sua singeleza, feito de madeira apparelhada, dando um aspecto de veneração e fé religiosa.

N'elle repousam entes queridos do pessoal da estancia.

Tambem ao longe, um cercado de pedras, abrangendo vasta extensão de terreno, servia para muitas lavouras.

Ahi alem das plantações da fazenda, tambem possuiam algumas os agregados moradores e os escravos que quizessem plantar.

Se cultivava muito milho, tambem feijões, aboboras, melancias, melões, etc.

As lavouras de mandioca occupavam largo espaço e predominaram durante certo tempo.

Na época das colheitas a estancia tomava um especto animado pelo movimento do pessoal que n'ella trabalhava para colher e carregar os productos para os depositos em carroça.

O milho vinha em grande quantidade e destinava-se á creação domestica sempre muito abundante e ao engorde do porco do chiqueiro, o proximo fornecedor da banha; para cavallos nunca houve necessidade de dar.

Os passaros satellites das lavouras e das colheitas appareciam então; vinham as porções de caturritas estragadoras; as pombas grandes do mato sempre ariscas ahi engordavam.

Os mais interessantes éram os passaros pretos, anús ou maria preta, de bella plumagem com reflexo azulado,

que unidos aos chopins (*) e aos dragões de corpo amarello e azas pretas tambem lindos, formavam um bando enorme que nas tardes de verão e outomno costumava vir pousar no laranjal.

Piando uns, cantando e trinando outros faziam uma vozeria de um concerto tão alegre e animado que encantava o entrar do sol na estancia.

Ao amanhecer saudavam a aurora com a mesma deliciosa alegria.

Quando levantavam o voo pela manhã tomavam rumo incerto, ás vezes dirigiam-se para o lado do parador e si ahi encontravam um boi manso tornava-se interessante apreciar a sem cerimonia d'esses passaros e a tolerancia d'elle em deixar pousar familiarmente em seu lombo os que cabiam, para beliscarem carrapatos, emquanto elle continuava a ruminar tranquillamente; depois desciam todos para esgravatar no chão o esterco velho, d'ali lhe veio o appellido vulgar de vira-bostas.

Ao levantarem o voo ruflavam as suas azas com força.

No inverno vinham visitar o laranjal os passaros apreciadores d'essas lindas fructas amarellas, a gralha com bellos coloridos na sua plumagem e gritos estridentes e alguns volateis menores, como o papa-laranja, o sabiá, etc.

Alem do movimento que as colheitas davam a estancia,

(*) O chopin é vadio, põe os ovos no quartinho do joão de barro, onde depois é criado como os filhos, graças a parecença da côr, do tamanho e a escuridão do alojamento.

Tambem põe em ninhos de tico-tico; é interessante quando já grande acompanhar piando ésse passaro menor que o alimenta.

tambem havia alguma animação na época dos trabalhos de campo, quando traziam as grandes eguadas para serem lidadas na mangueira, para marcar potrilhos, para tozar éguas, domar potros e finalmente a sempre divertida marcação de terneiros.

Ainda mais animada se tornava por occasião da chegada de toda aquella gente, quando se demorava na estancia velha, tres leguas da estancia, dois ou mais dias pela exigencia dos serviços.

Ahi o movimento tomava o maximo de intensidade. Vinham todos juntos, chegavam ao mesmo tempo para um descanço bem ganho.

Assim que apeavam desensilhavam os cavallos para soltar.

Uma apparencia de balburdia se notava, arreios atirados ao chão, ruidos de esporas ao caminhar, gritos, chamados, perguntas, recommendações se ouviam de mistura com os relinchos dos cavallos que éram soltos.

Alguns peões tiravam o freio e o boçal ali mesmo e espantavam seu animal para a cavalhada; um outro levava o bagual ou redomão pelo cabresto, arrastando as chilenas ia soltar no potreiro.

O pessoal arranchado se encaminhava para suas casas, cançados e anciosos por ganhar suas commodidades e alguns dias de relativo descanço.

A auzencia de toda aquella gente éra a tristeza, quasi a desolação na estancia, de modo que na sua chegada a satisfação se communicava a todos; na familia porque os seus foram bem sucedidos, vinham com saude; nas outras pessoas por tornar a ver os seus.

A alegria explosiva das crianças éra a primeira a dar a noticia com o "vem a gente" em ruidosas manifestações.

N'aquella época em que as communicações éram difficeis e escassas, pouco interessava o que se passava pelo mundo, de modo que a fazenda com o seu arremedo de povoado representava um pequeno feudo isolado, onde havia um certo congraçamento affectivo, guardadas as distancias.

Alguns de seus habitantes foram nascidos n'aquelle meio, outros éram antigos moradores, todos estimados e bem tratados veneravam o patrão velho.

O regimen de uma fazenda nunca foi severo com os escravos; havia perfeita igualdade no pessoal do trabalho; o que os distinguia éram as aptidões pessoaes para o machado, enxada, laço, camperear, domar.

Aqui vamos abrir um parenthesis para dizermos com um escriptor gaucho (J. S. G.) que a estancia representava uma cellula social rio-grandense com grande influencia na organisação e nos costumes do povo.

Com o seu numeroso pessoal representava um feudo, cujo senhor possuia algumas leguas de campo e como dispunha de grandes cabedaes éra ouvido e consultado por occasião das agitações da campanha, tanto nas guerrilhas com os hespanhoes antes de fixados os limites com o Brazil, como nas revoluções e na guerra do Paraguay.

Para esses movimentos os abastados fazendeiros entravam com recursos de cavallos, gente armada e dinheiro, éram algumas centenas de milhar de patacões depositados no altar da patria pelos sentimentos patrioticos bem entendidos.

Mas deixemos o grande pensador e volvamos a estancia que descreviamos.

Como nos tempos antigos a criadagem domestica éra grande, havia muitas serviçaes no centra da familia, todas escravas, raras vezes alguma auxiliar dos ranchos se tornava permanente; geralmente só apparecia alguma quando chamada para ajudar a fazer velas, sabão, ou por visita.

A tosa de ovelhas éra o unico serviço feito por mulheres, se encarregavam d'ella as chinas dos ranchos auxiliadas por algum homem e rapaz para manear ovelhas.

Esse trabalho costumavam fazer a sombra de velhos e frondosos umbús, aos primeiros calores do verão.

N'uma estancia ha varios serviços diarios feitos com animaes que se relacionam com a economia domestica, como o tirar leite pela manhã cedo, que competia a algumas escravas semi-matronas servidas por um molecote que tinha a incumbencia de pôr as vacas para dentro do curral, fechar a porteira e ficava como servente para retirar os terneiros a proporção que eram pedidos e ajudava em pequenas cousas.

As vacas tambeiras careciam ser laçadas e amarradas.

Cheios os baldes de leite, os canecões e algumas guampas das modestas lidadoras, os animaes com as crias éram repontadas até o potreiro.

A tarde competia botar as vacas a um preto velho ainda forte que por serviços prestados conservava-se no seu rancho um tanto aposentado.

Essa occupação da tarde muitas vezes se transformava n'um divertimento para os guris ou meninos da casa, que

como em toda parte, tinham assim opportunidade de brincar, correr e laçar terneiros a cavallo; n'essas travessuras ensaiavam a vida futura; mesmo depois de enchiqueirados muitas vezes iam pialal-os.

Outro pequeno trabalho diariamente feito e que tambem se alliava a vida domestica éra arrastar agua em uma pipa montada em uma carrocinha baixa com cabeçalho e rodas ferradas.

Outro preto velho que tambem se occupava da horta e de rachar lenha, éra o encarregado de trazer agua da fonte, elle só sabia montar no matungo aguateiro, que sempre foi o animal mais manso em uma fazenda e que por não sahir do redor da casa tem a denominação de cavallo da porta e torna-se sempre lembrado para pequenas caminhadas.

Ainda um outro serviço que naquella época se fazia todos os dias éra a recolhida de manhã cedo no potreiro e trazel-a para a mangueira.

Ahi vinham alguns pegar cavallos para differentes fins, como laçar uma rez para carnear, ir ao mato com carreta buscar lenha, trazer cavallos do campo, ou mesmo campear alguns animaes, pegar redomões, para algum serviço mais especial como o de chasque ou proprio, um enviado com fim determinado.

Os patrões sempre tinham cavallos pegados e ensilhados, embora não houvesse intenção de utilisal-os.

Ainda duas palavras sobre um serviçal de quatro patas, o amigo fiel das estancias.

Na campanha não podiam ser dispensados os cachorros. E'ram os guardiões da casa; de dia como bons vigilan-

tes avisavam a approximação de extranhos, a noite ao menor ruido despertavam e latiam tudo quanto se chegasse muito para a casa.

No campo sempre foram muito bons auxiliares, uma rez transviada acoada procura juntar-se ao gado.

Os ranchos tambem possuiam os seus pequenos ou grandes.

Um homem a cavallo, um andante, acompanhado de um ou dois cães éra a cousa mais vulgar na campanha.

CAMPOS

Os campos dividem-se em tres categorias distinctas.

Os chamados inferiores ou frouxos têm nas terras uma boa porção de areia.

As pastagens são fracas e misturadas a hervas agrestes.

Devido a grande mescla de areia no solo, as aguas das chuvas se infiltram muito, d'ahi a abundancia de grossas vertentes e de mananciaes que formam a grande quantidade de banhados nos baixos e nas varzeas d'esses campos.

N'elles se vêm grandes serros cujas beiras são bordadas de arvores e amparadas por pedras enormes (lembrando o periodo de formação da terra).

Nas emergencias d'agua crescem caponetes, assim como nas pedreiras, alem d'isso uma pedra grande no meio do campo protege o nascimento de uma arvore e mais outras, pois o solo é particularmente fertil para arvores, n'elles se cultivam bellos arvoredos.

Os animaes d'estes campos fracos apetecem extraordinariamente o sal, porem não têm nem a mesma resistencia, nem o mesmo peso dos da fronteira.

Antes de ir adiante devemos dizer que no meio dos campos ruins e dos medios se encontram manchas boas, ás vezes bem vastas, nas costas dos rios e nos rincões e que em geral todos os campos tendem a melhorar, não só por serem mais aproveitados divididos em pequenos trechos fechados por aramados, como por comportarem mais peso de animaes e por ser o pisoteio maior.

Os antigos acreditavam que as excreções urinarias dos cavallares compunham os campos pelo salitre que servia de adubo, fazendo a maior nitrificação das terras e pelos residuos alimentares que se desmancham facilmente.

D'ahi as porções de éguadas que enchiam os campos.

Não parece que tinham razão quanto a nitrificação.

E' mais consentaneo attribuir ao pisoteio e a voracidade d'estes animaes que pastam até de noite.

E a prova está em que pondo algumas centenas, d'elles em um pedaço de campo fechado, potreiro ou invernadinha, fazem desapparecer os pastos maús e as hervas ruins, devastando pela fome e pelo pisoteio d'esse excesso de animaes ahi postos com o fito de melhoria.

A outra prova está nas pastagens melhores ao redor de uma estancia, nas proximidades de um arranchamento, nos piquetes, nos potreiros, como resultado do trilhar mais frequente de animaes e de gente.

O solo assim apertado produz tambem a gramma como se vê na beirada das estradas duras e velhas.

Vamos agora ver o contraste que existe entre estes campos chamados grossos e os appellidados finos.

N'estes predominavam as pastagens baixas, finas, sem mistura. Cobertos d'essas grammineas ricamente nutritivas

em que predomina a flechilha, se extendem as bellas campinas em elevações suaves e muito longas de terrenos, formando horisontes bem vastos e de grande alcance, como os do mar.

Ahi não se vêm nem serras, nem pedreiras, nem capões, nem banhados, mas sómente lindos relvados verdejantes.

O sub-sólo rochoso de cascalho e calcio é imprestavel para arvoredos; as proprias arvores dos rios são raras baixas e atrophiadas, d'ahi a escassez de matos e a carestia de lenha nas cidades fronteiriças.

Mas a alta mescla de saes calcareos n'essas terras constitue uma riqueza extraordinaria.

Em algumas zonas, os riachos baixando deixam ver as pedras esbranquiçadas como si fossem caiadas.

As chaleiras de uso domestico ficam incrustadas e entopem com o uso continuado devido a formação de um pequeno bloco de pedra marmore, pois pelo calor forma-se o carbonato de calcio que é essa pedra na sua composição chimica, na apparencia e na resistencia.

No rio Ibirocay assim acontece.

Com a permanencia de alguns dias ali n'um verão seco uma pessoa fica saturada d'esses saes, faceis de reconhecer no suor que seca na testa, deixando esses saes em liberdade.

Depois de uma estadia ali de uns dez dias, voltei no mesmo cavallo (o meu confiança, de marcha troteada), n'um dia de nuvens baixas e de um calor abafadissimo; na sesteada n'um capão, o animal de pello cebruno estava bem preto banhado em suor; uma hora depois o peão o trouxe

para encilhar e eu o desconheci, tendo secado o suor estava barroso, tal éra a abundancia de saes que parecia coberto de areia de um amarello sujo. Tambem tinha ficado saturado.

Porque não acontece o mesmo com os naturaes d'ali?

Modificações biologicas no sangue?

Saes de notaveis propriedades biochimicas no sangue, na circulação e nos centros nervosos. E' a estadia ideal para tuberculosos; hoje está provado que só cura-os o abuso dos calcareos, conforme factos comprobatorios. Com esta tonificação ha muita vantagem para os animaes que se criam fortes, de uma resistencia notavel e de grande peso.

Têm um defeito esses campos, resentem-se muito da falta de chuvas por serem secos e impermeaveis.

Aproximados da linha divisoria com o Estado Oriental são denominados campos da fronteira, campos finos.

Seu valor de venda é o duplo dos inferiores, comportam maior numero de gado por quadra.

Os campos medios não tem, nem o grande defeito dos primeiros, nem as grandes virtudes dos segundos, porem criam muito bem.

Me occuparei d'estes que estão em grande maioria na parte sul do Estado.

N'elles predominava o capim alto das macegas chamado canninha, que crescia nos chapadões, coxilhas, porem desenvolvia-se mais nas canhadas, nas baixadas e varzedos; ahi outr'ora éra denso e vigoroso com mais de metro e meio de altura.

Naquella época da população bovina pouco densa, os campos com o pouco pisoteio ficavam cobertos d'esse matagal, que dava-lhes um aspecto rustico, selvagem, onde

desappareciam os pequenos animaes ou tambem os grandes quando deitados; chegava a encobrir sangas pequenas e não deixava ver os buracos.

Isso redundava em diversos inconvenientes.

Um d'elles éra o embaraço que causava ao cavallo na corrida e nas rodadas sempre possiveis.

Nas manhãs de inverno os ramos d'esses capins vergavam com o peso do orvalho frio e molhavam os pés dos paradores do rodeio, que assim sentiam mais a friagem o que obrigava os precavidos a usarem botas de couro crú sovado feitas do garrão da rez.

Botas d'essa natureza ou campeiras se humedeciam muito nas manhãs de sereno, na primavera ou no outomno.

N'esse capinzal, no verão desenvolviam-se as motucas, que n'alguns lugares formavam quasi enxame e nas horas do sol a pino alvorotavam-se e com suas ferroadas faziam os gados caminhar sem socego, andando de um lado para outro, sempre espanando-se com a cauda e dando com a cabeça nos flancos.

Importunados por esses terriveis insectos se reuniam nas coxilhas formando rodeios.

Os cavallares tambem éram perseguidos apezar da cauda mais abundante para defeza e dos movimentos trepidantes dos musculos cutilares nas cruzes e nos flancos.

Porem não é previlegio das macegas a creação d'essas moscas dotadas de terriveis ferrões, em qualquer campo pode haver abundancia de motucas, parece que as proximidades das arvores ou mattos favorece sua eclosão.

Ainda outro damno do macegal espesso e este comico, éra o susto que dava ao cavalleiro e ao cavallo na cor-

rida, quando de repente se levantava na sua frente uma avestruz ou veado, ou mesmo uma rez, quando não éra a innocente perdiz, que ao levantar o vôo assustada batia no focinho do cavallo ou no rosto do cavalleiro.

A destruição da macega foi a preocupação dos estancieiros que na primavera botavam fogo no campo.

Mas a seu tempo tornava a vir.

Um campo incendiado por acaso na força do verão e durante uma grande seca, considerava-se uma perspectiva de calamidade; por isso lançavam mão de todos os recursos para apagal-o, como ramos de arvores, pellegos molhados na sanga proxima.

Porem o mais original, aquelle que o espirito pratico dos gauchos usava, éra bolear uma égua e matar (tinha pouco valor), abriam a barriga para cahirem as viceras e um botava um laço nas mãos e o outro nas pernas, assim entre duas pessoas a cavallo arrastavam o corpo por cima do fogo, d'essa forma a trote e a galope o apagavam.

Hoje em dia na occasião de uma grande seca, com os campos fechados, alguns fazendeiros (os de campos finos) são obrigados a mudar seus gados para as zonas mais empastadas, para os campos grossos, e com mais aguadas, acarretando despezas grandes.

N'aquelle tempo dos campos abertos ninguem pensava n'isso; os proprios animaes como os mais interessados procuravam os recursos.

Alem d'isso com o pouco peso que tinham os campos, éra provavel que não tivessem necessidade de grandes deslocamentos.

Em todo caso, quando havia suspeitas de interesses ex-

traviados, o dono pedia rodeio ao vizinho para recrutar, o que éra vulgar e nunca negado.

Tambem tem importancia a divisão dos campos segundo sua topographia.

Ha os lisos, de elevações suaves do terreno, desabrigados, faceis de serem varridos pelo vento leste (que domina na campanha), ou pelo causticante minuano e que se cobrem da serena geada no inverno.

N'elles as immundices dos campos flagellados pelos ventos ou geadas pouca desenvoltura tomam.

Por isso mesmo os animaes não são fortemente molestados por essas pragas.

Ha os campos dobrados com elevações, com altos e baixos, serras e serros, tendo canhadas com pequenos matos e capões em diversas baixadas, caponetes, todos dando agasalho aos bovinos e cavallares que ahi se refugiam nos dias de frios rigorosos no inverno e onde tambem se abrigam seus parasitas e ficam hibernados até melhor temporada, até chegar o verão para nova eclosão e flagello da criação.

Desenvolve-se o carrapato, obrigando o fazendeiro a dar banho nos gados para expurgal-os d'esses parasitas.

As moscas tambem tornam-se abundantes e não perdem os vestigios feitos pelo carrapato, aproveitam as arranhaduras e as pequenas erosões na pelle para depositar n'ella suas nymphas que se desenvolvem em larvas perniciosas, obrigando os curativos frequentes de bicheiras.

Resulta a necessidade de parar rodeios mais seguido para tratar os animaes lesados; a ovelha como mais vulneravel soffre mais a perseguição da mosca e da sarna.

E' nas quebradas dos campos que as motucas pollulam e os mosquitos progridem.

PEQUENOS ANIMAES DOS CAMPOS

Alem dos animaes grandes que povoam os campos, de que tratamos sob o titulo — Animaes — e que constituem os interesses do fazendeiro, existem muitos outros detalhes menores, que sem causar damno algum, vivem muito a vontade, como si fossem necessarios para quebrar a monotonia das vastas campinas.

Parece que a natureza, querendo disfarçar a tristeza de suas solidões amortecidas e para nos alegrar no seu proprio seio, nos offerece quadros mais vivos, mais animados, com a creação de muitos pequenos seres e de animaes, tambem diminutos, espertos, ligeiros, alguns com movimentos rapidos, interessantes, com costumes varios que se prestam para comparar com defeitos ou virtudes humanas.

Quasi todos descriptos nas fabulas de Lafontaine, com muita verve e allusões graciosas e epilogos picantes e verdadeiros.

Veado de pello baio claro, com seus grandes e bonitos olhos, sempre alerta e arisco, quando vê gente foge no seu trote singular, de tal rapidez que se afigura ter duas pernas uma adiante outra atraz. Assustado ou perseguido por cães passa a correr com toda velocidade, dando pulos admiraveis, de fazer inveja à treinados campeões.

Na sua especie representa o aceio, a belleza e a elegancia.

Virá, veado do mato, veado pardo, é nervoso e timido como a gazella, com o pello pardo salpicado de branco de um e outro lado do lombo emquanto pequeno.

As enchentes o tiram para o campo, onde é victima de perseguições, quem o vê deseja possuil-o.

Tão raro, talvez a sua especie já esteja se extinguindo, assim como o grande galheiro, o servo, avô do veado, que já se encontra raramente nos grandes banhadaes.

Raposa. Os indigenas, talvez por seu grito, *guá!* o chamavam guará-chaim, cachorro pequeno; e é de facto um canino lanudo com cauda abundante, grossa e felpuda.

Os nossos vizinhos uruguayos dão o nome de sorro; na campanha tambem ás vezes assim é chamado.

Mas aplicamos com mais propriedade esta phrase:

— Fulano é um sorro, a uma pessoa que sorrateiramente, com manha, alcança seus fins.

Tambem se diz: — F. é um raposa velho.

Este animalzinho sempre foi tido na conta de intelligente, esperto.

Lafontaine em suas fabulas o decanta com muito espirito como representante da astucia e velhacaria.

Os inglezes fizeram d'elle um divertimento — a caça da raposa.

As moças o modernizaram usando sua pelle no inverno.

Até nos bailes tornou-se moda o seu andar sinuoso, é o que procuram imitar os pares quando dançam o *fox-trot,* em portuguez, o trote da raposa.

Os nossos amigos uruguayos deram a uma *serra* um nome que faz lembrar el bicho que *Ace guá!*

Quantos titulos honorificos!... e quanta ingratidão

do povo a confundil-o e a dar o nome de raposa a um animal marsupial, estupido, indolente e bebedo!

Entretanto todo mundo repete com animada convicção:

— Gambá não é raposa!...

Zorrilho, cagambá do norte, é outro notivago, mas só no verão, no inverno cahe em hibernação, é curioso quando creado manso, vel-o no inflexivel somno lethargico, parece narcotisado.

Animal bonitinho, preto, lanudo, com dois listões brancos, um de cada lado do lombo, que se approximam na cabeça.

Mui guapo diante um inimigo, fiado na sua originalissima arma de defesa faz frente a uma pessoa e a qualquer bicho, até a uma cobra, cujo veneno não lhe produz damno algum. E' o unico quadrupede que goza d'essa immunidade, talvez seja um contraveneno a sua secreção typica de uma fetidez repulsiva, com que se defende contra todos os animaes.

Um cachorro tocado d'ella larga immediatamente sua presa e vae desesperado roçar-se pelos capins e de longe sente-se o cheiro activo de que elle fica impregnado.

Na poesia popular riograndense elle mereceu estes versos.

Onde vae, Sr. Zorrilho,
Com tamanha galopada?
Vou me embora p'ra cidade
Dansar a polka mancada.

Não vá, Sr. Zorrilho
Para não ser caçoado.
Que me importa, lá se avenha,
Eu sou moço da cidade.

Não cruze nesta estrada,
Que nessa travessia
Anda muito caçador
Que lhe bota a cachorrada.

Tatú, outro caminhador nocturno; como caça tem seus amadores, a carne é apreciadissima pelo sabor.

E' um animal sem semelhante na natureza, de uma conformação unica; talvez por isso mesmo dão-lhe o papel de arlequim na litteratura divertida da campanha, onde tem sido decantado em façanhas gauchas e burlescas, como se vê n'estas quadrinhas:

O tatú subio a serra
No seu cavallo lazão,
Com bolas e laços nos tentos
Repassando um redomão.

O tatú é um homem pobre,
Que não tem nada de seu,
Veste só a casaca velha
Que o defunto pae lhe deu.

O tatú foi encontrado
Lá p'ra banda de Bagé,
Muito afflicto e muito pobre,
Perguntando pela mulhé.

O tatú me foi á roça,
Toda a roça me comeu;
Quem quizer plante roça,
Que o tatú quero ser eu.

O tatú foi encontrado
No passo de S. Sepé,
Com bolas e laço nos tentos
Atraz de um boi jaguané.

O tatú subiu no páo,
E' mentira de você,
O páo estava deitado,
Isso sim, pode sê.

O tatú sahiu do mato,
Procurando mantimento,
Sahio-lhe uma cachorrada
Que procurava alimento.

Acuda, tatua, acuda,
Acuda senão eu morro,
Venho todo lastimado
De dentadas de cachorro.

Estas e muitas outras que lhe são dedicadas fazem parte da poesia popular.

Parece que em todo o Brasil elle é o symbolo do picaresco, a julgar pelo Jéca Tatú.

Possue um atributo original, a femea tem barrigadas de filhos de um só sexo, d'ahi a quadrinha popular tambem riograndense:

O tatú mais a molita
E' lei da creação:
Sendo macho não pode ter irmã,
Sendo femea não pode ter irmão.

Avestruz, nhandú dos indigenas. Algumas tribus de indios se utilisavam das suas pennas para ornamentos pessoaes e até de sepulturas.

Tinham-n'a em alta estima; em suas lendas attribuiam algumas virtudes, como atilamento, caracter bom, não agressivo.

Chegaram a divisar na constellação do cruzeiro essa ave na dianteira de cães que a perseguem.

A nossa avestruz crioula é inferior a da Africa; esta tem mais corpulencia, a cor escura carregada, um pouco de cauda, menos dedos e menos agilidade. Entre as nossas, o macho é pouco maior e tem na cabeça e no pescoço tons negros acentuados. Vivem em bandos, raramente andam isoladas.

Faz o ninho em covas de touros que enche de ovos grandes, muitas vezes cubiçados e mesmo bolidos.

Quando são retirados alguns, a crendice popular diz que ella regeita a ninhada, espalha os restantes a pataços, quebrando alguns.

Para evitar esta repulsa usam de sympathias, como pôr no ninho um pedacinho de pellego preto, ou alguns fios de cabello da cola de cavallo.

Não ha razão para essa crendice.

Antes da ninhada em choco, costuma botar um primeiro solto ao acaso no campo, chamado ovo guacho, é menor

e de um bonito amarello. Segundo dizem, este isolado e exposto ao tempo é a providencia para os filhos recem-nascidos, apodrecido rebenta e attrahe um enxame de moscas, seu alimento dilecto.

O macho deita-se para chocar os ovos e ao chegar perto um cavalleiro, levanta-se do ninho e sahe meio agachado, fazendo grandes meneios e requebros com as azas como se quizesse espantar o cavallo.

E' ainda elle quem cuida e acompanha a numerosa prole.

Si ha o encontro de duas ninhadas, os seus directores, taes como gladiadores de peso pesado, entram em lucta; pois cada um faz esforços para tornar-se dono de todas as avestruzinhas.

E' por isso que ás vezes se notam muitas dezenas e mesmo centenas acompanhando um só macho.

Ave singular: Tem azas e não voa, mãe bota ovos que despreza, paes cuidam filhos e brigam por mais.

O correr é defeza d'essas aves pernaltas; si o bando de filhotes é atacado defendem-se espalhando-se de modo notavel, não sahem duas no mesmo rumo e correm velozmente.

A perseguição de um sendo tenaz até cançar, consegue-se apanhal-o; mas si lhe dão tempo, n'uma canhada abaixa-se junto de uma macega e deixa passar ao seu lado quem o procura.

Depois de dispersar-se custa muito a se reunir e só fazem com lentidão por meios de assovios que é o seu modo de piar; e quando já estão novamente juntos é que com todo vagar apparece o seu chefe familiar.

De uma mãe que tem os filhos espalhados dizem: Andam como filhos de avestruz.

Quero-quero, téo-téo dos indigenas, passaro barulhento e sempre alerta, é petulante, altivo, agressivo e sabe dar um bom exemplo de amor a prole.

Como si conhecesse as leis do mimetismo da natureza faz um tosco ninho onde a côr dos ovos se confunde com as pedrinhas salpicadas, de modo que passam desapercebidos.

Si alguem se approxima do ninho fica muito inquieto, grita, agita-se e simula com afflicção ter o ninho n'outro lugar, amimando e piando baixo aninhando-se para illudir.

Si um rebanho de ovelhas vae passar por cima do ninho, elle pula com energia na primeira que se approxima e batendo as azas com força obriga-se a parar, o rebanho passa se afastando d'essa pendenga original, então elle solta-a e o seu ninho com quatro ovos ficou incolume.

E' o mais valente dos passaros de peso leve, faz a defeza dos filhos com uma energia unica; os gritos estridulosos e as terriveis ameaças de puaços que ás vezes chegam a bater nos hombros enervam e afastam uma pessoa e até animaes.

A sua figurinha empertigada mereceu a honra de ser estampada nos sellos do correio do Estado Oriental do Uruguay, talvez como justo emblema da esperteza e da vigilancia.

Não cabe aqui citar todos os animaes pequenos que servem de derivativos para o espirito entreter-se durante os lazeres da vida na estancia.

ANIMAES

A ovelha — a safra da lã — o burro choro — a pandilha irreductivel — os gaviões — bolear uma gaviona — laçar e matar uma — um bonito tiro — os meios de contensão — dessocar — acolherar — o arrocho no garrão — na orelha — uma móssa no casco — uma virtude do pastor — os gados do mato — os alçados das coxilhas — como pegavam-se gados do mato — a laço — a armadilha — a armas de guerra — o descanço no galpão — os animaes estafados — o cançado — o arreganhado — o abombado — o que bate o coração — o cançaço no bovino.

A palavra animaes como vulgarmente se emprega na campanha só se refere aos cavallares; naturalmente o contacto diario com esse elemento de sua actividade fez essa restricção, mas n'este titulo entram tambem os bovinos e ovinos, pois todos constituem os interesses do fazendeiro, isto é, o capital productivo.

Começaremos pelos rebanhos de ovelhas que n'aquella época éram pouco numerosos, contavam-se de diversas qualidades, creoula com lã de ponta, cruza baixa e algumás boas.

Poucas vezes se recorria a ellas para a alimentação.

Hoje ellas constituem a base do abastecimento de uma fazenda; nos campos apropriados encontram-se grandes rebanhos cujas lãs no fim do anno fazem a primeira safra e esta dá para cobrir as despezas da fazenda com bonitas sobras.

Entre os povoadores das campinas contavam-se animaes que não tinham valor, como o veloz avestruz, o matreiro veado e tambem a pacifica manada de burros choros com a sua peculiar apparencia de familia muito unida, séria e formalisada.

Sem estimação pecuniaria ninguem dava-lhes importancia, andavam a vontade e raramente produziam mulas.

Quando algum agregado precisava de corda para ripar e quinchar um rancho matava um e tirava o couro.

Havia outr'ora uma laia de baguaes que tinham uma fama extraordinaria.

E'ram os mais selvagens animaes cavallares dos campos e viviam em lugares afastados aquerenciados nos serros e nos coxilhões.

Formavam um grupo de poucos e inveterados matreiros, que nunca foram á mangueira, com crinas e caudas que arrastavam no chão.

Chamavam a pandilha.

Impossivel approximar-se d'esse bando desconfiado e extremamente arisco.

Nas correrias uma égua sempre tomava a dianteira da pandilha, por isso mesmo tinha o seu nome (a côr do pello), a pandilha da petiça malacara.

Impetuoso e veloz quando corria, julgavam balda-

do qualquer esforço para atacar esse grupo selvagem, por isso deixavam seguir sua furiosa carreira, cruzando campos.

E'ram os dignos representantes das bagualadas indomaveis das campinas que viviam ao léo em outros tempos e em grandes porções desdobravam-se pela vastidão dos campos.

Os componentes da pandilha morriam de velhos, mas si tentassem captural-os succumbiam de cançados. Affirmavam os campeiros que correndo muitas leguas com o sol de rachar casco derretia a graxa e morria.

Alem d'esses selvagens havia uma outra especie de semi-selvagens a que apellidavam gaviões, matreiros, aves. D'esta qualidade se contavam muitos nos campos abertos de então. Em geral éram éguas estereis, sem filhos, delgadas e algum bagual ou potro.

Nas corridas de animaladas matreiras ellas tomavam a dianteira; n'um grupo que fugia a gaviona sempre ia na ponta.

Esse defeito redundava em grave inconveniente para o costeio dos animaes n'uma época em que havia muitos alçados.

Os cavallares semi-selvagens tem uma semelhança com as ovelhas, onde vae um seguem todos com impeto irresistivel, como os carneiros de Panurgio.

Assim, havendo uma que ponteasse, o bando se encaprichava e enveredava mesmo.

Por isso se procuravam os processos de contel-os.

Bolear uma ave d'estas na ponta do grupo éra quasi impossivel, destacada, tomava distancia e trenada como

andava não corria voava, mesmo assim não poucas vezes éra boleado, tal éra a habilidade e destreza de alguns campeiros bem destorcidos.

No meio das muitas éguadas que iam ao rodeio apparecia algumas e com muita gente levava-se toda a animalada para a mangueira onde ia uma ou mais d'essas vagabundas errantes.

Ahi se decide de sua sorte. Quasi sempre a sentença éra a pena de morte.

Sahia da mangueira no laço tocada por outro, levavam para traz de uma coxilha perto, onde a matavam, tirando o couro para lonca e a graxa, de uma catinga caracteristica, éra aproveitada para fazer sabão.

As vezes sahia mais outra tambem no laço para o mesmo fim.

De uma feita estavam na estancia cinco rapazes em férias, todos da familia.

Para se divertirem como em caçada, foi posta porteira a fóra uma dessas matreiras afim d'elles darem cabo d'ella, a bolas, a laço e arma de guerra. Já muito perseguida passou correndo a toda n'uma cruzada, quando recebeu um balaço e teve morte instantanea, as pernas pararam repentinamente, a cabeça pendeu para o lado opposto e o corpo cahiu por cima d'ella.

A bala attingio o pescoço e provavelmente cortou o nervo vago.

O auctor foi victoriado pelo mais bello tiro que tenho visto e feito.

Nem todos que tinham o grande defeito de gavionar éram condemnados ao gráo maximo da quietação.

Com os potros usavam-se meios de contel-os e com algumas gavionas tambem de bonita estampa.

Um dos processos de reprimir o ardor para correrias n'essas semi-selvagens éra dessocar.

A operação consistia em seccionar com a ponta da faca penetrada por baixo da pelle os tendões dos musculos extensores dos dois antebraços logo acima dos joelhos.

Assim operada ella ao caminhar estende o braço para frente, mas não o antebraço, (abaixo do joelho) que fica dependurado como um pendulo, sem força, o animal caminha socando o chão, com um movimento *de socar.*

Si quer correr cahe.

Esta mutilação inutilisava o animal e éra muito pouco usada.

Um meio posto em pratica para costear um d'esses baguaes éra acolherar com uma égua madrinha; abrutalhado, arisco, irrequieto, suppliciava sua parceira, mas com o tempo e costeio ia socegando.

Ainda um outro processo mecanico só usado pelo pessoal baixo, consistia em atar nas mãos de uma gaviona dois pedaços de couro com sobra roçando no chão, ao correr a pata de traz pisava no couro e ella tropeçava e ás vezes cahia.

Os methodos dolorosos éram tambem muito empregados.

De uma feita, em viagem com cavallos por deante, uma d'essas ventanas levava a pontear, a desviar-se ora para um lado ora para outro a querer disparar, encerrados

na primeira mangueira, um arrocho feito com guasca na garrão domou pela dôr seus impetos de fuga.

Esta maneira de conter os impulsos para correr éra vulgarisado.

Em algumas estancias punham em pratica com resultado um outro processo doloroso. Consistia em dobrar a ponta da orelha para dentro e pôr um tento apertando-a n'essa posição de modo a não poder sahir. Com a dôr persistente entregava-se ao costeio.

Acontecia ás vezes sahir mais forte o arrocho, então dava-se uma gangrena parcial, com a ponta da orelha cahida ella ficava nambi.

Hoje em dia com os campos fechados todos os animaes são costeados e mansos.

Mas quando uma égua com cria caminha muito, ha um meio de fazel-a mais socegada é produzir uma regular mossa no casco que alcance a parte molle; ella fica muito manca com a dôr, mas dentro de meia duzia de mezes está sã.

Uma virtude do pastor de manada: quando uma filha d'elle chega a idade de procrear, elle corre com ella para fóra a dentadas, perseguindo até que ella abandone o seu grupo de éguas.

Ella se não entra para outra manada torna-se a vagabunda errante esteril, gaviona, de que fallamos.

Assim como existiam os cavallos selvagens que defendiam sua liberdade pela corrida a toda velocidade, tambem se criavam gados alçados vivendo a lei da natu-

reza e que se defendiam do homem ganhando no mato, sua fortaleza inexpugnavel.

Viviam sempre nas suas proximidades, raramente se afastavam da costa.

E'ram bellos animaes, grandes, orelhanos velhos, que vendo qualquer reboliço no campo enveredavam para seu refugio no fundo do mato, quasi sempre formado de espinilhos.

Com os gados alçados das coxilhas a cousa éra muito mais simples.

Os vacuns não têm o mesmo folego para correr que os equinos.

De modo que estes alçados que viviam nos campos éram facilmente dominados, ou a pata de cavallos em correrias, ou em volteadas a rumo do rodeio ou do sinuelo; os remissos éram laçados e acabavam se entregando ao costeio.

Outro tanto não acontecia com os gados do matto que não attendiam aos campeiros que quizessem atacal-os e desembestavam como cégos na direcção do seu esconderijo no interior do labyrintho.

O grande auxiliar com que se contava para capturar esses rebeldes éram os mosquitos.

Tudo quanto se cogitava fazer baseava-se no poderio d'esses insectos, que no verão desenvolvem-se nos matos em alluviões e atormentavam tenazmente esses gados, obrigando-os a se afastarem á tardinha para lugares altos, onde iam pernoitar.

N'algumas estancias, quando laçavam um d'estes re-

beldes, cortavam a cola bem em cima, tirando-lhe assim a defeza contra os seus tenazes inimigos.

Porem o que commumente se fazia na varzea da Estancia Velha, éram as batidas á tardinha.

Quando elles se retiram da costa para pernoitar nos altos, levavam silenciosamente pela beira do mato um grande sinuelo para o ponto de passagem d'elles.

Fazendo então a batida vinham todos a rumo da querencia; alguns misturavam-se ao sinuelo, attendiam, mas quasi todos crusavam cégos para o espinilhal, poucos éram laçados.

Feito quasi a noite éra um trabalho rude e perigoso, não faltavam desastres, cavallos corneados com tripas de fóra.

Pois esses animaes do mato creados selvagens, quando éram lidados, tornavam-se féras, bravios em extremo, um touro ou um boi atropelava facilmente e perseguia um cavalleiro sempre que se aproximasse d'elle, mas si o ginete se afastava rapidamente elle o abandonava.

Havia fazenda, em que a ordem éra dada para cada um laçar uma rez, na batida.

Vamos acompanhar a estrategia de um gaucho que laçou um touro bravio.

A extremidade do laço é exactamente a distancia apetecida para o seu instincto de féra se encaprichar na perseguição.

O gaucho bem montado deixa se atropelar e embora vá prestando attenção ao seu inimigo prisioneiro, escolhe o lugar para a manobra premeditada e segue n'esse rumo atravessando sangas e máus lugares.

Se o animal cessa as suas investidas, elle toreia sacudindo a corda.

As vezes para maior gaudio tira um pelego, fura-o e enfia no laço para o touro divertir-se.

Chegado ao ponto escolhido, passa uma ronda no touro, isto é, atira uma volta do laço até que elle meta as mãos e então cinchando com força o touro cahe e fica de pernas para o ar com a cabeça escorando o corpo.

Vem com toda presteza e pula do cavallo, pisa com força na aspa contra o chão para conservar a cabeça n'essa posição e com o maneador que já traz enrolado na cintura a proposito laça uma perna e passa uma volta por segurança, prende uma, depois a outra mão com o nó de focinheira ou de marinheiro, de modo que as duas mãos ficam unidas a uma perna; depois tira o laço e deixa-o.

Em toda essa manobra, o gaucho desenvolveu tino, destreza e audacia.

Assim maneado, o touro fica preso, pode levantar-se, mas não dá um passo para fugir.

Como este, os outros animaes laçados ficavam maneados com ou sem auxilios de um companheiro.

No geral a mão de um lado presa a perna do lado opposto, embora com um metro de distancia, éra o sufficiente para immobilisar uma rez, podendo conservar-se de pé.

Assim passavam a noite. No dia seguinte estavam mais subjugados, éram derrubados novamente para retirar as maneias, ao lado do sinuelo.

Tambem foi posto em execução na estancia um ou-

tro processo para pegar gado alçado do mato; éra uma armadilha.

Construiram no lugar denominado Olhos d'Agua, n'uma varzea uma boa mangueira bem firme, com duas porteiras, d'ella partiam duas mangas uma curta e a outra muito comprida feitas de fachinas dos proprios espinilhos, de modo que esses gados éram obrigados a passar por dentro da mangueira nas suas excursões.

Depois de familiarisados por algum tempo com estas construcções, á tardinha, quando elles se retiravam para pernoitar longe, punha-se ás occultas e em silencio um sinuelo na mangueira e fechava-se com segurança a porteira da sahida. Dava-se a batida, elles habituados vinham para atravessar a primeira porteira e ficavam encerrados; depois de bem segura esta entrada elles ahi passavam a noite, no outro dia vinham retiral-os

Em toda estancia havia muito interesse em acabar com essa malóca de rebeldes ao dominio do homem.

Um grupinho que ficasse éra o bastante para encabeçar outros para o mesmo refugio e esse engrossaria sempre o numero dos remissos.

Estancias houve em que a tiros com armas de guerra exterminavam esse resto de animaes indomaveis.

No descanço do galpão depois de uma refrega com os gados e de churrasquear ao redor do fogão, o assumpto da palestra, entre essa gente simples e rude, corria a revelia acompanhada do mate; tinha particular interesse o que se referia aos animaes que lutavam pela sua liberdade, entre outros a pandilha dos bois do mato, como

cartas fora do baralho, se isolavam mas nunca perdiam o habito de procurar o retiro no fundo do mato; o brio n'alguns éra tão axaltado que uma vez laçado nunca mais apparecia, diziam.

Tornavam-se lendas os feitos de certos bois, sempre designados pela côr do pelo, o osco, o colorado, o jaguané.

Entre os animaes tambem ha differenças de caracters; assim o touro é ousado e atrevido, o boi mesmo bravio leva-lhe vantagem na intelligencia e na astucia, tem manhas e sabe esperar a occasião; para fugir torna-se mais paciente e insidioso que o cavallo. Entretanto este é dotado de mais tino ao rumo e mais apegado á querencia.

Um grupo de tres cavallos tordilhos, grandalhões chamados bois do mato, por viverem perto d'elles, fez uma viagem de 20 leguas em arco, fugio e foi dar na querencia.

Citam-se exemplos de muito maior distancia.

Havia bois cujo desapparecimento da encerra tornava-se um mysterio, sabendo-se que a porteira ficava reatada com maneadores.

Suppunha-se que um pulava a cerca a tantas da noite.

Mas ella tinha bastante altura e quanto a largura uma pessoa podia deitar-se em qualquer sentido!!...

Talvez com uma habilidade de cabrito subisse por uma depressão na cerca de pedra e descesse para fóra.

Ainda um outro seguia na tropa e na primeira encerra se escapava e vinha dar na querencia.

Este e outros incidentes que tinham apparencias mysteriosas éram repetidos como lendas.

Ainda sobre animaes temos a ponderar as consequencias produzidas pelo progresso na campanha.

As communicações faceis pelo telephone e os transportes rapidos pelos automoveis vêm prehencher muitos encargos que outr'ora pertenciam exclusivamente ao cavallo em casos de urgencia.

Pela mansidão relativa dos gados fechados em espaços limitados e pela moderação com que actualmente se fazem os trabalhos pastoris, bem poucos estancieiros, depois deste primeiro quarto do seculo XX, terão opportunidade de apreciar todas as modalidades do cançaço nos animaes equinos; e o que adiante vamos dizer será uma cousa do passado.

O cavallo de que se exige um esforço maior do que aquelle que elle pode fazer, soffre um estafamento que se manifesta sob uma das formas seguintes:

Cançado. O esgotamento das forças é completo, não ha esporas nem chicotadas que o obriguem a apressar o passo, termina parando de todo. A cara, os olhos parados brilhando, o suor e a posição da cabeça, o pescoço espichado são caracteristicos. A cara é tão singular que se diz de uma pessoa: tem cara de cavallo cançado.

Arreganhado. O animal que fez um esforço demorado sem beber agua, tendo comido pouco ou nada, arreganha.

O queixo torna-se cerrado a ponto de difficultar a retirada do freio.

As ventas deixam a posição ovalada do natural para

se achatarem no sentido contrario, o beiço superior se contrahe; elle fica com o aspecto de riso arreganhado.

Para cural-o faziam respirar a fumaça de panno queimado até correr agua das ventas.

A condição para o apparecimento d'esse mal em primeiro periodo é simples, basta não dar de beber, nem de comer.

Se isso se faz, mesmo parado um cavallo pode arreganhar e uma egua abortar.

Nas carroças das cidades se encontram animaes com esse mal em começo quando ha falta de cuidados

Abombado, um cavallo aguachado abomba correndo muito com o sol quente, fica resfolegando com rapidez e violencia a ponto de balançar o corpo acompanhando os movimentos respiratorios; n'um dia de calor com sol de rachar casco, o corpo cobre-se de suor abundante que corre pingando no chão.

Qualquer cavallo muito gordo nas mesmas condições de esforço e calor pode ficar aplastado, balançando.

Mas sendo habitual chamam-n'o abombado; subindo ligeiro um repecho mesmo não havendo calor abrazador, mostra cançaço, fica resfolegando forte.

Mal incuravel, talvez uma lesão no coração.

Uma singularidade do animal xará, tanto equino como bovino é abombar mui facilmente estando o sol a pino, no verão.

Será que o pello crespo arrepiado do corpo não protegendo a pelle, os raios ardentes do sol ahi penetram com toda a intensidade, produzindo modificações no plasma sanguineo, um choque hemoclasico?

Bater o coração. E' phenomeno rarissimo, que muito poucos terão apreciado, mesmo os mais veteranos, mas bem curioso no genero cavallo cançado.

Parece ser o apanagio do animal muito bom, forte e valente, quando chega ao gráo maximo do esforço, correndo muitas leguas atraz de uma bagualada gaviona, ou n'uma viagem demasiado forçada, percorrendo apressado distancias enormes.

Quando sobrevem esse phenomeno o animal pára estaqueado nas quatro pernas, fica com apparencia de assustado, n'uma attitude soffredora, como si esperasse amedrontado cada choque violentissimo do coração que bate mui compassado, mas faz estremecer todo o corpo cada vez que bate.

Parece tratar-se de um coração forçado ou de uma vagatoria intensa.

Essa perturbação é muito digna dos estudos de um physiologista.

O cançaço no bovino é differente, em cavallos nos dias quentes apparece logo o suor abundante.

O boi embora assoleado não tem suor, fica com a lingua de fóra, babando muito; o que faz lembar a phrase humoristica de Victor Hugo sobre o cão: Tem o suor na lingua e o sorriso na cauda.

RODEIO

Tres vezes no anno os rodeios tornavam-se obrigatorios, éram os grandes serviços de campo em uma estancia: Marcar, beneficiar, tropear.

Paravam-se tambem com outros fins, com mais frequencia para costeio, em algumas estancias, afim de curar terneiros, para dar sal nas invernadas de hoje, out'ora até para trazer vacas de municio e mui raramente a pedido de recrutadores.

Quando havia intenção de parar todos em uma fazenda fixava-se o dia de começar e tomavam-se as providencias de cavallos e aviso aos posteiros.

Esse serviço ainda hoje se faz o mais cedo possivel, o dado é ao clarear do dia no verão.

Si o rodeio ficava algumas leguas afastadas da fazenda, o problema da caminhada até lá se resolvia por um dos modos a seguir.

Se distanciava pouco de uma chacara ou estancia velha, na vespera a tarde iam todos para lá e sahiam de madrugada para o trabalho.

Podia acontecer, o que é raro, que n'esse fundo de campo não houvesse casa proxima, n'este caso pousavam no campo, no verão.

Si a distancia éra facil de vencer ficavam em casa mesmo; deixavam os cavallos atados nos palanques e levantavam-se das 2 ás 3 horas da madrugada, ou ao primeiro cantar do gallo a quem cabia a missão de despertar; havia quem o puzesse no quarto para esse fim.

Depois de uma refeição ligeira seguem para o serviço, ás vezes ainda bem escuro.

Este systema de ficar em casa e fazer grandes madrugadas éra o mais usado e hoje é imprescendivel *pour cause.*

Todos os rodeios de uma estancia tinham nomes e os mais vulgares éram, o do gado manso ou da porta, da coxilha, do serro, da varzea, do fundo, etc.

Nomes estes tirados sempre do local em que elle se achava.

Vamos parar um para mostrar como éra feito esse serviço n'aquella época.

Estamos em fins de Maio e ha que começar a marcação.

Trata-se primeiro de reunir no potreiro o maior numero de cavallos dos que estão mais pertos.

Em fazendas de donos caprichosos havia tropilhas ou mesmo quadrilhas de cavallos para os grandes trabalhos de campo.

Ficavam na mangueira um dia inteiro afim de adelgaçar e tosar e mesmo aparar os cascos, a um ou outro.

Os posteiros são avisados com antecedencia para virem auxiliar e no dia aprazado estão todos na estancia.

Sendo perto o rodeio não ha necessidade de ficarem os cavallos ao páu.

Então a recolhida no potreiro é feita por duas pessoas bem de madrugada, ainda escuro.

Logo que ella chega o pessoal vae se pondo a postos na mangueira com o boçal na mão para pegar cavallos.

Um peão, o laçador, sempre o mesmo, entra para laçar os animaes um por um, o capaz manda pegar ou a pessoa vendo que é do seu andar chega-se e põe o boçal.

Os que vão pegando voltam para ensilhar e tomar ainda alguns mates; todos já promptos de cavallos ensilhados esperam a ordem de montar para seguirem juntos; no fim de pouco tempo resoa esse aviso.

Seguimos, o rodeio que vamos parar é o mais proximo depois do gado manso e fica distante de casa cerca de 3/4 de legua; durante a marcha vae se estabelecendo certa ordem, alguns retardados nos alcançam a galope.

A serena manhã parece despertar com languidez de uma longa calmaria noturna, vem um pouco fresca como é propria no fim do veranico de Maio, as barras do dia já despontaram e a estrella d'Alva já começou a afrouxar o seu brilho, a aurora vae pouco a pouco entregando ao grande astro do dia a claridade que elle nos traz com lentidão, em demorada marcha para surgir no horisonte.

Felizmente não ha cerração, nem nos altos, nem nos varzedos

Marchamos ao tranco, alguns animaes vão lufando ruidosamente com o frescor da manhã.

Os companheiros mostram-se alegres, satisfeitos, com phrases agauchadas de um e de outro.

N'esse bello despertar do dia todos nós vamos sentindo o bem estar suavissimo da aragem fresca e vivificante que vae nos impregnando de um sentir agradavel de vigorosa animação.

Seguimos por uma estrada quasi apagada, subindo uma encosta com trepada suave, logo acima um chapadão d'onde melhor se descortina o horisonte.

A ordem em que marchamos é a normal para todos os estancieiros e assemelha-se a dos militares.

O capataz vae adiante commigo e mais dois companheiros, logo atraz vem a gente do serviço, uns vinte e tantos homens, formando dois ou tres pelotões; são escravos, agregados, posteiros e talvez algum peão; logo em seguida vem a cavalhada, trinta e tantos cavallos gordos, delgados, aos cuidados de um indio velho e de dois gurys.

O capataz volta-se para sua gente e chama:

— Cesario!

Este se approxima para receber ordem.

Diz-lhe o capataz, fallando alto, claro, com voz compassada:

— Vae tocar da divisa. Cuidado com aquelle gado que costuma cruzar a restinga para o outro lado.

Leva o João Manoel, o Horacio e o Alipio.

O Cesario volta ao pelotão, convida os tres citados e seguem a galope.

D'ahi a pouco elle torna a virar-se e grita:

— André! (Este pardo éra o typo do homem do campo, bom, alegre e brioso.)

Elle attende, chega ao alcance da voz e ouve:

— Vae tocar do banhado.

Leva tres pessoas, faça entrar um pela costa e recommenda de irem gritando quando chegarem ás coxilhas para os companheiros attenderem.

Cuidado com o gado das triuvas.

Todos os que vão recebendo ordens tocam a galope para os pontos indicados.

Torna a despachar mais tres para o rincão do canhambola (quilombola) e mais cinco para o serro da figura, que embora bem vaqueanos levam algumas recommendações.

E assim aos 3, 4 e 5, distribue todos para formarem um grande circulo de legua e meia talvez mais.

Este circulo vae se estreitando a proporção que os gados se approximam e no fim de uma hora mais ou menos se fechará no rodeio.

Nós seguimos para lá a trote e a cavalhada vae no mesmo sentido.

Os paradores de rodeio chegam aos pontos que lhe foram indicados com pouca differença de tempo uns dos outros.

Vão se distribuindo em pontos mais ou menos distanciados, de modo a movimentar todos os animaes d'aquella zona.

Vão encontral-os tranquillos nas querencias, espalhados pelos altos e pelas baixadas, mas assim que avistam gente levantam a cabeça e os mais alçados, desabituados d'aquellas apparições principiam a mover-se. O campeiro procura approximar-se pelo lado conveniente para dar-lhes boa direcção.

Começa a tocar os que estão mais pertos e vae se avizinhando dos outros, sempre espantando para fazel-os trotear, quasi sempre aos gritos, ageitando para juntal-os.

No inicio d'esses trabalhos, de um ou outro ponto, de longe em longe, sahe um grito vibrante demorado com sonoridade especial, que nas manhãs silenciosas das campinas se ouve a grande distancia e que faz um vizinho de campo dizer: — Lá estão de rodeio.

Um campeiro procura desempenhar-se sómente dentro do sector que lhe foi designado e sabe que não deve adiantar-se muito para não deixar gados passarem pela culatra.

Acontece mesmo ser obrigado a parar o cavallo, no alto de uma coxilha ou para esperar uma ponta de gado que costuma surgir e cruzar n'aquelle lugar, ou mesmo para se orientar, pois não vendo nada, nem ouvindo rumor algum, fica n'uma espectativa até que chegue aos seus ouvidos o tropel de animaes, gritos, ou mesmo aviste um companheiro afanoso lidando na chapada proxima.

O seu fogoso corsel que durante essa espera estava desinquieto a mastigar o freio com força, a escarcear, a mover-se e a escarvar o chão, surprehendido por ouvir o rumor ou grito ao longe levanta bruscamente a cabeça e pende rapido as orelhas para a frente n'uma attitude firme a prescrutar o horisonte como si tambem quizesse fazer reconhecimento.

O cavalleiro pelo que vê conhece a situação e sabe como deve dirigir-se, segue a galope para continuar a sua missão, vae tocando e repontando o que tem pela frente.

Por toda parte do grande circulo ha animaes em movimento, o serviço generalisou-se, o reboliço leva uns a trotearem e os mais ariscos a dispararem, alvorotados seguem rumo incerto.

Na parte que lhe está adstricta um parador de rodeio procura ser activo; vae para um lado, vae para outro a repontar, esforçando-se para juntar os animaes afim de melhor conduzil-os, n'essa lida emprega todo o seu empenho, anda sempre a galope, subindo trepadas, descendo lançantes, atravessando sangas apressado para reunir ou perseguir um grupo que vae desviar-se.

Não perde tempo, torna-se deligente e desempenado para encaminhar todos no mesmo rumo, ás vezes aos gritos de: fóra, fóra.

Vê no dorso das coxilhas proximas pontas de gado que vão surgindo tocadas por companheiros mais proximos e do lado opposto avista tambem um outro que anda na mesma azafama.

Às vezes surge perto um bem a proposito para auxilial-o, pois repetidas vezes elle vê-se embaraçado para atacar dois grupos em pontos differentes e distantes, por isso dá graças, quando apparece um que vem dar-lhe ajutorio.

Acontece que algumas rezes manheiras, depois de seguirem a direcção certa, de repente viram a cabeça e voltam para traz, a elle de dar de redea ao cavallo e alcançar para trazel-as ao bom caminho.

De ordinario as pequenas pontas de gado troteando e galopando vão se juntando a outras cada vez mais numerosas e o cavalleiro que não cessa de mover-se atraz,

ora de um, ora de outro grupo, vae levando-os na direcção do rodeio.

A esta altura do serviço os companheiros já vão se approximando e aos dois e aos tres seguem levando as grandes porções de gados.

As éguas das manadas costeadas onde tem cavallos mansos vão direito de mistura com os gados.

Mas as que costumam gavionar assim que sentem o barulho no campo se agitam rapido e correm atoa, sem rumo e tendo uma égua matreira na ponta esses animaes tomam tal impeto na corrida que difficilmente são atacados em outros pontos do grande circulo.

Si alguma ponta de gado, que a principio seguia o caminho direito, começa a recambiar atraz de uma coxilha e quer sahir fóra do circulo, encontra logo adiante quem a reponta na direcção que deve seguir.

Ha tambem outros que são vezeiros em fazer cruzadas de um ponto para outro de modo a se escapar. Ahi ha que saber d'essa manha para esperal-os.

Assim trabalhados e desenganados acabam cedendo aos porfiados esforços dos campeiros e seguem a direcção conveniente, ás vezes por pequenas estradas e vão dar ao ponto desejado em que todos se reunem.

E' de notar que n'esses momentos quando ha cerração muito forte e os animaes já são bem costeados e vaqueanos o campeiro segue atraz d'elles sem receio de perder-se assim vae dar ao rodeio.

Os cadetes (as pessoas amigas, auxiliares ocasionaes) que a esse tempo já se achavam no terreno com

vestigios de rodeio, vão juntando e atacando os animaes que chegam.

O capataz tinha ido se postar em um ponto alto para observar o serviço.

Elle nunca fica inactivo, como em toda parte trabalha, alvitra e dá ordens.

Com a chegada continua de gados rapidamente vae se avolumando o rodeio. Os primeiros peões a chegar com gados são naturalmente os que foram tocar de mais perto.

Os que se dirigiram a maior distancia trazem o grosso, são os ultimos a se approximarem, vem na culatra a trote, conversando, contando os incidentes e accidentes que tiveram ou apreciaram.

Seus cavallos vêm suados, resfolegando, dando mostras de que correram muito, trazem os arreios meio em desordem. Se veem algumas rezes babando de cançadas; não poucas vezes se encontram veados no meio do troço do gado.

Tudo demonstra o quanto foi exhaustivo o esforço que fizeram para os remissos seguirem o bom caminho.

Pouco a pouco o ajuntamento se completa.

Antes mesmo de cerrar o rodeio, ouve-se o continuo berreiro dos animaes, terneiros, vacas e rezes adultas.

Em seguida retira-se a eguada para o parador.

Si tem alguns cavallos que sirvam, apartam-se para a cavalhada.

Esta é levada para um lugar apropriado, onde possa se fazer um circulo, afim de mudar cavallos.

Si tem perto algum accidente do terreno que auxilie o circulo, busca-se esse ponto.

Todos tem necessidade de trocar as suas montarias por outra.

Cada um que vem chegando procura n'esse circulo um lugar onde haja espaço a prehencher e ahi desencilha.

O laçador habitual procura laçar de tirão, ou reboleando pouco.

Cada um por sua vez chega-se com o boçal para pegar o cavallo do seu andar.

Ahi devem estar todos com muita attenção e o maximo cuidado, pois um cavallo assustado procura sahir d'essa roda, mesmo assim ás vezes se escapa um ou mais.

O peor é o sahir um com o laço campo fóra, o que constitue um grave transtorno e atrazo para o serviço; d'ahi que se consiga pegal-o, ha demora grande.

Mudados de cavallos voltam todos para o rodeio para apartar terneiros.

Primeiro cuida-se de reunir algumas rezes mansas para sinuelo, ou então fazel-o de gado que tenha algo branco no pello, oveiros, bragados, tobianos, etc.

Ha estancias em que o serviço de aparte se faz coando o gado; depois de ir afastando mais de metade do rodeio, só deixando voltar as rezes de que não precisam.

O mais usado é o aparte livre, em ternos de dois campeiros; procuram tirar o terneiro com a vaca para que mãe e filho fiquem juntos, quando isso é possivel. Ti-

ral-o isolado é mais trabalhoso, um terneiro de anno corre ligeiro e é difficil de lidar no campo.

Apartado o numero de bezerros que se podem marcar n'aquelle dia, os atacadores de rodeio são chamados por meio de gestos para virem acompanhar este gado que segue para a estancia.

Quão differentes são os rodeios de hoje e os serviços relativos.

Campos fechados, gados costeados, serviços moderados.

A começar pelo modo de pegar os cavallos com o laço esticado em que todos entram em forma como si educados se enfileirassem para receber o freio ou o boçal.

Rodeios grandes não é mais possivel em campos fechados e divididos em pequenas invernadas.

Hoje são agrupamentos de 200 a 500 cabeças, que se fazem com 3 a 6 pessoas, quasi sem galope, sem cançaço, devido a mansidão dos animaes bem costeados e quando reunidos no lugar desejado, ficam a vontade como n'um parador, esparsos, quietos.

Out'ora, circulo enorme feito com grande numero de campeiros gados difficeis, chucros, alçados, que deixavam os cavallos estafados. Nos pequenos rodeios, os animaes estavam sempre em gyro, rodeando.

MARCAÇÃO

Na marcação passava-se o melhor periodo da vida para a peonada moça da estancia, éra a temporada da folgança e da alacridade.

Na vizinhança sabiam de vespera que esse serviço ia começar e si o inverno não éra rigoroso, nem o rio estava cheio, appareciam na fazenda algumas pessoas amigas, como amadores afficionados ou dilettantes do serviço, a que dava-se o appellido gracioso de cadetes.

Em algumas estancias vinham em grande numero homens do trabalho, que se offereciam para fazer o serviço sem paga, só pela diversão e pela boia; eram aceitos os que podiam se tornar necessarios.

Ospreparativos que precediam a marcação constavam de algumas carradas de lenha amontoadas do lado de fóra da mangueira, junto a cerca. Pelo lado de dentro encostado tambem a cerca de pedra ficava o fogão, onde se esquentavam as marcas da fazenda, aos cuidados de um homem, o marcador.

Os concorrentes a este serviço de brinquedo pulavam para a mangueira com o laço na mão, alguns sem casaco e com o lenço amarrado na cabeça, de pés no chão, calça ar-

regaçada, na cintura um ou outro com tirador de couro de capivara cortido.

O gado com a terneirada ficava na mangueira menor ao lado, uma porteira dava passagem para a mangueira grande. O terneiro laçado a cavallo com um sovéo curto éra puchado para esta.

Ahi se achavam os pialadores, ás vezes esperavam formando fila e pialavam de cucharra, de tirão e de sobrelombo. O terneiro ao passar a porteira corria, então choviam os pialos; si nenhum acertava elle voltava com o animalzinho até o ponto inicial dos pialos até que algum o derrubasse com uma tirada certeira.

Em pouco tempo crescia a agitação, se animavam os concorrentes pelo brio de se mostrarem mais dextros uns do que os outros, incrementava-se uma especie de torneio; vinham os desafios acompanhados de phrases trocistas, e de tiradas agauchadas como estas:

— Solta o torito que eu te pago a cucharra.

— Oigate prosa!

— Deixa correr que te vou mostrar.

Tambem se ouvem palavras zombeteiras meio gritadas:

— Quem me paga este pialo?

— Larga o bicho que eu vou fazer elle testavilhar la adiante.

— Agora no mais te devolvo o sobrelombo.

Como estas muitas outras, ás vezes em tom de mofa ao cahir o terneiro.

— Aperta quem não sabe pialar!

— Oh, moçada alegre!...

Em outros lugares os ditos podem variar, porem todos com a mesma bizarria nos costumes.

— Aperta manheiro, marca marqueiro.

Incançaveis e contentes, o serviço marchava debaixo d'essa alacridade de gauchos que se divertem, com gargalhadas e chacotas aos mal succedidos e aos incidentes comicos; exclamações joviaes aos felizes.

Esta basofia incitativa é a alma gaucha.

Ella estimula a competencia, anima os contendores e alegra o meio.

As expansões da jovialidade camponeza corriam parelhas com o serviço regular feito sempre com vivacidade e presteza.

Si acontecia auzentar-se o capataz ainda mais viva se tornava a folia.

Deitado o animalzinho éra apertado e virado para o lado bom, caso não estivesse; si o marcador se demorava na sua missão gritava um com voz pausada, escancarando as syllabas:

— Marca, signal e tarca!

O ferro em braza assentavam na picanha si éra chucro e na perna no caso de ser do gado manso.

A abundancia de fumaça que sahia do pello e da pelle queimados tinha um cheiro caracteristico, não desagradavel; nas orelhas faziam o signal da fazenda que podia ser móssa, brinco, palmatoria, etc. d'onde brotava um pouco de sangue.

Depois de solto, sentindo as dores da marca quente, elle galopava para o fundo da encerra, onde estavam os

outros, n'esse momento algum tiro de laço bem dado e a desafio tornava a derrubar.

N'uma d'essas, um gauchito estudante com ares de moço da capital dá um lindo pealo de sobrelombo, segurando na presilha, que provoca exclamações de applausos, risadas e galhofas e a pergunta si na cidade tambem se pialava.

— Sim, mas com palavras, respondeu elle.

Novas vozes dos pagodistas alegres.

O marcador voltava com a marca, mas antes de pol-a no fogo assentava no sebo collocado em cima d'um pedaço de couro que ficava ao lado do fogão, para engraxar o ferro, dizia.

Si acontecia haver bezerros de algum morador da estancia, a sua marca éra esquentada do mesmo modo.

O capataz sentado na cerca sobre um pellego assistia o serviço, tendo na mão um pedaço de couro de lonca de quatro tentos compridos com um centimetro de largura, onde assentava um por um os terneiros marcados, fazendo com a faca uma pequena mossa na quina do tento e a cada dez assignalava com um traço largo.

Aquella gauchada tambem se alegrava com o churrasco preparado ali mesmo no brazeiro do fogão das marcas e até assado com couro; pois, se acontecia um terneiro quebrar uma perna éra logo sacrificado e aproveitado d'aquella maneira.

As pessoas mais de cima participavam ás vezes d'esses piteos rio grandenses tão apreciados de todos.

Passavam-se algumas horas agradaveis e distrahidas em assistir aquelle movimento activo e alegre.

Si o dia não estava muito frio e desagradavel appareciam algumas pessoas dos ranchos na cerca para apreciar esse trabalho animdo e divertido dos seus.

Terminado elle soltava-se o gado que tinha tempo de alcançar a querencia.

N'esses affazeres passavam-se alguns dias, havia diversos rodeios.

Continuavam-se depois na estancia velha.

O serviço de marcação foi perdendo o caracter alegre de brinquedo rustico, a proporção que se valorisavam os gados; começaram a ser feitos com mais cuidados, sem pialos.

Alguns atavam uma roldana de ferro na tronqueira ou melhor n'um páu fincado a proposito; o laço em que vinha puchado o terneiro éra passado n'ella, de modo que ao ser aproximado á roldana elle se achava meio dependurado, com as patinhas da frente levantadas e assim tornava-se mais facil pol-o deitado para receber a marca.

Outros estancieiros mandavam puchar tambem a cavallo, tendo dois homens encarregados um de agarrar na perna e o outro de torcer a cabeça para fazel-o deitar.

Hoje está mais usado o tronco, onde se embretam todos os terneiros; cada um é puchado pelas pernas e arrastado por baixo da ultima vara do brete.

E assim terminaram as folganças tão apetecidas das marcações.

Ainda em uma ou outra estancia se encontra o uso do pialo.

Quando tratava-se de marcar potrilhos a eguada ficada na mangueira pequena, o fogão para esquentar as marcas fazia-se n'um canto d'ella.

O homem a cavallo se utilisava de um laço curto e o pialador chegava pela frente do animalzinho e abria o laço nas mãos para pegal-as e o cavallo cinchava um pouco; assim agiam mais com a intenção de enforcal-o para derrubar do que para pialar, mas si elle mettia as duas patinhas na laçada a queda se dava mais depressa.

Procedendo d'essa maneira tinham em vista evitar que se quebrasse, pois com um tombo violento éra facil partir uma das quatro perninhas finas e compridas.

Em seguida que deitava no chão, apertavam e punham um laço nas pernas para evitar os movimentos e pataços ao sentir a marca queimar.

Procedia-se do mesmo modo na tozação de éguas; aqui se tornava mais necessario o tirador ás vezes de pellego para não estragar a roupa ao empregar toda sua força, quando preciso vinha mais um para ajudar a puchar no pialo si o animal éra mui pesado; mesmo assim empinava-se e ás vezes acontecia em pinar-se tanto que cahia para traz, batia com a nuca no chão e morria; geralmente manoteava muito e si a queda éra forte acontecia mesmo lunanquear-se, isto é, ficar com uma depressão no osso mais saliente do quadril, defeito logo notado, mas que não inutilizava, nem prejudicava o andar.

Por isso éra preferivel o enforcamento em que o animal cahia com moderação.

Este serviço éra feito na primavera.

Na tosação d'essa animalada sahiam alguns sacos de cabello.

Para substituir esses processos violentos e asperos nas lidas com animaes chucros, existe hoje o tronco que n'este particular nada deixa a desejar para a contensão dos mesmos.

Ainda algumas linhas sobre a marcação dos bovinos.

Tem sido incrementada a propaganda contra o velho habito de marcar o vacum em partes do couro que mais tarde fazem desmerecer a sola.

Acho possivel essa modificação, attendendo a que já passou a época dos campos abertos e dos gados espalhados pelo vinzindario que de longe mostravam a marca do seu dono.

Hoje não ha mais gados estraviados, nem a necessidade das recrutas, os campos estão fechados e limitados por alambrados, que os animaes respeitam.

Felizmente os nossos fazendeiros são dotados de intelligencia esclarecida e hão de reconhecer não só a desnecessidade dos grandes ferros, como o mal que causam aos fabricantes de sola e escolherão partes do corpo mais a proposito.

Na Bahia desde 1925, por decreto do governo estadoal, a ferra se faz nas extremidades do animal, embaixo, na perna ou no braço, no pescoço ou na cara, partes que não estragam a integridade da sola.

Esse Estado do norte, que possue muita creação de gado, espera por essa razão que seus couros tenham melhor classificação nos mercados europeus.

TOUROS

Beneficiam-se no inverno — o aparte no rodeio — o anceio de sobresahir n'esse torneio — como se apartava — os remissos — os que fogem — um gauchito que não se assustou — os accidentes do aparte — o terreno molhado — o gado marcha para a estancia — as féras mal humoradas — um touro no laço — a cadena — um touro brazino confirma a fama — a encerra — no serviço de campo esquecem-se as horas de refeição — como procediam em algumas estancias — os preparativos de resistencia — beneficiar os animaes — os que embraveciam — olha o touro! — os riscos d'esse trabalho — valor do gaucho — seu denodo — factos, lembranças inapagaveis — os corvos indicam os mortos — vantagem do tronco — beneficiar na marca — os cordeiros.

A lida com os touros só tem um fim, beneficial-os

Benefiar é a expressão usada quando trata-se de fazer ablação de orgãos que têm importante papel na reproducção da especie.

Esta operação se praticava out'ora em touros crea-

dos de 3 a 4 annos acima e em tempo frio, principios de Junho ou fins de Agosto.

Como todo trabalho sangrento em animaes, deve ser executado durante o frio do inverno pela auzencia das moscas, das suas nymphas e larvas (varejas e bichos).

A descripção d'esse serviço como se fazia n'esse tempo, vae ser começado pelo aparte e serão apresentados todos os accidentes e circumstancias mais interessantes.

Como se parava um rodeio já foi dito em outro lugar.

Depois de mudarem cavallos, a grande maioria ia atacar o rodeio e o sinuelo se fazia do gado manso.

Dois ternos de apartadores (os ternos aqui são de dois) compostos dos mais dextros e traquejados campeiros bem montados se encarregavam d'essa lida.

Antes de entrar no rodeio lembramos que muitos trabalhos da vida rural se executam como si fossem diversões ou sports em que patrões e peães se entregam com certo ardor.

No seguimento d'estas lidas os impulsos acalorados tão necessarios trazem o desejo ardente de gauchadas, o anceio de sobresahir e de incentivar a agilidade por simples gozo.

E como não ser assim? Pois a campanha e esse meio convidam aos moços para distenderem as forças e suas dextrezas, de resto o trabalho ahi é uma lucta com os animaes em que o bonito consiste em agir com garbo e pericia para serem vencedores radiantes.

E n'um torneio vencer é gozar.

Alguns apartadores de brios mais vivos se allivia-

vam dos ponchos e casacos e penetravam no rodeio de animo disposto, como si entrassem n'uma arena para mostrar destreza, tendo como espectador, os companheiros que atacavam o rodeio.

Os corseis traquejados n'essa lida pareciam comprehender o que se esperava do seu vigor.

Havia animaes tão amestrados no serviço de apartes, que ensinavam a trabalhar um campeiro inexperto.

Assim como nas corridas de cavallos ha alguns que ficam excitados na cancha antes da partida, assim tambem para apartar havia os que se tornavam como loucos e atiravam-se com impeto sobre uma rez.

Cada terno penetrando no rodeio procurava um touro madurão em condições, avistado elle iam ageitando para a beirada e quando se achava quasi isolado faziam uma agachada estrondosa com grito ruidoso para o assustar e tiral-o para fóra; si sahia perto do sinuelo a couza éra simples, competia a um dos atacadores abrir o cavallo para facilitar-lhe a entrada.

Mas si a arrancada se dava distante o levavam correndo pela beira do gado até alçançar o grupo dos apartados.

Nem todos seguiam com essa facilidade para onde o queriam levar, havia os rebeldes, os teimosos.

O serviço embora feito com vigor não éra grandemente perigoso, pélo menos no principio, salvo algum accidente sempre possivel, como pranchadas, rodadas, encontrões.

Mas depois de algum tempo de movimento os animaes começavam a dar mostras de teimosia.

Um que vae correndo bem de repente senta, rabona o cavallo, e vae para o rodeio, é o manheiro.

Alguns só depois de porfiados esforços, muito relhaço e a encontro de cavallo se desenganava e cedia.

Acontecia um teimar em demasia em não querer sahir já tendo sentado diversas vezes; chegam então tres ou quatro apartadores, um o leva a encontro de cavallo, outro agarra na cola, outro na aspa, a relho, um pouco de grito meio em troça o levam quasi de arrasto para o sinuelo, já cançado desengana-se e fica socegado.

Outro depois de apartado volta para o rodeio.

Os rebeldes tem sua razão, em fins de Agosto, nos primordios da primavera, a natureza se desperta e tem exigencias insistentes.

Ainda um outro touro busca a liberdade correndo campo fóra e a pata de cavallo e ás vezes a cachorro vê-se coagido a voltar .

Mas um outro corre muito e se afastou em demasia; é sempre com garbo que o gaucho a toda redea desata o laço dos tentos, faz a laçada, arrebolea o laço e o atira com firmeza e segurança enlaçando-o pelas aspas.

E' um feito bonito, uma verdadeira gauchada; pois é difficil pela resistencia do ar fazer o laço alcançar um touro a toda velocidade.

A tão grande distancia do rodeio o que deve fazer, si tem dois auxiliares, é derrubar, beneficiar e soltar.

Outro campeiro bem destorcido e bem montado segue a toda redea atraz de um lindo touro veterano d'aquellas querencias, ao botar a mão no laço o cavallo roda,

o bello animal altaneiro e vencedor toma distancia desaparece no dorso da coxilha e se embrenha n'uma canhada.

Ficará para outra vez.

Ali vae um camperito novato fazendo sua aprendizagem em laçar touros, segue atraz de um, correndo por um lançante abaixo e reboleando o laço, o cavallo tropeça, roda e resvalla cerca de oito metros pela velocidade e declividade do terreno, o gauchito ao lado vae virando cambalhotas. E oh! espirito salvador, no meio das viravoltas que seu corpo fazia, vem a lembrança inquietadora de que podia estar enredado no laço e se esforça para levantar-se primeiro que o cavallo.

Vê-se laçado pelo cintura!!...

Com toda presteza mete as mãos, solta a laçada no chão e pula fóra d'elle.

Foi o quanto deu para salvar-se, pois o cavallo tambem presto levantou-se e sahiu a toda brida por uma pedreira e sanga proximas, instigado pelo laço enredado na virilha.

Os pellegos ficaram estendidos pelo shão formando uma diabolica cama.

O gauchito passou por tudo sem assustar-se.

O Auctor escapou-se de boa e nunca mais pegou em laço.

Si uma pessoa sahe assim de arrasto como estive ameaçado, não falta quem grite:

— Córta o laço!

Casos ha em que cahe a faca e em vez de cortar o laço, o gaucho pucha o revolver e desfecha balas no cavallo até inutilisal-o e fazer parar.

Vejamos alguns accidentes do aparte no rodeio.

Um bom campeiro e o seu cavallo devem fazer um só corpo, cujos membros se completam reciprocamente. Elle a cabeça, o corsel o corpo, como um centauro; para isso tem que trazer a fogosidade do seu cavallo contida pela redea.

Mesmo assim pode acontecer algum damno mais ou menos infeliz.

Um ginete com muito ardor e pouca precaução deixa o seu impetuoso corsel no calor da acção atirar-se como um louco e meter o encontro na anca do touro correndo; a rodada é quasi certa, as pernas d'elle falseiam as mãos do cavallo e este cahe, ás vezes vão os dois de trambolhão, mas si corre algum risco não faltam auxilios promptos dos companheiros .

Na agitação d'esse trabalho póde ainda dar-se a facto de um apartador novato e afoito n'uma corrida vertiginosa ir de encontro e pechar-se a uma vaca parada, então é um tremendo boléo de tres.

Si o choque foi violento e de geito, o rapaz pode perder os sentidos e o cavallo despalletar-se.

Um terreno molhado por uma chuva anterior fica resvaloso e quasi sempre dá lugar a accidentes, ás vezes sérios, outras vezes jocosos, pelas resvaladas frequentes.

E' verdade, que em taes condições, os lidadores espertos trazem os cavallos firmes pelas redeas e trabalham com cautela, embora possam fazer frequentes esbarradas; mas outro menos avisado lá tem um momento em que correndo faz uma volta ligeira e o animal prancha-se e aperta-o pela perna, sem maior damno que um susto.

Com a humidade do solo acontece frequentemente uma rez correndo resvalar e sahir testavilhando.

De ordinario o trabalho corre animado e em uma ou n'outra beirada do rodeio ha movimentos de gado pela agitação dos apartadores.

Depois de hora e meia ou duas de trabalho incessante com mais ou menos difficuldades, com accidentes ou sem elles, éram retirados os touros que estavam em condições de se tornarem dentro de alguns mezes lindos e gordos novilhos para flôr de tropa, como dizem hoje.

Terminado o aparte o capataz dá ordem para o gado marchar e a um gesto de chamado o pessoal vae abandonando o rodeio e vem formar um circulo ao redor d'este bicharêdo que segue ao rumo da estancia.

Quando se lidava com esses animaes bravios todas as pessoas ficavam mais attentas.

Uma d'essas féras tem movimentos rapidos, a sua arrancada é ligeira, ou para atropellar um cavalleiro ou para escapar-se. Por isso ha necessidade de ir sempre observando seus movimentos e intenções.

Pois nunca falta um animal ou outro que venha dando mostras de mal humorado e si elle faz alguma ameaça, ouve-se o aviso em voz alta ou gritada:

— Olha o touro!!...

Pode acontecer que algum mais brabo faça uma investida séria contra um campeiro, este abre o cavallo e elle aproveita a abertura no circulo para sahir campo fóra e muitas vezes consegue.

Nos serviços campeiros não ha necessidade de man-

do, cada um conhece o seu dever e gosta de executal-o com presteza.

Assim, si sahe na sua frente um animal, elle immediatamente o persegue para atacal-o, ás vezes outro companheiro vem em auxilio .

Quasi sempre consegue fazel-o voltar ao gado.

Mas si foi preciso laçal-o vae um terceiro para ajudar; então procuram aproximal-o do gado afim de derrubal-o e tirar o laço.

A tropa fica parada a espera .

Ao continuar a marcha outra tambem disparou campo fóra e como éra muito corredor foi lançado já bem longe.

N'este caso depois de derrubado, elle não se levanta do chão sem uma cadena, (*)o primeiro pucha e o outro vae acompanhando e tocando.

Si trata-se de um animal emperrado que não quer andar, empregam o relho dado com pulso de homem vigoroso, os esporaços na picanha, os laçaços no lombo com o laço dobrado, ou melhor os argolaços. Ha um outro meio mais efficaz pela dôr que provoca, é quebrar a cola, o que faz o animal priscar para diante, ás vezes com um berro.

Pode acontecer falharem, ou não serem empregados esses processos rigorosos, então um campeiro atira uma laçada no trem posterior do touro pegando o lombo e os

---

(*) Para fazer a cadena o laço desdobrado é passado cingindo as aspas, na argola livre sobre a testa entra uma pequena laçada, dentro d'esta mettem-se as dobras de outro laço a laia de cunha, tudo é firmado e experimentado.

quartos acima dos garrões, assim puchado elle fica n'uma attitude grotesca, mas caminha, embora forçado.

Um touro cançado e judiado procura, como qualquer vacum, se introduzir n'um grupo de gado.

Chegando perto da tropa e encaminhando-se para entrar nella, o ultimo laço sahe por si mesmo, então o da cadena cincha um pouco e os dois laços se desprendem da cabeça e soltam o rebelde vencido.

A tropa segue a marcha.

Um incidente. Um touro brazino vira-se de repente e faz carga, ao dar de redea ao cavallo uma estrada cavada barra a retirada rapida, o cavallo é corneado no quarto.

A triplice coincidencia de ir pela primeira vez no flanco da tropa, de ser atacado pela celebre aspa de boi brazino e ainda barrado pela estrada afundada, tal éra em que pensava seguindo de vagar para casa o Auctor desapontado pelo desastre.

Si alguma outra disparada não retarda a marcha, a tropa chega inteira e sem mais demora a entrada da encerra e ahi com o atropelo na culatra, quasi sempre espirravam alguns animaes.

Reunindo-os a outras rezes mansas se acommadavam e éram novamente levados a entrar no curral.

Depois de bem fechada a porteira o pessoal retirava-se.

Os serviços de campo variavam muito quanto a intensidade dos trabalhos e do tempo que levavam.

A demora podia ser tanto das lidas no rodeio, como

da grande distancia para chegar em casa, o que podia ser ás 2 horas da tarde ou mesmo depois e isso dava-se com frequencia.

Si paravam-se dois rodeios distantes só muito depois d'aquella hora chegavam em casa para almoçar.

De resto, iniciado um serviço essa questão éra bem secundaria, ninguem se lembrava de que as horas corriam, nem se cogitava de refeição que podia ser no fim do dia.

Tal é o ardor e a pujança dos homens de trabalho nas estancias.

Podia acontecer vir pouca tourada de pequena distancia e então depois de meio dia faziam o serviço.

Porem se tinham chegado á tarde, deixavam o trabalho para outro dia pela manhã.

N'algumas estancias essas tropas chegadas dos rodeios ficavam em pastoreio e cada dia traziam novas porções que juntavam ás primeiras e demoravam uns tres dias em costeio, dormindo soltos no potreiro ou escerrados na mangueira.

Essa demora tinha dois fins, costear e adelgaçar os animaes; adiante se dirá a razão porque procediam assim.

N'algumas estancias quando havia muita gente para esse serviço se fazia em campo raso com bastante cancha para lidar e a pouca distancia da casa.

Outros encerravam a tourada na mangueira grande, fosse por commodidade, fosse por pouca gente ou systema de uma estancia; d'ahi éram laçados e tirados para serem castrados.

Convem lembrar que para este serviço lento, pesado e perigoso, tudo tinha que ser medido pela bitola alta do esforço.

Os homens creados n'essas lidas rudes e grosseiras éram moços na destreza, maduros no vigor e guapos na acção.

Os cavallos desde potrilhos exercitavam suas forças nas correrias e depois de domados entravam em trabalhos reiterados e longos, sahiam robustos e valentes, capazes de serviços de sol a sol.

Tal foi o periodo aureo da boa cavalhada, em que com prazer se lidava e éra um gosto vel-os trabalhar.

Em todo caso as esporas e o rebenque enfiado no punho esquerdo serviam para activar o pingo n'esse pesado e moroso serviço.

A rusticidade dos touros se equipavara a robustez dos cavallos.

Para laçar e derrubar esses animaes pesados, em pleno vigor da força, só com laço grosso de inhapa forte, cincha bem resistente com lategos reforçados.

Esses elementos assim harmonicos na fortidão, na resistencia, deviam estar preparados desde o começo do serviço.

Conforme vimos a tourada ficava na mangueira grande.

Para começar o trabalho se postavam na porteira dois atacadores; algumas quadras de distancia, punha-se o sinuelo, folgado, a vontade, só de gado manso.

O pessoal para o serviço activo compunha-se de dois ou tres ternos (de tres pessoas cada um).

Um d'elles entra na mangueira com a armada prompta e assim que ella cahe nas aspas o animal sacode a cabeça para livrar-se d'ella, mas o adestrado campeiro com um movimento rapido pucha o laço para cerrar e dá de redea ao cavalllo para cinchar, os dois companheiros o tocam para fóra; ao sahir a porteira, algumas vezes elle atropela, mas o ginete sabe leval-o para o lugar que quer, si elle passa pelo lado de laçar vae bem, mas si vem pelo lado de montar elle põe a mão no laço e passa-o por cima da cabeça e acompanha um pouco para não dar tirão forte, depois sustenta o touro que forceja para livrar-se movendo-se sacudindo a cabeça, o outro vem e abre o laço nas pernas e assim que consegue pegar uma ou as duas esporeia o pingo para aligeirar, e derrubar, si apanhou uma só perna elle custa a cahir, o da cabeça tem que manobrar para pol-o no chão; então o terceiro apea-se e compõe o laço das pernas si fôr preciso; assim immobilisando entre duas cordas estiradas elle pode operar com descanço.

Si ao apear não tem confiança na mansidão do cavallo segura uma canna da redea entre os dentes, pucha da faca e faz o serviço.

Depois bota tambem o seu laço nas mãos do touro e estica; o primeiro vem para tirar o da cabeça e só então afrouxam os dois para elle levantar-se.

Ha occasiões em que se para brabo, outras vezes segue quieto e dolorido para o sinuelo.

Algum mais arrojado em vez de pôr o laço nas mãos, tirava o da cabeça e montava ligeiro, antes do animal levantar.

Os outros dois ternos já começaram tambem a laçar e procedem do mesmo modo, com mais ou menos demora para pialar e derrubar.

Cada terno fica entretido com os affazeres no animal que tem para beneficiar, mas não deixa de reparar o que que se passa ao redor de si.

Um touro solto que se para brabo chama a attenção e faz tomar cuidados; um dos homens procura torear para leval-o a rumo do sinuelo, si vê um perigo mete o cavallo para ser perseguido e assim o afasta.

Depois de algum tempo n'aquella agitação do serviço os touros vão ficando mais irritados; é verdade que alguns se abatem, mas outros tornam-se mais bravios e n'essas occasiões não faltam ameaças perigosas.

No imprevisto frequente sempre se ouvia a advertencia:

— Olha o touro!!...

Si o aviso éra dito com voz afflictiva ou um grito estridente, os olhos se voltavam em alvoroto para o touro ameaçador que collocava alguem em perigo imminente, logo conjurado pela acção rapida dos companheiros proximos.

Com orgulho fazemos lembrar o valor do gaucho no momento em que vê um companheiro correndo risco de vida.

E' de admirar a rapidez, a prompta intervenção, a segurança do acto, o esforço maximo, o sacrificio si fôr preciso, comtanto que salve!!...

Como se vê não éra só no guerrilhar frequente que o nosso camponez se collocava em continuo contacto com

o perigo ou a morte. E'ra tambem n'esses trabalhos arriscados em que se exercitavam a sua intrepidez, coragem, pericia, decisão prompta, espirito de união.

Quantas desgraças imminentes levadas a salvamento pela maestria de actos conjugados!!...

E' n'esse movimento expontaneo, altruista que a alma gaucha parece sobrepujar a solidariedade humana.

Factos?!... mas são tantos! tantos!

Um homem se vê a pé na frente de um touro, os tiros do seu revolver não contêm-lhe o impeto, mas a acção prompta dos seus homens o livram do eminente perigo.

Um outro apertado no chão pelo cavallo, o touro se aproveita, mas as balas do seu revolver e os companheiros o tiram d'esse máu pedaço.

Como estes muitos outros mais ou menos dramaticos e dolorosos.

Ahi vem um campeiro novato sentado na frente de outro a cavallo com o braço direito extendido, sangrando com fratura exposta; laçou o touro, mas as rodilhas se enredaram no ante-braço e com o tirão foi lançado fóra da sua montaria.

Na mangueira o touro sahiu riscando nas costellas de um moço, mas a agilidade de gato com que pulou para cima da cerca me alliviou o temor momentaneo de vel-o enfiado nas aspas da féra.

Um por descuido deixa dar um tirão seco, o laço rebentado guasqueia com toda força o corpo e o rosto; terá uma recordação para muito tempo.

Em geral não se chegava ao fim d'esse serviço sem

enumerar alguns accidentes, mesmo independente da agilidade e dextreza dos seus cooperadores e muitos d'esses factos éram guardados como lembranças bem dignas de memoria.

Os animaes depois de operados sahiam soltos, iam a vontade, doloridos, muitos com os quartos duros; seguem com morosidade para suas querencias.

Os que sentem-se mais doentes param no caminho.

N'um bello dia de sol primaveril sob o limpido azul do céo, serenamente voando em circulo lá no alto, muitos urubús planando no ar estão redemoinhando lentamente sobre um eixo imaginario

E' talvez um convite a outros de sua especie, mas é tambem um indicio certo de que em baixo na extremidade d'esse eixo jaz estendido morto um touro e que alguns outros abutres corvejam sobre seus ultimos despojos.

As partes viris de que elle foi espoliado a força já tinham sido devoradas pelos cães e por algumas aves de rapina como o chimango, o carancho ou cará-cará, que não faltam por occasião d'esse serviço.

O aviso dos corvos voando não aproveitava a ninguem, pois n'aquelle tempo não se coreava; o pouco valor do couro não interessava.

O numero de mortos entre os beneficiados éra regular, até o setimo dia.

Não se sabendo bem a causa; uns attribuiam ao frio intenso e repentino, ás grandes chuvaradas, nunca incriminavam a impericia.

Outros julgavam que por serem os animaes muito bravios e cançados; por isso usavam o pastoreio por alguns dias; diziam que adelgaçados e mais mansos, descançados, reduzia-se o numero de mortos.

A explicação é outra embora não aproveitasse n'aquella época dos touros creados.

O animal quanto mais afastado da data do seu nascimento, tanto mais soffre com essa operação.

A prova é que feita nos recem-nascidos e na marca nada sentem.

E como estamos n'uma época em que ha pressa commercial, se pratica em terneiros de um anno e toritos de dois annos sem haver mortes.

Os processos modernos de contensão para beneficiar touros trouxeram grandes vantagens n'esse serviço.

Por meio de tronco ou brete ninguem mais corre perigo n'essa lida; além de ser vantajoso pela economia de tempo e segurança dos trabalhos sem accidentes sem perigos, ha a dos animaes não serem traumatisados, nem cançados, nem existem cavallos estafados, maltratados ou corneados.

A solidez do tronco é uma garantia, o aprisionamento chega a ser perfeito, o acto sangrento pode ser praticado com relativa tranquilidade e até com mais acerto.

Acabaram-se os prejuizos por mortes.

Acabaram-se tambem os encantos d'essas lidas.

Foi mais um cheque que a Industria deu aos gauchos. Banalisou-se esse serviço que outr'ora tinha seus perigos, mas exercitava a bravura, a dextreza e audacia, muitas

vezes transformadas em aureolas fulgurantes de temeridades.

Quanto a idade ainda se discutia a mais apropriada.

Um illustre e distincto creador de Bagé fez uma propaganda intensiva sobre as vantagens de ser praticado o beneficiamento na marca, isto é, com um anno mais ou menos.

E conseguio o seu desideratum, muitos fazendeiros seguem em proceder; acham até mais commodo por fazerem dois serviços a um só tempo, com perfeita segurança sobre a cura que se processa sem accidente algum.

Mas essa glandula tem secreções internas (endocrinas) importantes que estimulam as secreções de outras e todas em conjunto produzem a belleza e a boa estatura do animal adulto.

Extirpada ella, suprimem-se essas estimulações endocrinas, o boi cresce, mas fica avacado, sem que entretanto haja prejuizo commercial.

Ainda sobre o assumpto de que tratamos deve ser lembrado o que chamavam castrar de volta e que se praticava uma vez ou outra em carneiros adultos no verão para evitar feridas.

Dando voltas e puchando com moderação arrancavam a volumosa glandula e depois empurrando a tiravam do seu habitat natural e a emigravam, uma, depois a outra para o flanco, costella ou pescoço, sempre por baixo da pelle muito frouxa do carneiro.

E'ra uma especie de auto-enxerto de Voronoff,

mas com a suppressão da funcção, só as vantagens encrinas se conservavam (?)

Tambem merece ser citado o processo usado na Australia, a maior productora de carneiros do globo. Ao cordeiro ainda tenro um pique na bolça faz sahir os diminutos orgãos e seccionam no pediculo com os dentes; essa leve trituração em tecido delicado produz a hemostasia que reunida a inocuidade traz beneficio duplo.

TROPA

Encaminhavam-se para Pelotas — como se reunia uma boiada nos campos abertos de então — animaes bravios, bisonhos — domar uma tropa — a disparada d'ella — a ronda — a bem conduzida — o descanço — o trovador — sua versalhada — marcha pela madrugada — as encerras no caminho — uma tropa conduzida com chuvaradas frequentes — como se tropeava em 75 — accidentes — as facilidades de tropear actualmente — as difficuldades de outr'ora — o dinheiro ouro, a onça — a guayaca.

As tropas seguiam para Pelotas, onde existiam as grandes charqueadas em grande numero, cerca de quarenta, havia tambem algumas sobre o rio Jacuhy.

Naquella cidade os productos bovinos tinham mais facilidade de sahir barra a fóra em hiates, por isso ella tornou-se o emporio da industria do charque, como já éra o entreposto commercial do sul da Provincia.

Todas as tropas que se encaminhavam para lá iam directamente para a Tablada, um descampado, especie de mercados onde os charqueadores faziam suas compras.

Vindos de distancias longinquas com 20 a 30 dias de viagem, conforme as zonas, ellas se compunham de 600 a 1000 bois; assim numerosos tinham a vantagem de diminuir as despezas por cabeça.

Para uma viagem tão longa se tornava necessario ser muito gorda a tropa; o aparte era livre e o tropeiro tirava bois de calção, ou proximo a isso.

Só alcançavam essa gordura excessiva animaes de cinco annos acima.

Conhecidos esses pontos essenciaes vamos vêr como se fazia uma tropa, depois acompanharemos sua marcha até a antiga Charcopolis, hoje Princeza do Sul e capital da sociabilidade riograndense, nos seus caracteristicos attributos.

E'ra um serviço trabalhoso fazer uma tropa n'aquelle tempo em que não havia invernadas e os gados não tinham grande costeio e muitos ainda se conservavam semi-selvagens.

Para retirar a novilhada gorda daquelles campos tornava-se necessario parar todos os rodeios e isso demandava alguns dias de serviço activo.

A boiada apartada no primeiro dia dormia na mangueira e no dia seguinte ficava em pastoreio emquanto se paravam outros rodeios, cujos bois vinham para serem incorporados ao nucleo já formado.

No ultimo rodeio tirava-se tambem mais de meia duzia de municios, novilhas gordas de dois annos que serviam para a peonada churrasquear na viagem; cada dois dias matavam uma. Vinha para a encerra a tropa feita d'esses animaes bisonhos, assustadiços, alvorotados. Fe-

chados n'aquelle ambiente sem o horizonte habitual, ficavam aterrados.

A menor cousa assustava-os muito, a noite um cachorro que de repente pulava na cerca, um berro de um boi corneado por outro, ou a tosse de um outro, éra bastante para a novilhada dar um arranco dentro da encerra.

Alta noite se ouvia aquelle rumor do gado correndo na mangueira, éra um arranco sem motivo ás vezes. No outro dia pela manhã ao sahir da encerra, a novilhada estava delgada, brava e arisca, ao passar a porteira sahia ligeiro, priscando com movimentos rapidos.

E'ra preciso domal-a, isto é, metel-a em volta.

Antes de começar a caminhar já se achavam na sua frente os melhores campeiros, pois o lugar de ponteiro é o de mais responsabilidade na marcha da tropa. Alguns campeiros procuravam amansal-a com um assobio monotono ao andar e com "venha, venha".

Ao principiar a caminhar ella troteava, o capataz que já esperava por isso, quebrava a ponta da direita para a esquerda, reboleando o relho obrigava todo o gado a redemoinhar; si ao seguir troteava novamente e se o lugar se prestava dava outra volta na ponta fazendo gyrar ainda e com um assobio particular aquelle bicharedo andava rapido n'esse corrupio, os que ficavam no centro eram tão apertados que levantavam muito a cabeça e então os chifres se batiam uns contra os outros com um rumor surdo.

E'ra um espectaculo bonito e chocante ver essas féras com suas armas alevantadas como se degladiassem em torneio louco.

Os da beirada troteavam acompanhando o movimen-

to, nesse exercicio precursor do dominio, a peonada abria os cavallos e deixava-os á vontade, então pouco a pouco iam se alargando e socegando. Si ao marchar troteavam outra vez, metiam em volta novamente e recomeçava a mesma scena.

Depois de repetidas vezes fazerem isso ao som de assobio adequado, os animaes por si mesmo redemoinhavam.

A tropa braba com essas manobras aprendia a obedecer e ia se entregando, se amansando.

Habituados a aquelle movimento com o assobio, ella estando na mangueira bastava assobiar para ella entrar em giro e assim diminuia o arranco.

Para fazer-se uma ideia do que éra um gado selvagem, cito um facto.

Foi posto na encerra um gado do mato; na vespera de uma enchurrada d'agua juntou muito lodo do lado de baixo a ponto de entupir os buracos de ladrões, ficando um atoleiro molle.

No outro dia existiam muitos animaes mortos em cima do barro, outros quebrados e agonisantes. Tal foi o terror desses selvagens que assustados atiraram-se por cima dos outros e fizeram essa hecatombe.

Uma tropa braba nas condições descriptas éra natural que nos primeiros dias de marcha para Pelotas fizesse disparadas.

Bois creados a lei da natureza, de repente reunidos, ficavam bisonhos, assustadiços.

A noite n'uma ronda, ou mesmo de dia debaixo de uma chuvarada, um trovão repentino, um relampago in-

esperado, o apparecimento rapido de um cachorro, o latido, ou qualquer outro motivo se dava o estoiro da boiada, como dizem no Norte.

O arranco de uma tropa de dia em campo aberto tornava-se relativamente facil dominar si dois ou tres campeiros bem destorcidos e bem montados corriam na dianteira para sujeitar a ponta. Mas si a disparada da tropa se dava durante uma noite escura éra difficil agir de modo util na occasião. N'estas condições si um cavalleiro rodava na ponta da tropa, só tinha um recurso para salvar-se, éra dar tiros para o ar afim de evitar que essa avalanche o pisoteasse passando por cima.

As consequencias d'isso éra a demora de dois ou mais dias para procurar ou recrutar o que faltasse na contagem; quasi sempre havia prejuizos.

Passar a noite rondando um gado bravio, prompto a dar uma arrancado por qualquer motivo éra um pedaço bem aborrecido e fatigante na condução de uma tropa, mas os homens affeitos áquelle serviço rude não extranhavam; podiam passar a noite caminhando ou troteando ao redor d'ella quando estava desinquieta ou arisca.

Escolhido o lugar para a ronda, deixava-se o gado serenar e pastar a vontade.

Si a tropa éra mansa e o terreno estava enxuto, pouco a pouco os novilhos iam se deitando e tudo corria bem; éra uma noite bem passada. Mas si éra braba, mal domada e ainda arisca nos primeiros dias, os cuidados se dobravam.

Ao entrar do sol, emquanto ella pastava socegada, os peães iam se substituindo ao redor do fogão para comer

e tomar mate, até que escurecia, então dividiam-se em dois grupos, um que fazia o quarto até meia noite e o outro turno cuidava d'essa hora em diante.

Quem ia repousar maneava o cavallo, tirava os pellegos para uma cama ligeira, arrumava um travesseiro de fortuna, um páu, um tição, uma pedra, coberto com pellego e com o cavallo pela redea dormia um somno bom, até que chegasse a hora de ser chamado para fazer o seu quarto, tomar conta da ronda. Essa providencia de ficar com o cavallo encilhado tornava-se necessaria para um auxilio prompto no caso de um arranco da tropa.

Emquanto o fogo estava aceso a disparada se dava ao rumo do fogão em noite escura, diziam.

Nos primeiros tempos que se faziam as tropas, as pastagens éram abundantes e livres; si no caminho existia uma encerra pedia-se emprestada por uma noite.

D'este modo as tropas conduzidas com cuidado e bom tempo chegavam ao seu destino sem mermar no peso e gordura.

N'estes caminhos para Pelotas, depois de uns tempos para cá os pastos já éram pagos, isto mesmo nas zonas mais trilhadas e ainda de certo ponto em diante. Alguns moradores á beira da estrada construiam encerras apropriadas para tropas e que alugavam para uma noite, quasi todas feitas de taipas, altas e bem seguras. O tropeiro fazendo seu gado passar ali as horas de repouso dava aos seus peães uma noite de descanço. Ao lado da porteira faziam o fogão onde os pedaços sangrentos de um municio recem carneado tornavam-se apetitosos e gordos churras-

cos; depois do chimarrão e a palestra animada vinha o somno reparador.

Si as circumstancias tornavam-se favoraveis, podia apparecer algum visinho morador para chalrear e si vinha uma viola algum bardo gaucho tomava-a e desferia suas cordas com cantares como os seguintes:

Triste vida a do tropeiro,
Que nem pode namorar,
De dia reponta o gado,
De noite toca a rondar.

Tenho um cavallo escuro
De andar de madrugada;
Marcha, marcha, meu cavallo,
Vamos ver a namorada.

Eu vi Cupido montado
No seu cavallo picaço,
De bolas e tirador,
De faca, rebenque e laço.

Eu mandei fazer um laço
Do couro de jacutinga
Para laçar um boi barroso,
La no passo da restinga.

Zomba o fado em ser cruel
Contra a minha triste sorte;
As penas que me acompanham
Terão fim só com a morte.

Quando eu era pequenino
Cantava que retinia . . .
Eu cantava em Caçapava
No Oriente se ouvia.

Dos filhos que meu pae teve,
Eu fui o mais destemido;
Para amar moça bonita
Eu fui o mais presumido.

Entre treva nasce trevo,
Entre trevo nasce flor;
Sem ser trevo, eu me atrevo
A tomar comtigo amor.

Quebrar ferro, romper bronze
Não acho valentia;
Valente é meu coração
Em soffrer tua tyrannia.

Se eu pudesse em teus braços
Libertar esta paixão . . .
Só assim socegaria
O meu ardente coração.

Depois de um peito querer
E de um coração se agradar,
Não ha mais poder no mundo
Que faça um bem se apartar.

Menina case commigo
Que trabalhador eu sou;
Com sol não vou a roça
Com chuva tambem não vou.

Eu vi meu bem por acaso,
Eu vi meu bem no jardim,
Com mangas arregaçadas
Seus braços cor de carmim.

Eu vi meu bem, não me engano
Que vi meu bem na janella,
Com mangas arregaçadas
Seus braços côr de canella.

Eu vi meu bem cosinhando,
Eu vi meu bem no fogão,
Com mangas arregaçadas
Seus braços côr de carvão.

Não ha rosa na roseira,
Que não dê o seu botão,
Não ha negra na cosinha
Que não dê sua razão.

Estes e outros de espirito namorado, romantico, ironico, humoristico etc. pertencem á poesia popular riograndense.

De madrugada ligeira refeição e novos mates, depois

apromptações, acommodar os fiambres, a chocolateira e os avios do chimarrão, para recomeçar a marcha.

A novilhada ao sahir a porteira ás vezes éra contada de novo para verificar si o numero estava certo. Quando acontecia serem duas tropas candidatas á mesma encerra, naturalmente cabia de direito ao primeiro que chegava a falla.

O dono algumas vezes apreciava a carreira entre dois tropeiros que pretendiam a mesma commodidade para seu gado.

De uma feita, um, em vez de correr, parou o cavallo e deu um tiro para o ar, ao seu competidor foi respondido que a polvora tinha fallado primeiro.

Espirito de gaucho.

A um tropeiro e á sua gente podia acontecer cousas bem desagradaveis, éram as chuvaradas interminaveis. Uma tropa que se fazia ou terminava com tempo arruinado, dava motivo a aborrecimentos. Podia ser o começo de uma temporada de chuva que acompanharia a sua marcha até Pelotas com garoas continuas ou chuvisqueiros repetidos.

Embora fosse verão, ou mesmo começo do outomno e elles habituados ás intemperies tornava-se deveras enfastiante para os pobres peães de tropa.

N'essas condições como fazer fogo para churrasquear? Como dormir? Arreios molhados, ponchos que não enchugavam, roupas humidas. Si a noite éra de ronda, alguns tinham de esperar seu quarto de serviço, dormindo sentados nos pellegos com os cavallos pelas redeas.

Por sorte com os aguaceiros repetidos o gado tambem ficava abichornado e socegado virando as costas para o lado da chuva e do vento.

Contavam os peães de tropa que no fim da jornada as roupas estavam imprestaveis, os chergões inutilisados e a cavalhada composta de 3 a 4 cavallos de cada peão, ficava entranzilhada.

Porêm o maior infortunio éra do tropeiro que via decahir o seu gado e a sua tropa desvalorisar-se.

As temporadas de secas tambem davam motivos para ficarem aborrecidos, com as marchas forçadas a que éram obrigados para alcançar aguadas e pastagens convenientes. Os animaes da tropa ficam desinquietos e nada os embrabece tanto como a sêde.

A maior seca na segunda metade do seculo passado foi a de 1875.

Durante a sua phase aguda appareceu na estancia um tropeiro que precisava levar uma tropa para Pelotas. Diante a situação penosa que corria, tornava-se impossivel parar rodeio para um serviço regular de apartes.

O recurso foi o das volteadas para pegar novilhos gordos.

D'ahi muitos incidentes.

Um rapaz novato laça um boi nas proximidades da sanga da Guajuvira, o cavallo roda, o boi dá o tirão e volta enfurecido contra elle, mete a aspa no sangradouro e mata-o.

Resultado, um cadaver fica segurando firme um novilho bravio.

O mocito com o susto já tinha desapparecido correndo sanga abaixo. Os campeiros o attenderam.

A mesma sanga, aliás bem forte, com ligações, estava logo abaixo reduzida a pequenos poços, onde todos os animaes dos campos vinham desalterar-se da implacavel sêde; o veado e o sorro ahi deixavam suas catingas, o avestruz e o quero-quero algumas pennas. Passava muito do meio dia quando a tropa já crescida entrou nos maiores poços e demorou-se a beber e a pisotear. N'esse momento de um pequeno descanço, todos sequiosos procuravam desalterar-se; alguns seguiam pela sanga abaixo a cata de melhores poços.

Puro engano.

Um pouco de fiambre offerecido de um farnel tornou-me mais imperiosa a necessidade de beber o precioso liquido, mas só havia agua pisoteada, barrenta e preta, porêm ... a sêde estava mais preta! ...

Que fazer?

Era uma illusão tomar essa agua atravez um lenço limpo, mesmo mastigando a carne para não sentir-lhe o gosto.

Parece que n'aquelle tempo os raios ultra-violetas do sol cumpriam bem a sua missão, ninguem adoeceu.

Mas voltemos ao assumpto para lembrar que hoje, fazer uma tropa, torna-se muito simples: Reunir na invernada a boiada já costeada, apartar o que está gordo, contar, facturar e receber o cheque, é um trabalho de poucas horas.

Si ella foi vendida a peso o dono vae ou manda assistir a pesada na charqueada e lá recebe o cheque.

Além disso os apartes são mais favoraveis, não é preciso que um boi esteja bem gordo, tendo passado pela phase da carne branca ha mais de mez, já serve; entretanto levam sempre a flor do gado.

Os estabelecimentos que beneficiam os productos da industria pastoril, saladeros e frigorificos, vieram collocar-se perto da materia prima e assim em poucos dias uma tropa lá está inteira em peso e gordura, no outro dia é a matança.

Raramente os gados para esses estabelecimentos são conduzidos em trem especial, pois o pesado frete encarece muito seu valor.

Quantas vantagens sobre o que se fazia!...

Outr'ora lidava-se com bois bravios, sujeitos a disparadas e a prejuizos com viagens de 20 a 30 dias, conforme a procedencia, despezas maiores, muitas vezes estropiavam-se na estrada aspera como grosa, da Serra das Asperezas; chegavam a Pelotas estranzilhadas e com grande quebra no peso e na gordura, mesmo desfalcadas de alguns, pois éram obrigados a deixar ou a vender no caminho rezes que não podiam andar de tão estropiadas.

Tambem existiam difficuldades quanto ao transporte de dinheiros. O tropeiro que vinha a uma estancia atraz de gado carregava um cinto forte de couro curtido de capivara ou veado, uma especie de bolsa tubular, cheia de onças de ouro, regulava cada uma 32.000 réis; para verificação do peso d'elles havia umas balanças diminutas que dobradas carregavam no bolso.

Do cambio não se cogitava, quasi sempre andava ao par.

Em geral éra um camarada de confiança que aprezilhava na cintura semelhante cinto pesado que castigava as cadeiras. Quando a quantidade éra demasiado grande acommodavam em saquinhos bem resistentes dentro de peçuelos pequenos, redondos, muito fortes, trazidos pelo peão ao lado do patrão.

Tambem existia o dinheiro em papel que éra preferivel ás vezes ao ouro depreciado pelas subidas do cambio acima do par; arrumavam em cinto largo com pequenos bolços abotoados, a que chamavam guaiaca.

GAUCHADA E DOMAÇÃO

Gauchada não é um acto de extraordinaria destreza, audacia ou coragem, do homem a cavallo; si bem que seja hoje muito applicado n'esse sentido.

Não consiste em alcançar o maximo de uma acção ou de uma façanha.

O que dá o nome, o sal, a graça, o colorido é fazer um bonito com modo varonil em que entra o garbo, o donaire causando uma impressão agradavel; é um mixto de audacia, destreza e elegancia nos movimentos.

Em cousas bem simples pode haver uma gauchada, como cerrar pernas n'um cavallo n'um terreno molhado da chuva e puchar nas redeas para fazel-o resvalar ou mesmo até sentar no chão, conservando bonito porte.

Bolear ou laçar um animal campo fóra tem o mesmo titulo si fôr praticado com correcção e graça.

Um bagual se bolea, si o ginete sahe de pé, ou si roda em uma corrida e sahe pisando na orelha com a redea na mão, terá igual phrase.

Paletear com esporas um cavallo sestroso para fazel-o velhaquear, conservando-se bem é igualmente uma gauchada.

Como se vê o gaucho tem sempre em mente a ideia do gracioso, da elegancia.

Montado com naturalidade e firmeza não perde nos movimentos essa linha e tudo faz para conservar uma attitude perfeita.

Por isso mesmo nunca será encontrado em cima de sua montaria em postura desgraciosa, desengonçado, desaprumado, com o busto em abandono, ou n'um aprumo affectado muito empertigado, com as pernas ridiculamente esticadas, nem com os membros indolentes bamboleando ao andar da cavalgadura.

A affirmativa de uma só d'estas attitudes é a negação de sua qualidade de gaucho. Como bem disse o primoroso e infortunado escriptor Euclydes da Cunha, um riograndense fica commiserado de vêr um homem montado d'essa fórma.

Com o seu todo varonil, desempenado, disposto, habituado ás intemperies, tostado do sol, é indifferente ás commodidades que ficam de lado quando embaraçam seus movimentos, por isso mesmo vê um ridiculo n'um homem a cavallo de chapeo de sol aberto para se resguardar d'elle ou da chuva.

•

A domação de potros como todo o serviço em mangueira em que entra gente perita e desenvolta, dava ao pessoal momento de expansão bulhenta.

Os animaes na mangueira, um homem a cavallo laçava um bagual. Os outros abriam um laço nas mãos e o derrubavam. Conservavam deitado emquanto punham a maneia nas pernas, o boçal na cabeça e a redea de doma-

dor com o bocal bem amarrado no queixo; o faziam levantar depois de aprezilhar um laço na argola do boçal.

Dois homens segurando o levam para fóra, puchando ou tocando, elle seguia entravado.

Ahi o chucro bagual assustado sentava com toda a força para traz e éra detido pelos homens no laço, um outro pegava no fiador do boçal com a mão direita e com a esquerda segurava a orelha para tapar o olho d'esse lado, emquanto um campeiro ensilhava com carona, lombilho e ao apertar a cincha com força o potro priscava para diante e ás vezes manoteava; acabado de ensilhar e retirada a maneia, chegava o domador em mangas de camisa. Um veterano que se preza de ser ginete e destorcido vem com ares de fachada, chapéo batido na frente e chilenas; qualquer um outro traz um lenço amarrado na testa e um rabo de tatu dependurado no braço.

N'esses modos de se apresentar vae um pouco de prosapia; e isso faz parte da indole galharda do povo gaucho,

Montado com estrivos curtos agarra a redea e recebe o cabresto muito comprido.

O do fiador desapresilha o laço e dá uma tapona no focinho do bruto que com o susto começa a velhaquear.

O amadrinhador ao lado o acompanha.

Si o domador éra novato desde o começo se ouviam as phrases agauchadas incitativas ou depreciativas e no momento em que o potro começava a corcovear chovia uma saraivada de chufas.

— Agarra-te que o chão é duro!

— Ahi que te quero vêr!

— Meta o tatu' pelo lombo.

— Oh toronguenga!...

— Ahi trabusana.

Emquanto o ginete éra sacudido com desesperados sacalões continuavam os trocistas com as chacotas.

O potro depois d'essas tentativas desenganava-se e sahia a disparada ou a trote.

O auxiliar que o acompanha, vae ao lado dirigindo-o para o bom terreno.

Depois de algumas quadras diminuem a marcha e as chicotadas, atacado pela gente e fortemente puchado acaba por parar, o ginete aproveita para tironeal-o da boca com vigos e para melhor forcejar na redea pende o corpo sobre os estrivos, ora para um lado, ora para outro, assim impunha com vigor o reconhecimento do seu governo.

Sempre surrando e reboleando o relho para repontar, fazia o animal voltar a trote ao ponto de partida.

Ahi repetiam-se os tironaços e seguro o cabresto pelos companheiros aperava-se e tirava os arreios para soltal-o.

Com essa primeira ensilhada não éra mais potro e sim um redomão do primeiro galope, um bagual.

Outros éram pegados e galopeados pelo mesmo processo, com variadas reacções em cada animal selvagem em corcovos mais violentos ou sem elles, alguns se boleavam no chão.

No segundo galope já o redomão tinha um começo de obediencia mas não dispensava o amadrinhador, é muito raro que possa dispensal-o ao terceiro galope.

Depois de ensilhado por algumas semanas, elle descahe um pouco e é solto para a querencia.

Pegado novamente para uma segunda sóva, será enfrenado no fim d'ella si estiver em condições.

N'este repasse, que se faz mezes depois, quando já gordo, se conhece melhor a sua indole e as qualidades do domador. Este si é bom e paciente, e o animal vae se entregando, ficando mais acommodado.

Mas si é impaciente, máu e o animal lhe iguala na indole, vae encontral-o arisco, puava o aporreado.

Sendo cuéra mesmo, já é palanqueado n'esta segunda sova; o bagual ahi fica altivo, levanta a cabeça e bufa com força ao approximar-se alguem, mas depois move-se inquieto, assustado, senta para traz com rudes golpes no palanque e atira-se bruscamente para diante.

Para tirar-lhe as cossegas e séstros, o peão laça o corpo com o maneador e passa uma volta, a laçada vae para a virilha e volta desce para as pernas, o animal começa a escocear atirando as duas patas com todo vigor de suas forças e vae rodeando o palanque sempre atirando as pernas, o peão acompanha puchando a corda, até que cance e socegue tremendo, amedrontado; nem mesmo assim perde os séstros, continuará ruim.

Para ensilhar socegado e evitar coises, botava um pé de amigo.

O aporreado podia passar para melhores mãos sem perde o caracter máu, continuava sempre um caborteiro, um maúla, nunca se entrega de todo, pelo menos ficava com alguma balda como pescoceiro, mesquinho, negador de es-

tribo, empacador, disparador, candongueiro, velhaqueador, etc.

Em campos inferiores elles são mais flacos, não tem reacções violentas, nem se encontra um indomavel e raros tem precedentes máus.

Posto que o processo de domar continue o mesmo, muitos defeitos dos apontados acima tem desaparecido com as maneiras mais brandas hoje usadas para amansar.

Como se presta muita attenção a esse elemento primordial e de maxima utilidade na campanha, aqui vae a classificação usual, segundo suas qualidades, bonitos e bons, feios e ruins ou imprestaveis.

Termos elogiosos: Pingo, pingaço, bagual, parelheiro, cavallo de trato, de lei, confiança, meu ruano, meu fiança, etc.

Meio termo, cavallo, ca'allo, flete.

Depreciativo: Matungo, pilungo, mancarrão, sendeiro, changueiro, aguateiro, porongo, abobreiro, etc.

PEQUENOS TOPICOS

Quem nasceu n'estes pagos abençoados pela felicidade nos lares, quem passou a infancia emballada nas aventuras agradaveis da vida de estancia e acompanhou os trabalhos que n'ella se procedem e conhece suas lidas em diminutos detalhes e seus homens em todos os lances, sente verdadeiro prazer quando pega n'um livro cujas paginas lhe trazem doces recordações de um passado ditoso, de costumes sadios, francos, leaes, animados de affaveies convivencias sempre lembradas com carinho, por isso mesmo desagrada-lhe si encontra exageros mal cabidos, palavras não usadas, phrases que destoam ou agaffe assignalada.

Entretanto os cochillos não chocam tanto como a palavra gauchesco em substituição de gaucho.

Os senhores que empregam esse termo certamente não foram creados na campanha e não têm o vivo sentir das expressões usadas n'ella.

Si assim fosse, mostrariam repulsa por esse falso substituto.

Vae para mais de um lustro que alguns litteratos da Capital de nomes feitos e consagrados querem aclimatar esse neologismo entre nós.

Mas ha muitos descennios que a palavra symbolica de duas syllabas que nos caracterisa transpoz as fronteiras rio-grandenses.

De alguns annos a esta parte os nossos amaveis patricios, da Capital e outros Estados, nas suas habituaes gentilezas, nos alcunham de gauchos exactamente por darem a essa palavra uma expressão de galhardia e elevação com que nos lisongeiam e distinguem.

Porque pois substituil-a?!...

Não será uma falta de respeito aos nossos antepassados menosprezar trocando por uma extrangeira a mais bella e significativa palavra que elles nos legaram e que actualmente nos orgulha e por isso mesmo devemos conserval-a repetindo-a sempre em nossas gloriosas tradições?!...

Entre os genuinos filhos da campanha não encontra écho e sim repulsa, esse enxerto platino, esse castelharismo que só serviria para deturpar, para mystificar um symbolo!!...

Mas deixemos esse assumpto que se prestaria a controversia tão contrario a este trabalho. E vamos justificar o substituto de Reminiscencias, contando algumas anecdotas agauchadas, mesmo para dar a este capitulo o seu verdaeeiro caracter.

A primeira vez que vi bolear um animal eu éra muito menino.

O capataz, o Snr. Ignacio Loiola Campos, já fallecido, me tratava com muito affecto, quasi paternal e mesmo depois de casado e fazendeiro me distinguio com o compadresco ao seu primeiro filho.

Quando sahia a cavallo a dar alguma volta, quasi sempre me convidava, eu ia obtendo licença materna.

De uma feita andando com elle no campo, o matungo do peão que nos acompanhava se aplastou.

N'um chapadão proximo a um caponete um grupo de animaes pastava, o meu amigo habil no manejo das bolas, atirou nas pernas do cavallo mais isolado; este dá coice, as bolas se enredam (o escoicear é a primeira condição para ellas pegarem bem), quanto mais elle tirava as duas patas para livrar-se d'esse embaraço, mais se maneava e tanto fez que acabou por ficar ellas tão unidas que desequilibrou-se e sentou os quartos no chão.

Foi facil ao peão mudar os arreios para elle e desenredar as boleadeiras.

De outra feita eu e outro depois de andarmos pelo campo, de volta já perto galopeamos e a um kilometro da casa meu cavallo tropeça em um pequeno cupim e roda, com a violencia da queda eu bato com a cabeça no chão duro e perco os sentidos, o meu companheiro tambem menino, assustado vae a toda brida avisar a familia a minha morte.

Seis horas depois sei que estou no quarto deitado n'uma cama.

Com a minha decidida disposição para exercicios physicos (a minha these foi essa) me affeiçoava muito a vida de campanha com todas suas peripecias e sempre disposto nas pequenas adversidades que parecem estimular.

Uma occasião entrei com o peão em uma picada em dia quente de verão, o rio tinha tomado agua e não dava váu, então me utilisei de uma carona para pelota peque-

na; nadei segurando a corda nos dentes, mas ella virou na forte correnteza, as aguas me levaram a roupa, chapeo e uma faca de prata (que tres annos depois foi achada e veio ás minhas mãos).

A falta d'aquellas peças de vestir não me deteve, servi-me da carona que me cobria mais do que uma tanga, dirigi-me para o rancho bem distante e gritei pelo meu posteiro; obtendo um couro para uma pelota segura passei os arreios e o resto da roupa; para completal-a fiz voltar o peão que me acompanhava.

A pelota sendo bem feita de couro grande e com estrado no fundo formado de varas amarradas, permitte passar uma creança ou mesmo uma pessoa leve em aguas mansas.

Essa embarcação primitiva tão usada out'ora no rio S. Gonçalo deu o nome a bella Princeza do Sul.

De outra vez em uma proeza memoravel me convenci que uma decisão prompta salva uma situação.

Para nos afastarmos um pouco da tristeza por luto em nossa familia, resolvemos tres estudantes ir para a estancia apreciar a marcação.

Encontramos cheio o passo mais proximo e chegamos a tardinha ao outro, Passo das Carretas, no mesmo rio tres leguas acima tambem cheio, muito correntoso e estreito; éra um dia de inverno muito frio, 6 de junho de 83, o sol offuscado e ja baixo estava proximo a entrar, não havia tempo a perder, tinhamos que andar ainda mais de legua e meia.

Eu, como mais velho, tomo a iniciativa de tudo, preparo-me para atravessal-o com o fito determinado, mas

o cavallo máu nadador afunda-se, sahe na outra margem e foge; eu volto a nado para montar n'outro e seguil-o, quando chego do outro lado tenho a dupla satisfação de ver o meu cavallo e o posteiro que o trazia e a quem eu ia procurar, morava ali perto, me disse que reconhecendo a marca e o cavallo vio que éra gente da estancia que estava no passo.

Em seguida foi buscar o que eu mais necessitava na occasião, um couro e um maneador para eu fazer uma boa pelota; dentro d'ella passamos as nossas roupas e arreios. O companheiro J. com o frio deu parte de fraco para uma das possadas combinadas. O outro S. foi obrigado a uma grande corrida para pegar o seu cavallo que fugia, na volta fica acocorado em estado assustadr; tremendo sem poder fallar, me faz temer pela sua vida.

Eu já vestido com as carnes a tremerem dentro da roupa dispo-me para metter-me novamente n'aquella agua que nos esfriava até a medulla dos ossos, mas a situação impunha-me o dever de socorrel-o.

Levo-lhe o cavallo mais nadador, de confiança,fallo-lhe com animação exaltada pelo temor, exhorto-o e faço segurar na cauda do confiança para atravessar o rio, eu volto no d'elle.

Depois de vestidos e novamente a cavallo, a amavel indio Belisario, o posteiro, nos levou para seu rancho e nos offereceu um excellente tatú assado n'um espeto.

Reconfortados por esse apetitoso manjar e aquecidos pelo lindo brazeiro de espinilho no fogão, sentiamos um bem estar e . . . anoiteceu.

A primeira etape da nossa viagem de peripecias estava vencida.

Para conclusão d'ella, eu tinha que servir de vaqueano como conhecedor do campo; não me faltava confiança nem tino; assim nos atiramos na escuridão d'aquella noite invernosa, seguimos a rumo, não havia caminhos que me guiassem, as diversas ondulações suaves do terreno separavam quatro sangas com barrancos negrejantes em que o cavallo precisava baixar a cabeça e com seu olhar talvez luminoso decidia a sua passagem ou não.

Felizmente não ventava, marchavamos de vagar, os dois silenciosos, eu com receio de dar chapetonada prestava a maxima attenção aos lugares por onde passava e que me parecia reconhecer, fallando, descrevendo para me avivar a memoria, mesmo assim me representava ás vezes estar vendo serras de tres leguas de distancia; mas a confiança renascia com as reminiscencias acertadas nas subidas suaves e descidas para sangas previstas.

Depois de andarmos mais de legua d'esse modo com tino e ventura alcançamos o lugar almejado, uma cerca de pedra da invernada.

D'esse ponto em diante, seguindo por ella a viagem estava segura.

N'essa occasição começavam as nuvens a se dissipar e a descobrir as estrellas clareando assim um pouco e com mais meia legua chegamos em casa ás 9 horas de uma noite de geada, que branqueava os campos no outro dia.

Tinhamos terminado com sorte a segunda etapa da nossa inolvidavel adyssea.

Agora duas lagrimas de saudades.

Uma sobre o tumulo de J. (Dr. Juvenal de Sá e Silva) morrendo em meus braços, ceifado pela estupida febre amarella na rua Hadock Lobo, no Rio em 96, quando sorria-lhe a existencia nas portas de uma brilhante carreira que lhe abriam a sua grande intelligencia e reconhecida competencia de engenheiro, acariciada por grande amabilidade.

Penalisava-me a situação da viuva, filha do visconde A. M.; esteve casada apenas tres mezes e sete depois de haver perdido a felicidade deu a luz ao filho posthumo; n'esse intervallo entre a morte de um e a vida do outro vexava-se por se afigurar continuar solteira em estado interessante.

A outra lagrima mais saudosa ao bom amigo e bello caracter de S. (Sergio de Sá Dornelles), espirito democrata, estimadissimo, bom, franco, leal.

Falleceu em uma de suas estancias, com a exaptidão de 40 annos depois d'aquelle malaventurado dia, com poucas horas de differença da que teve sua vida em perigo.

Costumes

BOM HUMOR

O povo gaucho — seu temperamento alegre — locuções — os gracejos — bom humor — general Osorio — o sorriso — os felizes — a fortuna — producção bovina — gente sadia — a vizinhança com a alegre raça hespanhola — as recepções ao Dr. Washington Luiz — a base da evolução social — o cavalheirismo — expansões alegres do povo — o estro gaucho — a linguagem figurada — os ditos dos gauchos — diversões — as cavalhadas — o espirito de sociabilidade — as organisações de clubs — nomes das sociedade — o progresso e a simplicidade na elite — os farroupilhas e a versalhada alegre — o humorismo da imprensa de hoje — o 93 e o espirito da época.

O povo do Rio Grande é dotado de vitalidade exhuberante, de indole galharda, communicativa, cheia de ardor, de assomos de enthusiasmo, que se faz sentir em todos os actos de sua vida, quer se trate de patriotismo, quer de demonstrações affectivas sociaes.

O gaucho têm maneiras expansivas, modos alevantadiços, certo garbo no porte, amenidade no trato e segura benevolencia.

E' bom, franco, leal e generoso.

Seu temperamento alegre e arrebatado tem quichotadas que brotam como frutos de seu idealismo.

Para conhecer essa natureza vamos passar em revista as manifestações do seu bom humor nos diversos actos da vida, tanto nas relações sociaes como nas labutações da existencia felix e descuidada e até mesmo nas revoluções.

Esse impulso dos homens da campanha creou locuções e phrases que dizem de modo conciso e gracioso as impressões de sua alma acalorada.

Alguns exemplos de locuções gauchas:

— Oigalê indio taura!...

— Oh, quebra largado!...

— Que puava, chomico!!...

— Bueno... agora no mais...

— Com o tirão o laço rebentou. E que guascaço, a la fresca...

— Com o couro na cola se foi a la cria!

— Quivi... i... i... (correndo carreira)

— E pucha moça lindaça!...

— Oh, diacho, me fui mal...

— Oigatê prosa!

— Caramba!

E como estas muitas outras que sahem como notas alacres d'essas almas sadias e bem conformadas.

A graça toda particular d'essas agachadas está na inflexão da voz e na modulação especial ao dizer no momento dado.

Ellas saltam vivazes, expontaneas como syntheticas apreciações.

Algumas exprimem um incitamento ironico, outras chistosas ou quichotescas são ditas com ares de troça, outras ainda de simples facecias e todas enfim têm um encauto particular para quem foi creado n'esse meio folgazão, de arrebatamentos idealistas.

E' tambem gracejando com os outros que o gaucho dá expansão a sua jovialidade sadia; se deleitando em amistosa camaradagem deixa transparecer sua alma simples e boa.

Ahi a lealdade e a franqueza têm o cunho particular da sua personalidade.

E' um dever acentuar bem que entre nós, filhos do sul, não existe essa diabolica malicia de envenenadores inveterados que tudo torcem para o impuro, para o ridiculo; nem se encontra esse insupitavel espirito licencioso de satyros inflammados que maculam com palavras de sentido dubio e cujas graças sahem chafurdadas da lama em que vivem.

Tem nossa repulsa esse vezo perverso de zombar de uma pessoa simples, com ares de graça, tornando-a palhaço em uma roda, como vi algures em salão de baile.

Tambem não se faz um remoque mordaz, que offenda a dignidade, mesmo porque o rio-grandense respeita muito a susceptibilidade alheia, visto que a sua é bem viva e prompta.

O animo gaucho é limpo d'essas impurezas, não ridicularisa, não engrossa, nem graceja com palavras degradantes ou de malicia sensual.

Tem realmente innata disposição para a critica e n'ella exercita a sua espiritualidade nativa, arguta, mas

sem impertinencia, pois sabe guardar a linha do seu caracter impolluto.

O gracejo é habitual, sim, até muito frequente, mas simples e evidente, feito com moderação e de accordo com as relações e as circumstancias.

O mais usado é a ironia leve, transparente dita com jovialidade; tambem se faz a critica indirecta que resvala como um remoque sem arranhar a epiderme affectiva.

Entre milhares de formas, a seguinte não tem pretenções a primazia.

Ali vae passando um gringo com a vestimenta mais de um judas que de um vivente, montado n'um pilungo de passo lerdo, a tamborilar com os calcanhares a barriguda alimaria.

Olhando essa figura exquisita diz B. com muita calma, como em soliloquio, ao lado do seu amigo F.:

— Onde irá F. tão pachola e com tanta pressa?...

No seu modo de motejar vae a confirmação da pessoa que tem ao redor de si a harmonia e passa a vida tranquillo, satisfeito, contente no seu meio.

As pessoas bondosas e cumpridoras dos seus deveres são alegres.

Quem goza a felicidade de ser activo tem uma valvula de expansão n'essas tiradas de bom humor.

Este estro é individual, vae da indole, do genio de cada um; alguns estão sempre dispostos a cousas chistosas; os galantes sociaes sabem empregar sorridentes com o fim de deslisar um assumpto para outro rumo.

A especie tambem varia muito; ha os gracejos mansos, ditos como simples facecias, porem encontram-se pes-

soas mais impectuosas para fazer ou dizer chalaças de apparencia agressiva, estouvada, como esta:

— Como vae scelerado?

Ou ainda:

— Ah, bandido! Dito com fingida arrogancia.

Na campanha já vimos e ainda teremos muitas outras occasiões de mostrar a boa disposição para alegrar-se.

Na cidade tambem se notam professores e outros homens de lettras, de posição elevada, dotados d'essa boa indole que dá momentos de amenidade a existencia, mas entre estes o gracejo tem mais apparencia da bondade que sorri.

O nosso general Osorio, o intemerato chefe na guerra do Paraguay, éra um prototypo riograndense, intelligencia do gaucho, simplicidade de camponez e tinha um espirito expansivo de jovialidade sadia; em sua biographia encontram-se muitos episodios graciosos do seu bom humor.

Os feitos e actos propositados que se desenrolam com ironia fina e com o fito de fazer espirito, são como um gracejo em marcha, correspondem a um sorriso em acção e o que d'elles dimana de gracioso e animado transmitte a satisfação feliz, a bem querença e faz florear nos labios de outrem o sorrir bom dos aventurados.

O sorriso é social e é o mais benefico attributo da nossa alma.

Acolhedor attrahe affeições, torna as pessoas queridas, conquista amizades e quando vem de um intimo faz esquecer os lados maus da nossa vida e até nos conforta e anima na hora difficil; materno é o expoente do affecto humano.

A esposa de um general do nosso exercito que estacionara em diversos Estados do Brazil, dizia-me n'uma occasião que o Estado onde o povo mais sorri é no Rio Grande do Sul.

A sua observação é de todo justa.

O bom humor é innato no povo rio-grandense, quem sabe amar sabe sorrir.

O sorriso e o bom humor são irmãos gemeos, nascem do homem feliz.

Quem como os filhos do Sul encontra na vida pastoril grandes facilidades para viver, n'um solo previlegiado de vastas campinas, coberto de fertilissimas pastagens para rebanhos e possue tambem todas as condições faceis para locomover-se, tem ao redor de si os necessarios attrativos da vida.

Quem goza de todas essas dadivas da natureza é forçosamente feliz.

Em nosso meio ha fartura, todos gozam d'ella e estão contentes com os seus haveres, de que fazem uso moderado.

Ahi se cuida de uma industria, a pastoril, que foi previlegiada, pois relativamente ao capital éra a que tinha despezas mais reduzidas, impostos mais leves e poucas preoccupações.

Uma estancia bem ou mal cuidade éra sempre rendosa e a producção bovina oscillava entre 20, 25 e 30 %.

Além d'isso a vida é muito sadia. Na campanha não ha molestias endemicas, todos gozam saude, são fortes de corpo e espirito, com uma alimentação simples e boa, com trabalho proveitoso que é a propria hygiene do corpo e da alma.

No interior d'este Estado resulta ironica a phrase do desditoso hygienista regional, Dr. Miguel Pereira: "O Brazil é um vasto hospital".

A visinhança com um povo de habitos pastoris iguaes aos nossos e oriundo da alegre raça hespanhola, da terra feliz de D. Quixote, nos transmittiu mais alegria com as suas phrases espirituosas e ditos picarescos de sua indole humoristica e cavalheiresca.

Essa convivencia é para nós uma fonte inexgotavel de graças que só na lingua castelhana devem ser ditas e que enriqueceram o vocabulario das locuções joviaes dos nossos gauchos.

Com esses dois poderosos factores, vida facil e humor sadio, o Rio Grande deve ser o Estado onde mais se notam as expansões sorridentes da jovialidade brazileira.

Cahe logo sob a observação dos forasteiros a facilidade que os filhos d'esta terra têm para dizerem com franqueza e sem formalidades o que pensam e o que sentem.

Foi essa communicabilidade facil que chamou a attenção do Presidente Washington Luiz por occasião de sua excursão pelo interior d'este Estado em junho de 1926.

Sobre essa boa qualidade dos nossos, elle, de volta a S. Paulo, fez demoradas referencias aos seus intimos, segundo diziam os jornaes.

Obsequiado e festejado em uma estancia onde expressamente se reuniu uma elite, ahi apreciou os trabalhos e costumes do nosso meio pastoril exhibidos por peões. Tambem lhe agradou a franqueza rude com que foi sauda-

do por um improvisador sentencioso e jovial, n'esse concorrido agape.

E na despedida o gaucho já montado fez o seu lindo corsel empinar-se, rodar nos dois pés e de chapeo de aba abatida na frente disse:

> Doutor Washington Luiz,
> Não se esqueça meu recado,
> Quando estiver na presidencia
> Mande, não seja mandado.

Pedro Lemos

Parece que S. Exa. guardou recordações muito agradaveis d'esta excursão; pois que passado anno e meio lembrou-se d'ella n'um banquete (17-12-27) em despedida excepcional a um ministro gaucho teceu lovoures ao Rio Grande, disse entre outras phrases:

"A sua gente é laboriosa, cavalheiresca e briosa, com perseverança no querer, no alimentar aspirações generosas, no acalentar de nobres ideaes.

Lá existe sempre forte e respeitavel a familia, nucleo indestructivel da sociedade, centro irradiador de todas as felicidades.

O homem do rincão vê e respeita na mulher a irmã, a esposa, a mãe, a filha, phases quasi divinas do ser feminino".

Nós somos senciveis ás palavras de S. Exa., realmente temos "perseverança no acalentar de nobres ideaes" por isso "alimentamos a aspiração generosa" da — amnistia —

e lhe seriamos gratos si se mostrasse mais brazileiro, não fechando os ouvidos a esta grita que vem de todos os cantos do paiz.

A ser verdade o que diz Spencer, os rio-grandenses possuem as duas qualidades que mais favorecem a evolução social.

Tem o *individualismo exagerado* que se manifesta no valor moral de cada um, no desejo de sobresahir por actos de iniciativa propria, nas expansões de sua personalidade e em mil outros detalhes.

E' tambem notavel a *excessiva inclinação para a vida social,* que se patenteia nas qualidades attrativas de que elle é fartamente dotado.

Não tentaremos aqui uma descripção especialisada, demonstrativa d'essa verdade, sim apresentamos na continuação d'estes desalinhavados apontamentos muitos topicos d'essa asserção, como sejam, a cordealidade affectiva, a simplicidade attrahente, a expansibilidade communicativa e a disposição para divertir-se.

Registramos em primeiro lugar o titulo de cavalheiros que nos dão os filhos de outros Estados que nos visitam e tornam conhecidas suas competencias artisticas ou scientificas e que são sempre bem recebidos na athmosphera social em que se apresentam; muitos d'esses visitantes, voltando para seus lares, já bem longe, dizem tanto bem de nós e do nosso cavalheirismo que somos obrigados a acreditar que possuimos realmente essa grande virtude das sociedade distinctas.

De modo geral existe por todo o Estado uma bondade

affectuosa, dadivosa mesmo e cavalheiresca, sempre prompta a uma acolhida cordeal.

Na fronteira nem ha necessidade de subir ás classes altas para sentir esse predicado, tão expressivo é n'essa região.

Prosigamos nas apreciações sobre a sociabilidade dos nossos patricios nos diversos meios sociaes com o seu bom humor sempre patente.

Em toda parte as altas classes da sociedade tem o ar satisfeito e a physionomia animada ao defrontar um amigo ou pessoa affeiçoada, mostram assim o contentamento e a satisfação em que entra o desejo de ser amavel, como é proprio da disciplina nas sociedades bem formadas.

Nas communicações sociaes do nosso povo, essas demonstrações de sympathia são mais vivas e generalisadas e tem um cunho mais acentuado de expontaneidade, de franqueza e sinceridade.

A sua natureza vibratil e expansiva communica-se com impulsos de affectos sorridentes; e são muitas vezes acompanhados de gestos largos ou graciosos como signaes evidentes de franca cordealidade.

O que chama a attenção é a boa disposição para expandir-se, para alegrar-se e sorrir entre as classes menos favorecidas da sorte.

Ellas são dotadas de iguaes affectividades, tem as mesmas satisfações vivendo n'esta athmosphera igualitaria e sentem-se felizes na sua mediania fraternalmente partilhada.

Mesmo entre os homens incultos, durante seus rudes trabalhos, a alegria do povo não perde seus direitos; muitas vezes se vêm sorrisos bem francos provocados pelos gracejos de um companheiro mais folgazão, como si elles fossem necessarios para quebrar a monotonia dos musculos em acção.

Nas fainas camponezas movimentadas com animaes, ainda mais vezes se apresentam as occasiões para a expansibilidade gaucha.

N'essa lida, nossos homens se estimulam com ditos agauchados e assim mostram a melhor disposição cóm que fazem o trabalho. E quando o serviço a pé na mangueira se torna mais arduo e difficil, não faltam locuções divertidas para o encorajamento geral e se ouvem phrases ditas com entonação animada e jovial como este:

— Não se acanhe, moçada!...

Merece destaque a maneira faceciosa que o gaucho tem para gracejar na intimidade dos seus.

Ahi elle está a vontade fazendo espirito em comparações divertidas e agauchadas com locuções pitorescas, ás vezes com modos entonados por graça.

Em suas folganças mais lhe acodem essas maneiras chistosas de fallar quando estão alegres.

Em suas reuniões os brindes rimados éram bem acolhidos e tinham ares de bom gosto.

Occasiões ha em que elle tem opportunidade de revelar uma vocação particular para fallar em linguagem figurada e dá a impressão de ser um idealista, um manejador de palavras, um poeta, ou um orador.

Alguns são realmente dotados do estro de versejar e

mostram cantando na viola improvisos bem felizes e aceitaveis, ás vezes em simples amores, ou ainda em descantes humoristicos a desafio.

Essa veia poetica explica as muitas centenas de quadrinhas na poesia popular riograndense.

A linguagem figurada é muito do seu agrado.

Realmente tem um prazer todo seu em empregar uma phrase ou mesmo uma palavra no sentido differente do proprio por uma semelhança de ideias.

A expressão figurativa para elle tem o mesmo sabor que o symbolismo para os cultores da poesia.

Algumas d'essas phrases não são destituidas de certa graça.

— F. não solta mascada.

Isto é, sobre seus negocios nada diz, rumina mas não falla.

— M. já está com 4 annos de inhapa. Quer dizer com o excesso de 4 sobre os 60 da existencia normal.

— Vou ganhar esta questão de rebenque erguido.

— P. está fazendo jogo por baixo do ponche.

— Tire o cavallo da chuva. Si n'uma palestra um vem dar opinião contraria, ou cita factos contestaveis, ouve essa phrase.

— Está com a marca quente. Zangado por um facto recente.

— Passou-lhe um boçal de couro fresco. Enganou-o.

— Se enredar nos quartos. Atrapalhar-se.

— Toca o petiço. Apura o passo.

— Bateu com a cola na cerca. Morreu.

— Lambe espora. Engrossador.

— Batendo na marca. Tocando a toda pressa.
— Pisar no ponche. Offender.
— Visita de soltar bois. Muito demorada.
— De redea no chão. Manso.
— Tirar na garupa. Salvar.

Como estas expressões ha muitas outras, a infinidade d'ellas não permitte mais que alguns exemplos.

São ditas com feição alegre, mui usadas na intimidade dos que cultivam o espirito gaucho.

Ha mesmo palavras com fóros de cidade como rodar entre os estudantes.

Na campanha o povo abomina a austeridade, combate a melancolia e põe de lado a solemnidade.

O tedio não encontra guarida na indole da nossa gente, que ama a vida social e presa os divertimentos.

Outr'ora as denominadas carreiras éram pretextos para se reunirem muitos moradores de algumas leguas de distancia com o fim de passarem alguns dias de folgan-ganças em varios divertimentos.

N'uma estancia, os casamentos e baptisados tornavam obrigatorios os bailes e os banquetes; resultava sempre uma festança animada que decorria em doce convivencia.

Não éra um divertimento, mas uma variante do espirito da época o grupo de tres chamados foliões que com violas e cantorias adequadas tiravam esmolas do Divino para as festas do Espirito Santo na cidade.

Por occasião d'esses festejos religiosos havia na

praça as cavalhadas apreciadas e concorridissimas, imitação dos torneios da idade media.

Por circumstancias, lembrarei como ellas eram feitas ha mais de meio seculo.

Com vestimentas luxuosas e vistosas de mouros e chaistãos, os mais guapos moços e dextros cavalleiros montavam com garbo bellos corseis lindamente ajaezados, enfeitados e com ruidosos guizos no peitoral, que resoavam a distancia despertando alvoroço e alegrias.

Os dois grupos entravam a galope por lados oppostos e faziam meia volta de circulo na grande Praça da Matriz e approximavam-se pelo centro para o primeiro encontro a lança, o segundo e o terceiro, a espada e a pistola.

Depois d'esta evolução e fingidas arremessadas vinha um pequeno descanço para carregar as armas.

Perfilados os grupos em pontos oppostos sahia o mantenedor christão a desafiar o seu competidor mouro, passando pela frente do adversario dava um tiro, este sahia de espada em punho e iam peleando até o grupo chistão, um tiro ahi fazia sahir outro adversario com arremetida de espada a florear do mesmo modo até o outro grupo onde se repetia a mesma scena e assim continuava até o ultimo mouro.

Esta primeira parte terminava, ou com a vinda de um embaixador mouro que produzia bellissima falla, ou todos agrupados assaltavam o castello onde estalavam muitas bombas e tiros.

Um bugre em pello éra ás vezes necessario para fiscalisar a praça.

Em seguida iam todos para a igreja em fila de dois, cada um apadrinhado por um chistão e lá recebiam o baptismo.

Mudados os cavallos continuavam todos juntos em diversões e jogos.

As caveiras sobre quatro postes baixos, cada cavalleiro dava duas voltas, na primeira procurava enfiar a lança na 2.ª e 4.ª caveiras (mascara de uma cabeça) na segunda com tiros derrubava as restantes, a do centro éra levantada do chão com a ponta da espada, os mais dispostos faziam correndo esta ultima sorte.

Cada um repetia essas provas.

Terminavam tirando a argolinha que ás vezes substituida por um anel éra levada ladeada por dois adversarios para a namorada, noiva, pessoa de amizade ou de destaque.

A retirada se fazia em um só grupo abanando os lenços.

Mas ... volvamos a outras expansões alegres do povo.

Nas cidades as animadas tertulias, os bailes frequentes, os assaltos bem acolhidos e os divertidos jogos de prenda, constituiam variadas formas de diversões familiares d'aquelle tempo.

Esse espirito de sociabilidade no interior tem tomado grande incremento atravez do tempo e é de notar que suas reuniões vão perdendo o caracter de improviso, de resolução de momento para adquirir o da estabilidade, da fixidez.

Hoje existem organisações sociaes em algumas villas

e em todas as cidades da campanha sob a forma de clubs adaptados aos entretenimentos predilectos de seus socios e que servem tambem para reuniões de suas familias em bailes, concertos, kermesses, etc.

A mocidade que vae se formando nos ardores dos exercicios physicos em sports tem incrementado pelo interior associações para foot-ball e outras formas de diversões.

N"este particular o Norte do Brasil fica a dever muito a estes pagos onde o povo sabe divertir-se com bizarria, como sabe defender a patria com galhardia.

E' a exuberancia de vida.

O rio-grandense nunca perde a opportunidade de mostrar o encanto de sua natureza sempre disposta de humor sadio.

Esse modo de proceder entre os que habitam na cidade melhor se denuncia quando se reunem para organisarem sociedades de diversões.

Ahi com os mesmos propositos da habitual simplicidade começam pondo de lado, como si fossem abolidos, os nomes pomposos que fazem lembrar grandezas e cousas solemnes para aceitarem as sugestões de titulos humoristicos, modestos, ironicos, ou zombeteiros, com que são conhecidas dezenas de associações d'essa natureza, como o apreciado "Club Musical Dynamite", o "G. C. Promptidão", o "G. sportivo Treme Terra" etc., etc.

Na cidade do Rio Grande ha um antigo club que é frequentado pela elevada sociedade d'ali, intitulado — o "Club Saca Rolhas".

Adiante citamos outros.

Embora n'estes ultimos annos, o progresso tenha trazido nas industrias e no commercio modificações bem assignaladas com as maiores riquezas e melhoramentos materiaes, continuam os mesmos sentimentos simples e bons que impulsionam suavemente a democracia no seio das nossas sociedades modernisadas de modo a alliar as suas exigencias com a indole expansiva da raça (*)

Movidos por essa inclinação para uma vida animada com distrações e divertimentos de salões, não ha muito tempo fundaram-se n'esta Capital duas sociedades de dança alem de muitas já existentes, que receberam denominação expressivas do espirito que temos definido.

Uma teve o appellido ironico de — Phylosophia — e a outra foi aclamada com o nome alegre e jocoso de — Jocotó —.

Ambas frequentadas pela elite porto-alegrense fazem as delicias da primeira sociedade.

N'ellas se expande com todo o explendor a alegria da mocidade rio-grandense em repetidas reuniões, depois de uma hora de arte.

No carnaval, como as suas congeneres, a graça animada é a mais esfusiante e respeitosa que é dado encontrar.

N'essas occasiões as minhas gentis patricias mostram que sabem se divertir e sabem realçar tão bem suas modestas e peregrinas bellezas com os artificios da moda ao seu alcance, que chegam a se transformar em ou-

(*) Por occasião do 9.° Congresso Medico Brazileiro, esses costumes simples foram notados pelos expoentes da medicina que nos deram a honra de suas visitas.

tras tantas fadas viçosas, alegres, que brincam a seu modo; algumas em grupo de zig-zag passam voltigeando n'uma alacridade de meninas divertidas, animando e enchendo com os explendores de suas alegrias juvenis e de seus pares os deslumbramentos feericos dos salões.

Esta digressão pelos recantos onde desabrocham os sorrisos primaveris da existencia não nos afastou da linha de humor sadio que vinhamos trilhando.

Agora vamos subir para a esphera dos intellectuaes anonymos que movidas pelo animo excitado de um periodo revolucionario tiveram motivos para expandir a sua boa disposição de espirito em versos galhofeiros, ainda hoje lembrados.

A revolução de 35 moveu o patriotismo rio-grandense e durou 10 annos.

N'essa temporada de exaltação partidaria, o interregno dos combates trazia a critica dos acontecimentos e o espirito do povo que não perde occasião opportuna para gracejos entrou em apreciações divertidas.

A propria revolução ficou conhecida com o nome — Guerra dos Farrapos — apellido que os legalistas davam aos revolucionarios, naturalmente por andarem com os seus guerrilheiros mal vestidos; os farropilhas por sua vez chamavam os adversarios de camellos, pois serviam a gallegalidade, allusão pejorativa aos regentes do Imperio, tambem éram appellidados caramurús.

Entraram em acção os epithetos, os versos de critica, os epigrammas aos chefes, as versalhadas abusivas,

as cantigas ao violão e principalmente as satyras que n'essa época estavam em plena voga.

As versalhadas sahiam scintillantes de verve, tinham a graça da opportunidade se occupando de assumptos politicos.

Em todos os tempos se decantaram em rimas assumptos chistosos; os nossos poetas improvisados foram sempre ferteis em producções d'esse genero.

Alguns são bem engraçados, fazendo zombaria, de cousas sociaes, como amores mal correspondido, passagens comicas, ainda de fanfarronadas e tambem de simples facecias com animaes como o tatú.

De mistura se encontram algumas quadrinhas de conceitos reaes, sérios.

As musas inspiradoras d'essas trovas gauchas tem estado por longo tempo adormecidas com demoradas folgas; só de longe em longe surgem productos de sua inspiração alegre, como o poemeto satyrico de Amaro Juvenal, as poesias humoristicas de Apporelly e algugas outras regionaes.

Entretanto no seculo das luzes, ellas illuminaram repetidamente a verve d'esses poetas incognitos que nos legaram muitas centenas de quadrinhas da poesia popular rio-grandense.

E' de notar que n'ellas não se encontra a expressão dolente e sensual da litteratura sertaneja, nem a linguagem imaginosa e palavrosa do norte, sim o espirito pratico do povo e o romantico do seculo XIX.

Esses trabalhos de litteratos desconhecidos andam dispersos, muitos estão colleccionados no Annuario do

sempre lembrado Dr. Graciano Alves de Azambuja dos annos 1891, 92, 94, 95, outros são encontrados nos Almanachs do Snr. Alfredo Ferreira Rodrigues e ainda em varios outros almanachs e revistas antigas.

Algumas poucas são transcriptas n'este trabalho para dar colorido a assumptos relativos.

Depois d'essas referencias ao realce alegre que alguns litteratos do passado deram ás nossas lettras, merecem menção, os commentarios humoristicos que costumam apparecer na imprensa diarista de hoje.

Occasiões ha em que a ironia vem com fina verve suave como a brisa apenas buliçosa.

Mas outras vezes seus sueltos tem ferrotoadas picantes como pontas aceradas de aguilhão, com bem cabida opportunidade para castigar costumes, praxes e erros alheios.

São manifestações da alta esphera que honram a imprensa do sul.

A pcychologia dos povos tem a sua variante.

A revolução de 93 foi outra temporada em que o humor alegre de que vimos tratando se mostrou de outras formas.

Os revolucionarios que estiveram alguns mezes emigrados no Estado Oriental e que invadiram pela fronteira, traziam nos chapeos fitas brancas, com dizeres ironicos como este:

"São sete mezes de auzencia, picapau tenha paciencia". (Appellido que tinham os soldados do gover-

no, por terem nos bonets algo de encarnado como o topete d'esses passaros.)

As porções de alferes e mais officiaes (paisanos em commissões) de que se compunham as forças estadoaes chegavam n'uma cidade e éram bailes sobre bailes.

Parece que nunca se dançou tanto, as occupações n'esse tempo éram as diversões sob todas as formas, como si todos sentissem a necessidade de alliviar essa athmosphera carregada de tristezas e aborrecimentos da guerra civil.

Os que não pegaram em armas reuniam-se em casa uns dos outros para se distrahirem, para passarem o tempo divertidos, então éram pilheirias de todo quilate, algumas pesadas aos fanfarrões, como fingidas perseguições, ou falsos chamados a noite para ser enchugado em uma sanga, etc.

Na campanha os combates corriam sangrentos mas havia tambem gracejos.

A grande quantidade de homens em armas fardados a bons soldos do governo e que a si mesmo se denominavam patriotas deu lugar ao carcasmo dos camponezes que appellidaram com esse nome aos matungos magros, tosados de cola e crina, estragados da revolução e abandonados nos campos.

Por longos annos a palavra patriota deixou de ser pronunciada a sério no interior.

Essa guerra civil veio mostrar outra face do estoicismo gaucho.

O carcheio e a potreação chegaram ao auge, cavallos e eguadas arrebanhados, gados dizimados, trabalhos paralisados.

Passada a refrega, o estancieiro sem se lastimar, sem se queixar de prejuizos, trabalhou.

E a fecundidade d'este solo abençoado em pouco tempo repovoou seus campos.

SIMPLICIDADE

O nivelamento do povo — As descripções de Saint-Hilaire apreciando as mulheres — o alto criterio d'ellas — a vida rustica e seu caracter — o filho e suas qualidades varonis e sociaes — as mulheres de hoje e suas grandes virtudes — casamentos — o gaucho pouco agradece — os elogios — modos de agradar — de travar relações — o cumprimento do sertanejo — a altivez do gaucho — o você e o tú — as crendices populares.

As guerrilhas e ainda a vida pastoril foram factores importantes na vida do rio grandense e lhe imprimiram caracteres especiaes que vamos apreciar.

Os homens que empregam seus esforços n'estes dois ramos de actividade em que se faz necessario o concurso de muitos quasi sem distincção de classes, tornam-se simples e igualitarios.

Entre pessoas irmanadas pelo ideal commum, a disciplina sempre foi folgada; em guerrilhas assim acontecia; commandantes e commandados passavam pelos mesmos abalos e choques.

Nas victorias ou nas derrotas o mesmo sentir os igualava.

E' sabido que as guerras democratisam os povos.

Nos trabalhos pastoris passavam ainda mais desapercebidas as differenças sociaes, o esforço éra commum, a acção partia do lado necessario, patrões e peães despendiam a mesma actividade e muitas vezes não éra facil distinguil-os. (ainda hoje é assim).

Tal foi a origem da democracia dos nossos antepassados.

Nos meios poucos habitados, quando a indole é boa nasce naturalmente a bondade acolhedora, a approximação dos costumes.

Si os interesses convergem no mesmo sentido se estabelece o auxilio mutuo, a franqueza e a lealdade, qualidades que nivelam os homens na democracia, em verdadeira fraternidade.

Assim aconteceu no Rio Grande.

Esses costumes se conservam entretidos pelas mesmas causas de origem.

Seus habitos continuam a ser simples e bons, até mais brandos, (*) devido a abundante diffusão da instrucção acompanhando o rapido progresso da campanha.

A proposito d'essa phase primitiva do Rio Grande,

(*) Mais brandos sim, pois já não se encontram os ostensivos valentões e provocantes fanfarrões que nos vexavam; como tambem não se veem mais os capoeiras na Capital Federal que em maltas nos envergonhavam perante o extrangeiro.

o celebre naturalista francez Augusto Sainte-Hilaire, que no periodo colonial percorreu durante alguns annos a Capitania de Minas, parte de Goyaz e de S. Paulo e depois a de S. Pedro, escreveu a sua apreciada obra — *Voyage au Rio Grand du Sud* — da qual tiramos alguns topicos. (*)

Na sua marcha lenta em carreta de estancia em estancia observa o modo prestativo e dadivoso dos homens e nota sempre serem muito gentis as mulheres com quem trata e diz:

"Todas as que vi são bonitas, têm olhos e cabellos negros e muito alvos.

Superam certamente as francezas pela belleza do seu semblante".

E logo adiante:

"Todas as senhoras que fallaram commigo, dispensando-me gentilezas, me fizeram comprehender que têm muito bom senso, talvez mais que seus maridos".

Em outro ponto repete:

"As mulheres têm bellos olhos, são geralmente bellas, têm pouca delicadeza nos traços e pouca graça nas maneiras, entretanto são infinitamente superiores ás das Capitanias Centraes."

Aqui duas ponderações nos detem.

A depreciação das mulheres das Capitanias Centraes, onde vio muitas uniões e poucos casamentos, é

(*) Esta obra traduzida pelo Dr. Clodoaldo Mesquita da Costa encontra-se na "Revista do Instituto Historico e Geographico do Rio Grande do Sul".

devido a se esconderem dos homens e a serem as primeiras escravas dos maridos, diz elle.

As nossas, sem passividades, mereceram elogios por procederem de modo contrario, têm liberdade de acção e uma expressão de bondade confiante; para defeza de sua castidade não precisam nem de esconder-se, nem de mostrar physionomias severas; apparecem amaveis, accessiveis e acolhem bem, mesmo a um extranho, sempre com a maior isempção de malicia.

Sobre o alto criterio a que se refere não resta duvida que elle tem toda a razão pelo que tenho ouvido em palestra com senhoras, algumas altamente collocadas, externando conceitos que honram ao affecto e dignidade pessoaes, ditos com tanta elevação e franqueza que ennobrecem seus caracteres.

Existe em todo o lar brazileiro essa virtude entre as senhoras, porém sem a communicabilidade facil e franca das nossas.

Quanto a affirmativa d'aquelle auctor de pouca delicadeza nos traços e pouca graça nas maneiras, é natural que ellas soffressem e continuassem a sentir a influencia do meio e se tornassem um tanto varonis.

Encontravam-se mulheres despachadas, um tanto exaltadas, promptas em suas decisões e mesmo familias em que todas tinham esse dom.

Tambem havia algumas de uma energia desabrida, de desconcertar um homem.

Ainda na revolução de 23, o chefe das forças governistas, que ouvia reclamações vehementes de mulheres, pela 3.ª vez não poude conter-se sem exclamar:

— Como são atrevidas as mulheres d'esta cidade !!!...

Mais razão tinham as antigas, pois a rusticidade do meio, as luctas frequentes com os hespanhoes, mais tarde a guerra cisplatina, as revoluções repetidas na Banda Oriental refluindo em nossas fronteiras e os nossos proprios levantes armados, constituiam um ambiente especial, o unico no Brasil, em que ninguem alcançava a juventude (ao menos na parte fronteira) sem vislumbar o espectro de guerrilhas, sem saber de suas agruras, ou sem ter pessoas suas correndo esses riscos.

Os homens viviam n'ellas, ou nos affazeres rudes das lidas pastoris.

Assim, diante d'essas visões o que poderiam fazer as mulheres senão sentir e partilhar esses males e ter expressões decididas e energicas nas occasiões precisas, sendo entretanto de natural simples, bondosas e acolhedoras.

Não éram como as heroinas romanas, mas sabiam e sabem ser altivas e incutir no animo dos filhos o sentimento do dever e da honra; assim como mostravam os caminhos asperos da vida, tambem sabiam tratal-os com carinhos.

Um filho creado n'esse duplo ambiente, por um lado tinha que se tornar affeito ás peripecias de uma lida aspera e aos factos duros que davam-lhe lições de energia, obrigando a ser resoluto, destemido; por outro lado impregava-se da simplicidade e pureza dos costumes bons e ahi éra um praticante da sinceridade e lealdade.

Moldado n'essas condições severas, que não comportavam artificios, o que poderia sahir d'elle senão um

verdadeiro homem para as occasiões necessarias, porem simples, modesto, sem atavios.

Taes são as qualidades do seu caracter.

Com seu todo de singeleza abomina o embuste, a hypocrisia, mostra-se avesso ás formalidades e sente-se contrafeito diante as cortezias em demasias, os agrados exagerados, os modos amaneirados, as atitudes affectadas, não só por irem de encontro aos seus habitos lhanos e familiares, como por lhe parecer que os exageros d'esta natureza ou mascaram bajulações e intenções occultas, ou são manifestações de pedantismo, cousas do seu desagrado.

No meio social se apresenta com toda naturalidade, tal como é, anda, move-se consciente de si, desataviado de preconceitos, age sem constrangimento, despreocupado dos reparos do meio.

Si a occasião se apresenta, mostra o quanto é expontaneo para um acto de cortezia, de offerecimento; e movendo-se para esse fim o faz sem affectação, sem mira de agradecimentos, nem de chamar a attenção sobre sua pessoa.

E' despretencioso, despido do desejo de apparecer.

Não tem deferencias para attrahir a attenção, mas com seu espirito devéras democrata á ninguem mostra indiferença ou repulsa; a um desconhecido modesto ou não attende com urbanidade e boas maneiras.

Com essa indole prestativa recebendo um obsequio agradece com moderação, como si viesse tão sómente da bondade e não do merito.

Esses caracteres que se encontram em conjunto ou

não, o mesmo Saint-Hilaire resumiu nos seguintes termos:

"Os rio-grandenses têm um ar de liberdade, desembaraço natural que mostram em suas maneiras, movimentos vivos, sem denguices ou requebros na polidez, são mais homens."

Esses predicados notados ha mais de um seculo continuam a ser os mesmos.

Ainda hoje são em geral bonitos, bem conformados, physico desenvolto, ar desempenado, frescura e colorido da pelle como expressão de saúde, traços correctos com algo de altivez no porte como prenuncio de energia.

Quanto ás mulheres tem havido tambem differenças, pois já ganharam mais delicadezas nos traços e mais graças nas maneiras e vão se tornado mais bellas com a melhor cultura que duplica-lhe os attrativos do espirito e do sexo.

Embelleza-lhe a alma este ambiente simples, em que se move com desembaraço, conservando seu ar de liberdade, anda com a elegancia natural nos movimentos, desprendendo do conjucto expressivo e harmonico a graça seductora do seu perfil feminino.

Completam a sua personalidade uma alta dóse de reflexão, criterio profundo, intelligencia esclarecida, um caracter positivo de senso moral, porém amaveis na conversa com uma feição sorridente de jovialidade moderada.

Não vive preocupada com a impressão que causa n'este meio bastante simples, onde não se vislumbram nem necessidades ficticias das indefectiveis representa-

ções sociaes e forçadas apparencias da vida, nem as mentiras multiformes tão frequentes nas sociedades refinadas.

Aqui vive fóra dos requintes sociaes e os substitue por tesouros de bondade e dedicações, ternuras e meiguices, com que preparam os lares felizes.

As suas reuniões intimas familiares ellas encantam com maneiras expressivas de graça sadia, radiante, temperada de uma alegria em que entra a cortezia sem cerimonia, o agrado sem affectação, sem malicia, com fina elegancia moral e tudo decorre na melhor singeleza, com a encantadora naturalidade de quem se diverte n'um contentamento feliz.

Sobre casamentos pouco ha que dizer.

São em maioria quasi absoluta bem ditosos, abençoados pela forte união dos affectos conjugaes.

A simplicidade do meio, que acabamos de descrever, tem a grande vantagem de constituir uma base segura para a vida feliz.

A mulher rio-grendense com a sua fina intuição de felicidade baseada na harmonia tem a virtude da submissão consciente, acommoda-se bem ás condições do marido, a quem ouve, acata e obedece sem constrangimento, como julga do seu dever e opina discretamente com doçura e indulgencia.

Não tem exigencias descabidas, nem preocupações de gozo e ostentação.

Ao contrario, guiada pelo seu profundo criterio sabe poupal-o e dirigir-se com discernimento.

Nunca perde de vista o equilibrio economico como base e sustentaculo da familia e n'este ponto muitas vezes supera o marido. (*)

Os homens por sua vez têm cortezias e gentilezas com as damas, são affaveis na intimidade e sensiveis aos dictames do amor, o grande esteio da felicidade conjugal.

Esse magico nivelador (Mantegazza), habil em desfazer arestas e estabelecer harmonias, é o meigo dictador das ligações matrimoniaes.

São frequentes aquellas que elle provoca com disparidade notavel de fortuna em que muitas vezes o grande deficit vem do sexo fragil.

O que raro acontece nos centros populosos, onde ha imperiosas exigencias socias, de modo que os enlaces nem sempre têm um élo bastante forte para resistir a embates depois da etape florida do matrimonio.

E' muito raro que isso aconteça entre as gauchas; mas si uma jovem esposa sente fallir a felicidade aspirada, não desvaira; faz o possivel para conquistal-a.

Seus esforços vão a ponto de sacrificar-se. E si o nó conjugal foi realisado apezar dos conselhos e vontade dos paes, ella sente-se tão sómente a culpada, a unica auctora

---

(*) E' muito commum uma senhora que perde o esposo estancieiro, dirigir tão bem seus negocios com os filhos que os faz prosperar.

Lembramos ainda o facto de haver no commercio firmas sociaes em que o primeiro nome é o de uma viuva.

O que parece não se dar em outros Estados e vir em abono das nossas sem passividades, muitas vezes bem activas, energicas e capazes.

de seus males, então enrija-lhe a alma uma energia forte, inquebrantavel.

A coragem de que se reveste honra a sua pureza; e a altivez do seu caracter ultrapassa as raias do sexo forte, no sacrificio, no soffrer silencioso, com uma resignação não passiva nem chorosa, mas altiva e corajosa.

N'esse sacrificio de si mesma para alcançar a felicidade está a sublimidade da mulher pura e amorosa.

Já dissemos em outro lugar o quanto é notado o respeito que o rio-grandense tem pelas mulheres e o quanto ellas se mostram realmente dignas, dando assim á familia uma nota de distincção elevada; o que tem chamado a attenção de quantos entram na sua intimidade.

Porém deixemos este já longo discretear sobre assumptos femininos para pennas mais exercitadas e competentes e voltemos para a nossa dilecta campanha e vejamos o modo de agradecer de sua modesta gente.

No interior o povo em geral é pouco dado a fazer agradecimentos, não por orgulho, mas por considerar tacitamente certos obsequios como actos naturaes, dadivas amistosas, fraternaes; n'uma estancia a vida tem essa cambiante da boa intimidade, pois entre irmãos essas praxes são descuidadas.

Não sendo solicito para essa formalidade, nem de leve põe em reparo a falta d'ella.

Almoçar ou pousar em uma casa de campanha sem essa deferencia ao retirar-se não traz nem por momento a lembrança d'esse descuido; si voltar será recebido com o mesmo agrado. Na esphera dos homens do povo mais

dados a essa forma da sociabilidade, quando um agradece qualquer pequeno obsequio ouve logo a contestação.

— De nada. —

O pessoal necessitado acha difficuldade de pronunciar o verbo pedir, prefere empregar o ceder; talvez por isso mesmo ao receber julga-se desobrigado de expressar-se.

Quanto a elogios o povo não é indifferente, mas não se mostra grandemente lisongeado ao ouvir. Não é o seu fraco fazer ou recebel-os.

Ao contacto frequentes com outros, percorrendo a campanha por dever de profissão, elle tem certo cultivo social e sabe dar o devido valor as cousas e distingue bem o que é bom e bonito.

Se alguem tece louvores ao que lhe pertence, não deixa de contestar com certa expressão de indifferença e modestia e responde confirmando pela forma negativa. Exemplo:

— O seu cavallo é muito bonito.

— Não é feio, está ás suas ordens.

— O seu campo é muito bom.

— Não é máu.

O modo de agradar entre as pessoas do interior tem os seus caracteristicos.

Na campanha ha tempo para tudo e ha tambem melhor disposição para amabilidades e para demoradas demonstrações de affecto.

A approximação social ahi é uma necessidade e facilmente torna-se intima e familiar; o meio convida para

expansões amistosas e é natural o impulso de sympathias para conhecimentos mais demorados, para defferencias pessoaes e cortezias ás vezes com rasgos de offerecimentos cavalheirescos. Ha mesmo pessoas exageradas em se mostrar amaveis e gentis, como si se esforçassem para conquistar amizade, ou como si fizessem d'ella um culto.

O povo em geral tem maneiras amaveis, com pequeno cunho de cavalheiros. E' expontaneo para agradar, gosta de obsequiar, e tem gentilezas dadivosas.

E' até uma forma muito commum de serem amaveis entre si o presentear, seja de que fôr, fructas, objectos de pequeno ou mais valor, mesmo animaes, um lindo cavallo, uma novilha, um petiço para o filho de um amigo, ou o regalo de um bagual para sua tropilha.

Trazer uma lembrança para a comadre ou afilhado éra de praxe.

Parece terem a comprehensão que os pequenos pre sentes entretêm as boas amizades.

Nas suas mais intimas relações o compadresco é uma defferencia nunca esquecida como titulo de bom amigo; prevalece muitas vezes a outro qualquer parentesco e é sempre dito com certa consideração affavel e respeitosa.

Em determinadas espheras em que ha mais forças de affeições que cultivo social, nas cortezias entre vizinhos tem esta palavra uma forma amavel de se dirigirem, como si ella expressasse um gráo de parente estimado em pessoa da familia, tambem pronunciada com benevolencia affectuosa.

Mas vamos subir para outro meio mais elevado e ve-

jamos como se passam as cousas na desenvolvida sociabilidade dos nossos.

O feitio moral do rio-grandense afasta a ideia de se mostrar agradavel lisongeando abertamente o amor proprio alheio; não possue a amabilidade estonteante para provocar attrações acima de sua esphera, falta-lhe esse dom de insinuar-se com presteza. O seu agrado vem mais do acatamento que sabe ter com aquelles a quem considera, sempre de modo respeitoso.

Estas amabilidades sobem ás vezes a actos de delicadezas mais elevadas e onde são apreciados e comprehendidos recebem acalorados reconhecimentos pelo espirito generoso e cavalheiresco.

Em muitas occasiões não faz empenho, nem mostra desejo de se fazer estimado, mas a naturalidade com que se apresenta, o desembaraço dos seus movimentos, a impressão de bem estar que se desprende de suas maneiras e a doçura do seu trato são forças sufficientes para despertar affeições a seu favor.

Pode uma pessoa approximar-se intimamente d'elle tambem pelos seus modos expansivos, genio communicativo, ar satisfeito e seu todo affectuoso.

O caracter franco e amigo de dizer sem affectação o que sente e o que pensa attrahe a bemquerença de quem goza de sua convivencia.

Tem como si fosse um instincto social a fina intuição que a franqueza e a lealdade são os laços mais fortes da amizade.

O modo de travar relações merece algum relevo.

N'um encontro fortuito ao entrar em contacto social com alguem não tem o desejo mal contido de se collocar em evidencia, nem de fazer allusão á sua personalidade, nem sente o prurido de dar a conhecer por qualquer meio a grandeza de sua fortuna, a boa cotação em que é tido, as altas relações que o lisongeiam e o elevam na escala social, emfim não entra n'essas e outras revelações enfatuadas com que se envaidecem certas personalidades bem humanas.

Na occasião de fazer relações, quer seja apresentado, quer com pessoas que o acaso põe em contacto, um riograndense é affavel, despretencioso e moderado. Embora tenha alguma elevação social nunca mostra pressa em tornal-a conhecida, tem mesmo uma certa reserva em revelal-a, como se isso pudesse desagradar o seu interlocutor e faz o possivel por ser tão somente amavel.

A sua posição social modesta ou não, elle a torna conhecida si se offerece opportunidade no decorrer da palestra, que sustem sempre em tom amistoso; ahi com o seu natural communicativo falla dos seus affazeres, do resultado da sua actividade na criação, no commercio, diz a familia a que pertence e o lugar de sua residencia. Faz menção das relações de amizade, da franca camaradagem com pessoas de sua intimidade; n'este particular vae até apparentar ingenuidade, como si fosse seu ideal fazer-se estimar, ou como si agasalhasse em seu espirito o culto da amizade.

Verdade é que para muitos esse culto é um facto.

A cordealidade das relações e a amenidade do trato dão um actrativo particular a vida social na campanha;

por isso travado um conhecimento é commum na despedida offerecer-se a casa com ar prazenteiro, de bom humor e modestia, dizendo:

— Lá tem um rancho ao seu dispôr. Quando passar me dará o prazer de chegar, nem que seja para tomar uns mates.

Esse supposto rancho pode ser uma linda casa de material dotada de todo conforto.

Em viagem a cavallo na campanha o gaucho é de uma sobriedade de gestos muito notada.

Si encontra um andante, para cumprimentar leva a mão ao chapeu, aperta entre os dedos a aba com leve menção de movel-a e a um desconhecido diz simplesmente e em tom cerimonioso: — Patricio.

Si trata com uma pessoa conhecida ou mais considerada bota a mão no chapeu do mesmo modo, a palavra pode ser mais amavel. Ao deparar com um amigo, entre as indagações de sua saude, pergunta com modo amavel e levemente ironico:

— Como vae a obrigação? A familia.

Conta a tradição que, tendo Bento Gonçalves, chefe dos farrapos, escapado da prisão da Bahia e internando-se no sul atravessava a cavallo estes Estados a rumo do Rio Grande e quando foi cumprimentado pelo modo acima descripto, disse aos seus companheiros:

— Estamos no Rio Grande.

Agora vamos entrar no terreno das comparações, que é a melhor maneira de firmar opinião sobre certos assumptos.

Um ex-ministro de Estado e depois do Supremo Tribunal Federal, muito douto e de saudosa memoria, que me concedia a honra de sua convivencia, dizia-me:

"No Norte em tal ponto uma pessoa vae pela estrada a cavallo, encontra um homem do povo viajando a pé; este tira o chapeo com respeito e cumprimenta:

— Seu capitão.

A pessoa que não é de posição pouco elevada franze as sobrancelhas e faz com a cabeça um gesto arrogante e significativo, então o pedestre repete:

—"Seu coronel".

Será que no Brazil existem costumes dos tempos passados, da idade media, em que havia o fidalgote de meia tijella, chamado segundão?

Naquella época a pressão e a extorção dos poderosos sobre a arraia meuda produzia os bandos revoltados e criminosos, como os cangaceiros no Nordeste, com chefes tão prestigiados como Cartouche, Mandrino, Lampeão. N'este recanto brazileiro não existem essas disparidades; as differenças sociaes não tem esse caracter tão accentuado.

Já o grande e desditoso Olavo Bilac, depois de sua estadia aqui em propaganda patriotica, dizia ter encontrado mais uniformidade na educação do povo.

Em nosso meio um superior trata o inferior com urbanidade e até com relativa cortezia, mesmo porque o povo não tem o caracter submisso e humilde dos vencidos na vida; ao contrario, conserva algo de altivez e tem respigos de reacção si não fôr tratado d'essa maneira, pois

possue noções intuitivas dos seus deveres e direitos e faz uso d'elles na justa medida.

Muitos até procuram baixar a barreira das differenças sociaes.

Nas cidades encontram-se homens de condição inferior a nossa, que já fizeram sua independencia e que por isso mesmo acham-se com o direito de passar do tratamento de senhor para o de você, com a maior naturalidade, de modo urbano, em que não se vislumbra intenção má.

Esse modo de tratar para nós é semi-cerimonioso.

Pois na intimidade e nas relações sociaes, quando entre duas pessoas já existe uma corrente de sympathia confiante, dizemos simplesmente — tu —; expressão que alguns filhos respeitosos usam com os paes.

Esse modo de tratamento chama a attenção de nossos patricios de outros Estados.

Acham a expressão muito dura. Mas é tão somente uma questão de habito, elles certamente não adquiriram taes costumes por isso não usam entre si esse modo de tratar na intimidade, nem mesmo com os serviçaes, preferem sempre o Você (abreviatura de Vosmecê ou Vossa Mercê).

O pronome tu não é pronunciado no interior de certos Estados, em compensação usam de palavras que são indeleveis vestigios da escravatura e muitas vezes ditas por pessoas que não pertencem ao vulgo, como — ocê — nhor sim — nhor não — mecê ou mecêis, nho Antonio etc.

Ahi o desejo de ser amavel é tão manifesto que os gestos tomam a apparencia mollenga, dengosa, com poli-

dez de pessoa acanhada e os termos da conversa sahem mellifluos, por isso ainda acham duro o você e dizem simplesmente — ocê —.

E' extranha essa desarticulação da palavra para tornal-a melodiosa.

O tu para nós não é aspero e tem uma significação affectuosa, de franqueza, de lealdade. Parece que assim se penetra no amago do amigo e torna-se mais intima a convivencia.

O — tu — é a vestal da nossa alma; não se pode pronuncial-o sem ter o espirito limpo de qualquer impureza.

Ainda no terreno das comparações em que penetramos, ha que notar a differença existente entre o Norte e o Sul a respeito das crendices populares.

Na literatura dos nossos compatriotas nortistas se encontram em poesias, em contos e romances, as crenças phantasticas do sacy, sacy-perêrê, boitatá, assombrações e encantamentos.

Tambem existem varias superstições como os maus olhados, os maus presagios tirados de pequenos acontecimentos, as bruxarias, etc.

Em regiões isoladas com raras communicações é natural a ignorancia, os erros,as crenças em cousas sobrenaturaes, os fanaticos religiosos, como os de Canudos.

As chimeras e crendices da campanha sulista têm apenas o valor historico e estão muito bem descriptas nos — Contos Gauchos e Lendas do Sul — do primoróso e malogrado escriptor J. Simões Lopes Netto.

Quem escreve estas linhas ouvia fallar rara e vagamente em sua infancia em lobis-homem, mula sem cabeça, mas sem contos phantasticos, tambem éram lembradas as almas do outro mundo, casas assombradas, sem incutir no animo cousas fabulosas.

Mas gozava de certo credito entre piás e seus parceiros o Negrinho do Pastoreio como um amigo occulto, um alliado a quem promettiam um bico de vela quando sahiam a campear um objecto perdido no campo ou nos arredores da casa.

Parece que com a suppressão dos escravos e a diffusão da instrucção foram desapparecendo as raras tolices de negros imbecis e timidos, como feitiços, as aves agorentas, quebrantos em crianças, etc. Entretanto persistem as benzeduras como necessidades do povo meudo, para curas economicas em pessoas e as symphatias para os animaes doentes.

Tambem existem os profissionaes exploradores de crendices.

TOLERANCIA E ALTRUISMO

Na campanha primitiva, as impossibilidades do meio, as intemperies, os transtornos, desastres, accidentes e a selvajaria dos animaes sempre foram cousas irremediaveis, que forçavam a paciencia.

O pessoal inculto, seus defeitos, descuidos e preguiças tambem trenavam a paciencia.

E nos meios pouco povoados os erros são julgados com brandura, n'elles florescem a benevolencia e a indulgencia.

Foi n'essa escola pratica do bom senso em que o sentimento e a razão dominam que se fizeram os nossos antepassados.

N'ella as almas boas se retemperaram e os revoltados se resignaram e no decorrer do tempo as circumstancias da vida amalgamaram mais boa vontade em sua indole.

D'essa reflexão e d'essa bondade nasceu a tolerancia.

Si na campanha ella é fartamente espalhada pelas condições especiaes do meio; nas cidades ella acha ambiente bom e propicio para seu desabrochamento e ahi ella deixa passar serenamente os deficits, as lacunas e os erros alheios.

Para apreciarmos devidamente essa filha dilecta do coração e da razão, não sahiremos nem da cidade nem do terreno dos factos.

A confirmação de quanto dizemos está nos acontecimentos apreciados de visu recentes ou dentro de um decennio na propria capital, onde o conforto já é uma realidade e os direitos são mais conhecidos.

Entretanto a falta de um ou de outro não altera a calma habitual dos seus habitantes.

Isso bem entendido em factos que só affectam a bolça, ou demandam mais esforço ou mais tempo, nunca em actos que toquem a dignidade, nem deshonrem seu proceder.

Os impostos abusivos para os municipes já sobrecarregados não mudam a sua tranquillidade habitual.

Os bondes, a luz, a agua tem os seus incidentes, ou fazem das suas, o povo com isso não se mostra alterado, espera a luz ou a agua e faz grande trajecto a pé com o sol quente para alcançar outro bonde ao longe; parece confiado que cada um cumpre com o dever e os protestos, as irritações, os improperios são inuteis perdas de tempo e proprio dos fracos, dos nervosos, dos excitados da vida.

Outro exemplo. N'uma rua um vehiculo soffre um accidente e faz parar todos os outros, com atravancamento completo; diante d'isto todos ficam tranquillos e esperar (isto antes da agitação dos autos), pois tem a certeza de estarem auxiliando a reparar o damno aquelles que estão proximos a elle, como é proprio da indole prestativa d'este povo.

E' conhecida n'este paiz uma capital em que os factos como este não passavam sem os protestos sob a forma de improperios e palavrões: — seu burro, seu cavallo, com que se mimoseavam os carroceiros irritados.

Na esphera elevada, nas classes altas, é adoravel o espirito rio-grandense em materia de tolerancia.

Quantas vezes aves implumes da litteratura vão ao palco e não satisfazem as promessas de um cartaz, não pelo que executam mas pelo que deixam de levar a effeito, pelas faltas de numeros promettidos e os espectadores na sua admiravel indulgencia batem palmas e não ligam a menor importancia as falhas na execução do programma, cujas entradas foram bem pagas.

Nem siquer fóra d'ali articulam commentarios, talvez substituam por sorrisos de bondade.

Não é só com os de casa que apparecem esses traços de generosidade. Com os que aportam estas plagas a cata de successo é preciso ter algumas vezes, devem ter e tem mesmo esses rasgos de tolerancia, de cavalheirismo.

Não só em publico como entre particulares nota-se esse proceder que mostra as formas de caracter do povo, cheio de bondade e criterio, quando as faltas não vão de encontro aos bons costumes e a moral.

Um outro caracter do povo que tambem se exercita em maior escala na campanha é o auxilio; aliás sempre necessario nos trabalhos com animaes, é o ajutorio que prestam entre si os lidadores. ?

Ha porém uma outra cathegoria de auxilio que na

falta de outro qualificativo chamaremos de impulso altruista.

Nas lides pastoris, como em quaesquer outros lances da vida, uma pessoa de um momento para outro está em má situação, corre perigo, acha-se na imminencia de um accidente sério e precisa ser attendido com presteza.

Ahi a expontaneidade de um acto é tão natural e prompta, quanto a opportunidade da acção.

Um facto pessoal. A trote o cavallo mette a mão n'um buraco e cahe, ao levantar estou preso pelo estrivo e o animal não é manso.

O companheiro ao lado com a maxima presteza pula do seu e o segura com firmeza.

O perigo é jugulado.

Um outro facto, mas este colhido na Capital, na rua da Praia, frequentada pelos elegantes.

Um cavallo passa a bom trote levando uma carroça funda, o seu homem segurava-se com as mãos na parte anterior e o corpo ia de arrasto por baixo d'ella; um moço que passava pega rapido as redeas e dá um soffrenaço tão bem dado que o animal senta no chão; os homens do povo o attendem.

O jovem correctamente vestido com roupa clara seguiu o seu caminho.

O impulso prompto, resoluto, sem peias sociaes é proprio dos nossos camponezes e elle certamente éra da campanha. Pois é n'ella que se registram accidentes de todas as formas, pequenos e grandes e davam-se com frequencia no tempo dos animaes chucros, difficeis de lidar; confrome vimos tratando de — Touros — No exercicio con-

tinuo dos factos d'esta natureza desenvolve-se a indole prestativa de que são dotados os filhos do interior.

Um acto expontaneo e natural que não é pedido, nem busca elogios, dá a impressão de ser fraternal.

O rio-grandense nunca tem a natureza fria e indifferente ao que se passa ao seu lado.

Desde que se apercebe de uma precisão istantanea ou premente de outrem, seja no momento de perigo, ou de afflicção, o seu impulso é certo para uma intervenção benefica, ou para uma palavra affectuosa e confortante; assim se torna util ou agradavel.

A sua recompensa está na satisfação de evitar a magua e no prazer de praticar o bem.

Que se chame de soccorro, auxilio prompto, boa vontade, ou altruismo, é sempre uma forma da bondade, aliás já bem conhecida no paiz conforme as descripções que se encontram em alguns trabalhos de homens de lettras brazileiros.

Um grande escriptor na litteratura patria, Machado de Assis, que se distinguiu tanto pela aprimorada linguagem, como pela feliz interpretação dos caracteres regionaes, soube accentuar essas distincções com perfeita fidelidade em seus romances.

Em um d'elles descreve com minudencias as preoccupações, as idas e vindas, de uma senhora pelotense penalisada de quem precisava de auxilio e com o espirito de suas virtudes cumpria os impulsos de seu coração generoso.

O marido era deputado federal pelo mesmo districto.

O romance de outro auctor denominado — Dois me-

tros e cinco — apresenta um filho do sul como amigo sincero, leal, dotado de bom senso, sempre penalisado, aconselhando e servindo de amparo ao seu companheiro extravagante.

Li algures um outro que salienta as mesmas virtudes n'um patricio. São estas as provas incontestaveis de que alguns caracteres de nossa gente já são conhecidos.

A denominação de altruismo posta no cabeçalho d'este, me obriga a justifical-a com algumas referencias sobre a generosidade do povo em seus bellos impulsos em beneficio dos necessitados.

Empregando n'este mister algum tempo e dinheiro, muitos ricos se tornam benemeritos, ou fazendo grossas doações, ou dirigindo instituições de caridade e estabelecimentos de piedade.

Ha familias que se fazem notar e se distinguem em philantropia como a que deu o nome a modelar instituição Chaves Barcellos.

N'esta capital se ostentam bons edificios de hospitaes, azilos, orphanatos e outros estabelecimentos pios onde se cultiva com benevolencia o amor ao proximo.

Ha tambem um palacio feito com doações particulares, o Pão dos Pobres, que pode ser apresentado com honra e orgulho para o Rio Grande com seu internato para educar no trabalho creanças pobres.

As senhoras tambem concorrem com iniciativas proprias, organisando associações em que amparam as desprotegidas da sorte, como a Associação das Damas de Caridade e das Obras de Sta. Izabel em Porto Alegre, em

Pelotas as Damas de Caridade fundou o Asylo do Bom Pastor.

Em todas as cidades principaes do interior a philantropia do povo levanta Casas de Caridade, hospitaes para os pobres, que se mantem a custa da população, com dadivas, esportulas, pensões e pequeno auxilio estadoal.

O Estado distripuiu recentemente 61 d'esses auxilios entre taes estabelecimentos.

E' frequente o cavalheirismo silencioso com amigos em infortunios occasionaes; tambem ha a generosidade de outras formas, como abonar sem alarde os necessitados que se approximam.

O povo rio-grandense é em regra mão aberta.

Na Capital Federal organisou-se uma associação de filhos d'este Estado com a denominação de "Sociedade Sul Rio-Grandense" que já conta 70 annos de existencia, cujo fim é auxiliar e amparar os patricios ali feridos de adversidade, com pensões a familias, passagens para o Sul, etc. e que serve ao mesmo tempo de centro de approximação.

Ao contrario do que se dá com outras congeneres, ella não recebe auxilio official e goza ultimamente de grande conceito e franca prosperidade, tem um patrimonio superior a dois mil contos, alem de depositos em bancos.

E' actualmente dirigida por um grupo de benemeritos patricios capitalistas, esforçados na sua administração, sempre progressista, sempre prestativa.

Para dar uma ideia dos sentimentos de que vinhamos tratando são sufficientes estes apontamentos.

REVOLVENDO PASSADOS

O grande escriptor de assumptos sociaes rio-grandenses e distincto ethnographo Dr. Jorge Salis Goulart, em um dos seus bellos artigos traça a differença de caracter entre os colonos hespanhoes e portuguezes.

E' facil acreditar que a Hespanha no seu periodo de maior fausto e grandeza conservasse seus grandes homens e só sahissem d'ella para a America do Sul os individuos das classes inferiores, d'ahi o escriptor citado em classifical-os em:

"Audaciosos conquistadores, sem ligação de lar, entregam-se a excessos de paixões carnaes tomando as indias indigenas para mulheres occasionaes, com relaxamento dos costumes.

Sendo por indole, aventureiro, soberbo, intrepido, ocioso, arrogante, eloquente, prodigo, ambicioso, cheio de louçanias, e brilhos apparatosos.

Ao passo que os portuguezes se organisavam em familias constituidas desde a patria de origem; assim éra uma sociedade moralisada.

O simples trabalhador rural que aportava ao Rio Grande do Sul, se distinguia sempre pela temperança, pelo amor ao trabalho, pela modestia.

São por assim almas antagonicas essas duas especies de colonos."

Ahi ficam as bases de procedimentos ulteriores que vamos apreciar.

D'esses elementos sahiram os homens mais audaciosos e temerarios que tem existido no sul da America.

Dentre todos destaca-se o celeberrimo Rosas, que, tal como o Solano Lopes do Paraguay, teve intuitos de nos conquistar, por isso merece duas palavras.

Os argentinos tiveram seu maximo de soffrimentos com o despotismo d'esse caudilho, que rodeado de magna caterva, os insultava com a desfaçatez ultra insolente com que legalisava a sua prolongada dictadura e com os requintes barbaros no modo de dar a morte a seus desafectos.

Essa féra sanguinaria afugentou para o norte do paiz seus adversarios que se organisaram em forças em Corrientes e Entre-Rios.

Com sua audacia e astucia promovia manobras politicas para conquistar o Estado Oriental e o Rio Grande.

Foi então que o Brazil mandou em 1851 pela fronteira um numeroso exercito de 20.000 homens sob o commando de Caxias em defeza de Montevidéo que havia dez annos estava sitiada. Vencemos seus asseclas não só ahi como em Monte Caseros na Argentina com uma parte d'aquellas forças alliadas aos seus ferozes inimigos.

Disfarçado em marinheiro o despota fugou para um navio de guerra da Inglaterra, onde terminou seus dias.

Os nossos homens tranquillos e respeitosos da boa indole portugueza nunca invadiram com armas na mão regiões extrangeiras com o fim de conquistar.

O mesmo não podiam dizer os bulhentos aventureiros hispano-americanos de outr'ora, sempre fóra das leis e dos direitos.

Se pisamos armados em seus territorios foi para defeza nossa ou d'elles.

Assim aconteceu com o Paraguay, Argentina e Uruguay.

Hoje constituem Republicas perfeitamente organisadas, com as quaes entretemos amistosas relações; sobretudo com o Uruguay cujo terço de suas fazendas pertence a pessoas que tem o sangue brazileiro.

N'aquella época os nossos vizinhos uruguayos éram irrequietos.

As suas frequentes perturbações politicas reflectiam-se fortemente na fronteira e obrigaram o nosso governo a mandar mais uma vez forças restabelecer a ordem entre blancos e colorados, collocando estes no poder, na pessoa de V. Flores (1864).

Mas a caudilhagem estava enveterada e de vez em quando irrompia a guerra civil.

Quando Latorre assumio o governo, seu paiz acabava de atravessar phases de turbulencias provocadas por seus amotinados partidos com as caudas de ferozes sequazes.

Assim, encontrou-o infestado de malfeitores, scelerados, salteadores e começou a fazer-lhes uma atroz perseguição, mandando passar a gravata colorada em todos.

Muitos se afugentaram atravessando a linha divisoria

para este lado e por essas immediações se espalharam, aterrorisando as regiões proximas com assaltos, saques e mortes.

Foi muito fallado o celebre bandido João Trugillo no assalto a estancia de Canta-Gallo, com seus asseclas, em que houve morte, e saque de dinheiro de uma tropa vendida dias antes.

Esse facto alarmou a fronteira, os fazendeiros tomaram suas precauções e até hoje encontram-se por lá estancias antigas com janellas de grades de ferro e portas com a mesma segurança.

Esses foragidos da Banda Oriental tinham ares façanhudos, cabellos compridos até os hombros (clinudos), typos de ostensivos valentões, olhares provocadores, attitudes insolentes, topetudos, fanfarrões, conhecidos pelo nome vulgar de castelhanos.

A elles devemos a origem da pecha de bandidos que injustamente nos davam.

Ninguem podia evitar que os individuos de relés especie imitassem seus modos arrogantes e presumidas valentias; éra natural que depois da revolução de 93, como de outras, apparecessem a vadiagem e o banditismo.

Para acabar com esses malevolos que nos enxovalhavam o nome e causavam damno na zona fronteiriça, o Dr. Julio de Castilhos, governador do Estado, estabeleceu n'essas proximidades um quartel da Brigada Militar commandado por um homem de pulso de ferro e vontade firme, que no fim de poucos annos limpou a nossa fronteira.

Latorre lá e João Francisco cá foram os anniquiladores do banditismo.

Corrientes e Entre-Rios nos davam alguns de seus filhos, homens moços, alguns bonitos, porem de indole má, com rarissimas excepções eram fascinoras de sangue frio.

Tão frequentes tornaram-se suas façanhas perversas que quem dizia correntino dizia bandido.

Assim pelo sul e pelo oeste vinham esses vizinhos sanguinarios, castelhanos e correntinos, malfeitores de toda laia commetter assaltos e mortes no territorio rio-grandense, nos emprestando má reputação sem nunca termos merecido.

A indiada do Rio Grande tem um passado que merece ser revolvido; mas este não traz azedumes.

Os jesuitas estabeleceram em Misssões um grandioso fóco de irradiação religiosa e de catechese dos selvicolas e tão bem os dirigiram que foram a ponto de levantarem a celebre cathedral de S. Miguel, grandioso templo em ruinas, hoje em trabalhos para ser conservado como um pharol que illuminou o inicio da civilisação dos primitivos habitantes.

E'ram elles os senhores d'estas vastas campinas e nós conservamos as denominações que deram a lugares e rios todas tiradas dos seus conhecimentos simples.

Se tornaram depois os auxiliares dos estancieiros nas lidas pastoris, servindo de peães.

Foi facil esta cooperação devido a sua notavel predilecção em montar a cavallo; o que faziam até nas suas diversões arriscadas.

O meu avô, ex-tenente portuguez, proprietario de tres

sesmarias de campo, gostava immenso d'essa gente e sua estancia éra rodeada de toldos de indios.

As serviçaes tinham a mesma origem, o que obrigava a familia a fallar o guarany.

Para se expressarem em nosso idioma fallavam atrapalhados, pois na sua linguagem os termos são invertidos na construção da phrase.

Exemplo de expressões ouvidas d'essa descendencia:

— Maruca, vestido está comendo caturra.

— Pinto levou carancho.

O casuistico escriptor Monteiro Lobato descrevendo a indolencia do indio e as abreviaturas dos utensilios do Jéca Tatu, esqueceu-se da varinha que serve de chibata e de redea para governar um matungo bem manso, encostando-a no pescoço.

Ditos estes abreviados informes, devemos affirmar que dois grandes beneficios prestaram os aborigenas civilisados ao Rio Grande.

A primeira vantagem que nos deram foi a de se tornarem a peonada nas estancias, diminuindo assim a introducção do elemento negro.

Era muito do seu agrado a vida movimentada a cavallo, em que algo havia de semi-nomade, dada a sua indole andeja.

Esta qualidade merece uma annotação, pois se transmittiu aos seus descendentes e deu origem a palavra gaucho, com que a principio se designava o andante sem demora fixa, sem obrigações, porem estimado. Hoje a palavra está bem modificada e tem uma expressão superior.

Quanto a vida fixa da lavoura os indios mostravam-se

adversos, por isso os Estados que viviam d'ella éram obrigados a aceitar grande massa de escravatura.

O segundo grande serviço que nos prestaram e ainda prestam é concorrer para apagar gradualmente essa mancha negra.

A boa indiada tem caracter harmonico, cordato e uma natural despreocupação de interesses, a ponto de mostrar indifferença em passar pela pretoria para ligações conjugaes e tornar-se a palavra china synonimo de amante.

Pelo interior ainda existe o indio, o xiru, a piá, a china, chinóca, chichi velha, apezar da grande intromissão da côr vermelha no povo pela mestiçagem com a raça preta e a branca.

Talvez seja tanta como para o Norte se dá com a africana.

Nas pessoas elevadas tambem existem estigmas bem acentuados do elemento de que tratamos.

Houve mesmo uma época em que esteve muito em voga o indianismo creado pela litteratura romanesca do grando escriptor brazileiro José de Alencar e éra até uma virtude ter essa descendencia.

Não padece duvida que possuem grandes qualidades; são dotados de uma valentia calma, encaram um perigo sem aprehensões e sabem ser bravos na lucta, assim como são estoicos nos soffrimentos.

E' de crer que os rio-grandenses auxiliados pelos herdeiros d'esse sangue tenham alcançado a maior somma da bravura que os distingue.

CARACTER

Em diversos capitulos d'este trabalho já foram feitos muitas descripções dos caracteristicos do povo rio-grandense.

Agora resta apontar outras qualidades bem importantes que se referem as contendas pessoaes, as luctas politicas em que o enthusiasmo e o vigor levam ao exagero de revoluções adiante descriptas, a sua inclinação para a vida militar, etc.

Sobre as peleias individuaes desde já vae a affirmativa de que o povo não é altercador, nem dado a brigas ao contrario com o seu caracter brando pende mais para a harmonia, mas não lhe pisem no ponche, pois com o seu exagerado sentimento de dignidade não leva desaforo para casa.

Para deffendel-a anda geralmente armado e na campanha é de estylo.

Não provoca a lucta, mas brioso como é, instigado sabe enfrental-a com promptidão.

Tem a virtude occulta de um denodado.

Si existe resentimento pessoal e si almeja desforra com um desafecto manda avisal-o para o primeiro encontro, ou vae frente a frente atacal-o com o firme proposito de pelear com armas iguaes.

Com a lealdade costumada vence ou é vencido. Muitos são verdadeiramente homens de coragem que apezar de feridos gravemente continuam a mostrar uma valentia de féra.

Entre pessoas collocadas tem se dado casos de combate singular em que sem alarde é feito o desafio para um desquite pelas armas.

E' conhecido o duelo a espada sem testemunhas durante a revolução de 35, entre o general Bento Gonçalves e o coronel Onofre Pires, em que este recebeu ferimento grave e quiz continuar a lucta, mas o outro desistiu com generosidade.

O rio-grandense possue o culto do brio, homenagea o merito do homem corajoso, intrepido e energico.

A' sua bravura brilhante em combates repugnam os actos de covardia.

Nunca cometteria a vilania de ir para traz do pau assegurar a pontaria contra o inimigo que passa.

O Rio Grande sempre mostrou que não é terra de covardes.

Os filhos d'este Estado tem grande pendor para a vida militar, seja pelos attributos individuaes, seja pelo brilhantismo da carreira, ou porque ella representa o poder e a força de uma nação.

A antiga Escola Militar n'esta capital deu forte impulso a carreira das armas entre nós.

O actual Collegio Militar continúa como facho aceso a fomentar o mesmo gosto pela farda entre os rapazes.

O elevado numero de sorteados nas casernas com poucos insubmissos, as escolas civis com o exercicio de armas, as sociedades de tiro tão bem organisadas e frequentadas por moços que sabem se apresentar com porte marcial e enthusiasmo sadio, dão cabal ideia do gosto, da predilecção de nossa mocidade pelos exercicios militares, com grande proveito para a boa somma de reservistas.

Tudo faz crer que proporcionalmente ao numero de habitantes, o Estado concorre com o maior contingente para as forças activas e reservas do exercito brazileiro.

Por outro lado as guerras internas e externas tem mostrado que dos gauchos se fazem bons e leaes soldados e sahem excellentes commandantes de forças armadas e de exercitos.

São muitos os generaes d'aqui oriundos que tem nome feito na historia militar do nosso paiz.

Na carreira das armas e na politica é onde tem surgido em maior numero os grandes vultos do Rio Grande do Sul.

Alguns de seus filhos tiveram destaque em luctas no Parlamento e levantaram bem alto o seu prestigio durante o regimen passado, outros n'estes annos de republica se distinguiram por suas virtudes politicas, um d'elles bem varonil foi general, bem astuto foi notavel conductor de homens, com prestigio illimitado.

Aos precursores e aos sustentaculos de sua grandeza e prosperidade, o Rio Grande nunca esquece.

Porem descreviamos constumes e iamos dizer que si

o rio-grandense tem a sua carreira dilecta na vida militar, na politica mostra a sua preocupação predilecta.

No terreno das cogitações politicas o povo tem muito idealismo; o que tambem acontece com o governo, como mostrou adoptando as doutrinas de A. Comte na Constituição do Estado e a celebre liberdade profissional.

O espirito publico se interessa vivamente pelas aspirações elevadas e sabe alimentar com perseverança seus nobres ideaes.

Tambem deixa-se empolgar pelas questões politicas em voga.

Estas expansões são vehiculadas pelo jornalismo; n'elle se reflecte o caracter do povo. por isso ha que dizer algo a respeito.

Entre nós é bem desnecessaria a lei de imprensa, pois as questões não descambam para o terreno do personalismo, tão exagerado em outros pontos do paiz, nem para avaros interesses individuaes.

Estas explosões de impulsos egoistas não existem aqui, pois nunca vimos ninguem ser atacado com acrimonia irritante, nem atassalhado a fundo e escorchado, como em praça publica, n'aquillo que o homem preza ou deve prezar acima de tudo.

Taes factos só podem se dar onde houver homens corrompidos que mostrem desprezo absoluto a esta lei animal e social — o atacado defende-se.

Os nossos melindres são mais vivos e a honra offendida é questão que se liquida pelas armas.

O caracter puro do senador Pinheiro Machado deu

por essa forma uma lição a um jornalista na Capital Federal.

Alguns deputados patricios tem dado a conhecer sua energia.

Em nosso meio provinciano só vicejam os bons jornaes, que , moderados nos dizeres, fazem ponderações judiciosas visando sempre servir bem a communidade.

Tambem os de opposição não se excedem, guardam composturas e relativa cortezia; mesmo quando batem forte não perdem o respeito de si mesmos e dos adversarios.

Esta moderação na linguagem chamou a attenção de alguns paredros do 9.º Congresso Medico Brazileiro e dos jornalistas da ultima caravana.

Não ha muito uma grande potencia industrial veio aqui estabeler-se e notou o proceder correcto dos diarios.

As informações pedidas só visavam o interesse puplico e as noticias dadas éram favoraveis a ella, mas ficaram isemptas de remuneração, o que causou surpreza e posteriormente expressões elogiosas a essa modalidade.

Estes espelhos da sociedade procedem como ella, limpamente, sem tergiversar em questões de honra.

São desconhecidos aqui os periodicos que defendem interesses particulares ou de governo inspirados em fonte metallica.

Só ha balcões na 4.ª pagina.

O povo não aceita nem lê os maús jornaes, os subservientes, nem existe este genero.

A prova de que elles sabem andar bem está na auzencia de agressão a qualquer um d'elles.

E nem se pense que ha falta de energia, o povo tem de sobra, que o diga um batalhão que foi posto em 48 horas para fóra de uma cidade do interior, ha annos.

Mesmo entre os pequenos jornaes, de existencia ephemera, que apparecem como cometas, existe um certo decoro em ataques velados.

Se deduz de tudo que esta athmosphera é sã e o povo com sua conducta lisa e serena prescinde das leis de imprensa, sceleradas ou não.

A honestidade é outro attributo da elevação do caracter do povo rio-grandense.

Em seus actos elle timbra em mostrar a probidade, collocando acima dos interesses pessoaes a lisura do seu proceder e o homem que assim procede tem o direito de andar de cabeça erguida, de ser altivo e usar de toda franqueza e lealdade.

Não é só o governo que todo o paiz aclama como honesto que procede com a pureza absoluta de honradez, as repartições publicas guardam a mesma linha de conducta, de modo que a propina não tem aqui o direito de cidadania como em outros pontos, onde já se aclimatou.

O partidarismo exaltado em outros tempos não éra um caracteristico só da politica, pois se manifestava pelo interior a proposito de qualquer cousa.

Os factos, os acontecimentos, as sympathias pessoaes davam motivo a parcialidade que se transformavam ás vezes em rivalidades.

Nas antigas carreiras de importancia em que os donos tinham popularidade e os cavallos fama, as sympa-

thias por um parelheiro uniam seus partidarios constituindo uma facção e os adeptos do outro tambem juntavam-se em partido.

Na cancha animados, alegres, faziam altaneiros, quasi arrogantes, os desafios do jogo em altas vozes e d'essa maneira se degladiavam a peso de patacões.

A expansão divertida nas carreiras, que tanto caracterisava nossos pagos, vae se arrefecendo, cedendo lugar a outros costumes.

E' natural a lei da evolução.

Por toda parte nota-se que tudo se transforma e nunca houve no mundo mutações tão rapidas como n'estes ultimos annos, tanto nos paizes, na politica, nas communicações, como nos costumes e no aspecto das pessoas, etc.

Essas transformações vão se dando para finalidades democraticas, para cousas uteis e de valor pratico.

Tambem se deslocou para o mesmo fim utilitario o enthusiasmo da mocidade, desenvolvendo o vigor do corpo em exercicios physicos feitos em particular, em conjuncto, ou em sociedades esportivas como a do remo, do tennis e a do foot-ball que é a preferida de todos.

Ahi chamam os partidarios de torcedores, a cancha de arco e os exercicios continuos de treinos.

N'esse terreno vão bem os meus jovens patricios, pois a emulação é a alma do gaucho, elle gosta de ver ao lado o concorrente, lhe apraz disputar competencias na raia, na cancha, nos prelios.

Em principios de Novembro de 1927 um *team* riograndense perfeitamente homogeneo e selecionádo no jo-

go bretão foi festejado no Rio por ter se distinguido pelo brilhantismo de sua actuação em duas victorias alcançadas sempre com cortezia e principalmente com muita lealdade.

No 3.º *match* para o 5.º Campeonato Brazileiro do Foot-Ball, por circumstancias excepcionaes tiveram revezes...

Devido ao preparo e intelligencia arguta do carioca perderam o jogo no terreno sportivo, mas não perderam a linha de correcção, nem sua elegancia moral.

O gaucho é mais amigo

— das acções que das palavras,

— da linha recta que das curvas,

— dos factos que dos discursos,

— de divisar nas coxilhas que de entrever nas quebradas e nas mattas.

— do homem de formoso caracter que de quem tem grande riqueza.

Gosta de apparecer e se distinguir por actos de iniciativa propria que lhe dêm direito a estima dos seus e applausos dos extranhos.

Mas tem os seus defeitos e os mais notados vem do excesso de zelo pelo seu caracter.

Muitas vezes se retrahe ou não se mostra mais sociavel pelo receio de ser taxado de bajulador.

Não admitte duvidas sobre a sua honestidade, por isso em certos actos de origem commercial falta-lhe a cortezia, não guarda a linha.

Com o excesso de zelo pela sua dignidade torna-se alevantadiço, desabrido, agressivo.

Quando julga que a sua liberdade periclita fica indisciplinado, revolta-se, faz revoluções...

Ha n'elle outro defeito oriundo tambem de suas virtudes.

O seu caracter vivaz, prompto para actos vistosos, para lances brilhantes, com o espirito bizarro, franco, leal, aberto, amigo de divertir-se, prefere a actuação sem de longas em todos os ramos da actividade, em negocios logo resolvidos, exactamente como na vida pastoril, affazeres intensos com intervallos de repouso, assumptos liquidados, descanço no inverno.

Esse lado brilhante da medalha tem como reverso a pouca disposição para profissões que demandam perseverança, continuidade de esforço, tenacidade na acção.

Porem esse inconveniente originario da campanha não é generalisado.

Ainda um outro, que é antes um fraco e uma prova de bom gosto e até um meio de conhecer o verdadeiro gaucho de nossas campinas.

E' o modo attento como elle olha para um bonito cavallo, fica attrahido, enlevado.

Si estiver em animada palestra e passar na occasião um de linda estampa voltará seus olhos como fascinado, seduzido pela belleza do animal; enamorado da visão saltam-lhe palavras elogiosas esquecido da conversa.

Todo gaucho tem seu cavallo de estimação, as vezes em trato cerrado, é o seu confiança a que olha com prazer e monta desvanecido.

O A. não se furta a este vezo de admiração e apreço aos mais nobres animaes da raça equina, como se notará em diversas e demoradas referencias, especialmente no capitulo seguinte.

UM ELEMENTO PASTORIL E O PENDOR GUERREIRO

Para o fim a que desejo chegar, o de tornar bem patentes as qualidades varonis do povo rio-grandense, tenho que começar por fazer a comparação da vida do agricultor com a do creador.

Nas lidas de um e de outro e no espirito com que cumprem seus affazeres ha differenças muito notaveis, por isso mesmo seus costumes, tendencias e a propria indole tomam profundas divergencias e tanto mais arraigados quanto mais gerações atravessam.

Na profissão do agricultor, um homem pode perfeitamente lidar o dia inteiro e completar a sua plantação ou colheita sem o auxilio de outro.

Quando são muitos a trabalhar, cada um cumpre a sua tarefa sem se dar conta do que fazem ou como fazem seus companheiros ao lado.

No cumprimento dos deveres pode ser zeloso ou descuidado sem prejudicar aos outros.

A independencia do seu esforço dá ao seu officio um cunho de isolado.

Por indole da profissão deve ser methodico, pouco,

expansivo, de movimentos sobrios, com expressão severa e indole perseverante. Seu exito está na continuidade do esforço.

Tem como melhor cooperador o fatalismo do tempo.

E' um contemplativo.

Na vida do creador é bem diverso o andamento dos trabalhos.

Nos serviços de uma estancia lidando com grupos de animaes ha sempre necessidade do concurso de alguns homens que mutuamente se auxiliam, em que uns estão sempre attentos aos esforços de outros e agem em combinação com empenho para o mesmo fim; de modo que o desideratum de um serviço está na dependencia d'esse conjunto de esforços.

A falta de attenção ou de acção de um só que seja n'um momento dado causa transtorno, põe um serviço em atrazo, ou uma vida em perigo.

Na harmonia com que se fazem os trabalhos d'esta natureza implicitamente se estabelece a disciplina, esta bem exercitada e seguida prescinde do mando.

Alem d'esta conformidade de agir de accordo com outros, ha o individualismo, exagerado, ha o homem de acção propria, aquelle a quem ferve nas veias o anceio por distinguir-se por sobresahir, o desejo ardente de uma gauchada ou feito bonito, uma proeza, um acto de sua iniciativa que provoque applausos e expressões acaloradas enfim existem n'elle todos os sentimentos vivos e bons que brotam em nossos corações, nos enlevam e embellezam a alma, quando bem succedidos em actos de coragem, audacia e pericia.

São sociaes, requerem applausos, estimulam e tonificam o caracter, imprimem-lhe mais energia.

Muitos d'esses feitos relevantes são alcançados a cavallo.

Para nós elle não é sómente um auxiliar dos trabalhos, como tambem um factor em muitas aspirações elevadas.

Sem duvida que sempre foi o elemento de successo do rio-grandense. Montado n'elle toma corpo o seu idealismo.

E' innegavel a acção sugestiva que elle exerce sobre o cavalleiro.

Um gaucho a cavallo tem o animo disposto, se encoraja, se envaidece sentindo o influxo de sua attitude.

Um pingo bom, vivo, garboso, bem aperado, atirando o freio, transmitte ao ginete seu ardor, alevanta seus brios, torna-o capaz de actos de audacia e temeridade, duplica-se o amor proprio e o valor.

Representa ter em suas mãos um poder que elle domina e dirije a seu bel prazer!

Elle é o monarcha das coxilhas!

Reboam em seu espirito ardores de conquista e nas azas do pensamento voa a aspiração de independencia. (*)

Quantas conquistas de natureza varia deve o homem a esse precioso auxiliar de aventuras felizes!!

(*) O Dr. Alcides M. de Lima na sua "Historia Popular do Rio Grande" chama de "soberanos insubordinados" aos primitivos indios, eximios e arrojados cavalleiros, n'estas re-

Quantas victorias ganhas com o seu concurso?!...

Os rasgos de valor e os triumphos flammantes são esculturados em bronze e ahi o mais nobre dos animaes engrandece o heróe dando-lhe garbo, vigor e altivez!

Merece um ligeiro golpe de vista a influencia que elle tem exercido no homem atravez dos seculos.

São da mythologia idealisadora as creações poeticas como o centauro metade cavallo metade homem, o Pegaso o cavallo alado, os quatro corseis ardorosos que ao amanhecer tiram fogosamente o carro do sol aureolado de scintillações fulgurantes atravez dos dourados reflexos da aurora.

E' da historia, as nações pastoris primitivas com dextros e destemidos cavalleiros e guerrilheiros invasores.

E' da idade media o periodo aureo da cavallaria, das pugnas, dos torneios nas liças em que o brioso corsel éra magna parte.

E' tambem dos tempos medievaes a honra de ser armado cavalleiro para defender a patria e a humanidade e ainda o cavalleiro andante symbolisado em D. Quichote.

Tudo movido de puro *idealismo*.

Essa imagem que tem vibrações impulsivas e que

---

giões rio-grandenses, vivendo sem autoridade de especie alguma, nem de religião, nem de familia, nem de caciques, o que não acontecia em outras zonas.

Só escolhiam chefes por occasião das luctas contra outros, em seguida éra desautorado.

Como se vê, é tão exagerado o espirito de liberdade que causa o cavallo n'estas lindas campinas que até os selvagens tinham impulsos de absoluta independencia!!...

move e anima a humanidade, tambem nos dá forças que são entretidas atravez da lida pastoril.

D'esta e da necessidade que nos impoz a posição geographica fronteiriça nasceu o pendor guerrilheiro.

O Rio Grande no inicio da vida colonial, ainda Capitania de S. Pedro, tomou a si o encargo de servir de escudo aos embates dirigidos ao Brazil pelos ambiciosos conquistadores limitrophes.

Attendendo aos pontos d'onde surgiam os inimigos, conservava-se sempre em armas.

As guerras começadas no seculo 17.º só terminaram no 19.º.

O fluxo e refluxo d'ellas iam da margem esquerda do Prata e alcançaram por pouco tempo, a margem direita do Jacuhy.

A Hespanha e Portugal empenhavam-se em ficar com essa extenção territorial.

A historia d'esses tempos faz admirar os portuguezes e os filhos d'esta capitania na reivindicação do territorio, hoje patrimonio nacional.

Tornou-se figura saliente no seculo 18.º o celebre Rafael Pinto Bandeira, aliás o primeiro homem nascido (1780) em terra rio-grandense que alcançou os bordados de general.

Tinha a fibra do guerreiro audaz, afortunado; sua vida foi um poema de bravura e altos feitos.

Os hespanhoes por um golpe de audacia ficaram senhores de uma parte do leste da capitania.

O orgulhoso D. Juan Vertiz commandando numerosa força avançou até Rio Pardo e ahi teve fracasso.

Os chefes defensores do forte, com felonia apparatosa de grandes recursos bellicos com estardalhaços atroantes conseguiram enganar os invasores, que pelo supposto desistiram do ataque e deram volta.

Tambem é digna de ser lembrada a perseguição, que soffreram, dirigida pelo galhardo Pinto Bandeira com seus lances de gaucho divertido, fazendo soltar a noite potros com couro na cola na cavalhada dos inimigos já atemorisados.

São notaveis suas proezas tomando novamente posse do Tabatingahy, Camaquam e do forte de Sta. Thecla nas cabeceiras d'este rio.

Outros reconquistaram a villa do Rio Grande, Sta. Thereza, S. Miguel.

Assim ficou o leste isempto de inimigos.

Mas estes feitos não se comparam com os da região missioneira e do sul onde os acontecimentos tiveram duração secular.

Ahi o solo rio-grandense éra o theatro de luctas sob diversas formas, combates, guerrilhas, entrevero, ataques, cercos, sortidas.

O Rio Grande se transformou então em um vasto acampamento militar onde se davam as maiores campanhas guerrilheiras.

Seria monotono enumerar as peripecias das hostilidades hespanholas que se prolongaram pelo seculo 19.º a dentro; vieram depois as luctas com os argentinos, (batalha de Ituzaingo), a campanha cisplatina, ainda os ar-

gentinos sob a inspiração de Rosas, a Banda Oriental na pessoa de Artigas.

Até o Paraguay veio pelear pela posse d'este torrão tão apetecido.

E' bem possivel que nas duas Americas não exista outro territorio tão longamente disputado com as armas na mão.

Em guerras com o extrangeiro o solo gaucho bem merece o titulo de campeão do Novo Mundo

Das revoluções brazileiras elle já bateu o record

No tempo em que estas verdes campinas se tingiam de sangue dos vizinhos, suas forças já éram constituidas só de homens creados n'ellas, d'onde sahiram os cavalleiros destemidos, valorosos guerrilheiros, os veteranos nas luctas e os afamados generaes, notaveis no valor, cujos nomes tem tanto brilho na historia rio-grandense.

Aqui nasceram e se fizeram os maiores cabos de guerra que tem existido no Brazil, inclusive Caxias cuja nomeada se fez n'estas luctas sulinas. (*)

A historia militar brazileira é a historia do Rio Grande do Sul.

Ja temos dito o bastante para mostrar como se desenvolveu n'este povo o espirito varonil e guerrilheiro. Mas sobre guerra extrangeira falta ainda citar a invasão dos paraguayos pela fronteira de Uruguayana e a repulsa que tiveram ahi os exercitos de Lopes.

A campanha que seguio-se tornou conhecidos os

(*) Tem seu nome ligado a perola das colonias italianas. (J. C.)

grandes feitos da cavallaria rio-grandense com seus experimentados heróes e os nomes gloriosos de Osorio, Andrade Neves e muitos voluntarios legendarios.

Assim, o Brazil tem encontrado sempre n'este recanto sulino o maior concurso de soldados, dedicações e sacrificios para repellir a affronta á dignidade e a ameaça ás suas fronteiras.

Alguns ardorosos patricios do Norte tem dito:

"O Rio Grande é a eterna vanguarda na defeza do territorio nacional"!!!

Talvez não tenham contestação...

Mas o que é realmente innegavel é que n'este Estado corre sempre abundante o generoso sangue rio-grandense quando se trata da defeza dos seus proprios ideaes e do povo brazileiro.

Foi o que aconteceu na guerra dos Farrapos iniciada em 20 de Setembro de 35 e sustentada com o fito de descentralisação, proclamando a Republica do Rio Grande. (*)

Seus filhos briosos e altaneiros, assim como sustentaram violentas batalhas, e reiterados embates pela integridade do solo patricio, tambem souberam mostrar valor indomito na defeza dos seus ideaes.

As ousadias d'esses paladinos da liberdade se ap-

(*) Como filho do Dr. Francisco de Sá Brito, ex-ministro d'essa Republica, ex-deputado e 2.° membro da commissão da Constituinte, tenho a felicidade de ser o unico representante vivo dos que figuraram n'ella.

poiaram nos cavallerianos consumados, verdadeiros centauros e se inspiravam na alma d'estas formosas e amadas campinas instigadoras d'esse irresistivel ideal de independencia, que seduzia ao proprios selvagens, conforme vimos.

Esse movimento de revolta contra o Imperio durou dez annos, foi a mais demorada pugna de rebeldes com armas brazileiras.

A revolução de 93 tambem rebentou como uma expansão dos sentimentos gauchos, em que os partidarios exaltados sustentaram durante dois annos uma guerra civil sangrenta contra as forças legaes reunidas em que dois exercitos fizeram um *raid* até o Estado do Paraná e voltaram sempre peleando até a morte do denodado caudilho e activo guerrilheiro, Gomercindo Saraiva.

Mas o movimento reacionario só teve fim com a intervenção amistosa do benemerito Presidente, Dr. Prudente de Moraes.

Tres decennios depois tivemos o mais nefasto governo d'este paiz que trouxe a violenta revolta de S. Paulo, a qual rebentou em 5 de julho de 1924.

Depois de luctarem por longo tempo n'essa cidade, os revoltosos seguiram para o Paraná em cujos terrenos incultos e matas bravias deram-se combates bem ferozes com as forças legaes no anno 25.

D'esse ponto em diante começou o grandioso *raid* que até fins de 1926 percorreu diversos Estados tendo chegado ao Maranhão e andou cerca de 4.800 leguas, excedendo mesmo o mais notavel da Historia, feito pelo grande Annibal, o Carthaginez, tendo como chefes e

companheiros muitos homens em cujas veias corre o vigoroso sangue sul-riograndense.

Seria uma injustiça não citar o nome do já celebre "condotière" brazileiro, o capitão gaucho Luiz Carlos Prestes, general d'essa memoravel cruzada que toda a America admira, o campeão da rectidão e da actividade, o professor de energia, o Stanley brazileiro, que a "Prensa" de Buenos Ayres homenagea inaugurando seu retrato no escriptorio da redacção e a quem o proprio Governo Federal, conservando-o a distancia com a sua dura resistencia á amnistia, faz crescer e realçar a aureola de sympathia e admiração que o envolve.

Da entrevista de um illustre filho da Bolivia, onde foram parar e se exilaram, tiramos estes trechos:

"Fallando sobre o Rio Grande do Sul classificou-o de sentinella avançada, e de guarda d'esse tesouro, o gaucho impavido, atrevido, arrogante, disposto contra todas as adversidades, como um gladiador frente a frente com o adversario que não teme, raça de aço feita para a lucta, infatigavel para o trabalho, sensivel ao amor e a dôr".

Falta referir os bellos lances da guerra civil de 23, sobre a qual podemos nos extender mais.

O "23 E OS GESTOS CAVALHEIRESCOS DOS GAUCHOS

Como si fosse para despertar a raça e fazer sua glorificação surgiu a revolução de 23.

Ella sacudiu a fibra adormecida dos luctadores de 35 e 93, com a mesma pujança de outr'ora.

Elevou a vitalidade patriotica dos nossos e avivou em todo Brazil as sympathias pelos gauchos.

Foi um movimento sadio para o seu caracter e que honrou as velhas tradições.

Quantos actos brilhantes, quantos impulsos heroicos em combates repetidos, em escaramuças, em tropelias sem treguas n'esse periodo de 10 mezes!!...

N'esse espaço de tempo ella percorreo o Estado do Norte ao Sul, de Leste a Oeste, encarniçada em refregas, tendo lances extraordinarios, raids rapidos, ataques vigorosos, ardor, enthusiasmo, abnegações, desprezo á vida, generosidades, nada faltou para grandeza dos feitos e gloria dos combatentes de um e outro lado.

A alma rio-grandense vibrou com toda a intensidade de seu patriotismo exaltado.

Na tarde de 19 de Junho deu-se o encontro vigoroso

das forças inimigas sobre o Ibirapuitan, na beira da cidade de Alegrete.

De ambas as margens do rio rompeu cerrada fuzilaria, metralhadora só do lado da cidade.

A bravura, a intrepidez e os actos de grande ousadia campeavam entre os heroicos guerreiros, rivalisando n'esta refrega, que corria sangrenta, tendo bom numero de baixas de parte a parte.

Com o audacioso avanço das forças governistas pela ponte deu-se a retirada dos revolucionarios que estavam em numero muito inferior.

Logo em seguida surgiram ali no campo ainda fumegante da acção alguns autos com pessoas piedosas.

Uma jovem que viu alguem com a intenção de, por motivo secreto, acabar com a vida de um moço ferido, implorou, fallou com tanto ardor e desembaraço que conseguio vel-o poupado.

Este como todos os feridos foram levados para os hospitaes dos respectivos partidos.

Um moço filho do povo, crivado de balas, a dôr matando-o e o orgulho levantando-o, honrava seu alto posto respondendo altivo e ardoroso.

Falleceu no hospital.

Entre curativos foi tirada uma bala que atravessára as partes molles infra-axillares de dois engarupados.

Essa bala humanitaria depois de polida e com inscripções, foi parar como lembrança ás mãos de uma distincta jovem carioca apreciadora dos feitos rio-grandenses.

Tambem no leito da enfermaria um rapagão novo com um rombo na perna dizia com simplicidade ao medico:

— Senti a bala e deu um estalo forte, pensei que tinha quebrado a canella, sacudi a perna para vêr.

Era o effeito de uma bala dum-dum dos selvagens castelhanos assalariados.

Um espesso veo sobre os pedaços ferozes e tristes.

Merece ser notada a exaltação que se apossou do povo até a alta esphera, fazendo aos domingos verdadeiras romarias ao hospital em visita aos feridos revolucionarios.

Tambem deve ser apontada e mesmo admirada essa gente de coragem extraordinaria no soffrimento?!...

Nos hospitaes de sangue nenhuma queixa, nenhuma palavra amarga ou inutil!...

Estoicismo em toda linha!!...

Ser apresentado a um bello estudante alegre e a um moço amavel casado e 28 horas depois com o auxilio de outros trazer já noite em um auto seus corpos sem vida para o necroterio, é um pedaço bem chocante da guerra civil.

As forças governistas, sabendo no outro dia que esses dois mortos nas fileiras revolucionarias éram seus amigos pessoaes e se achavam quasi no mesmo tecto dos seus inimigos feridos da vespera, para lá se dirigiram em grande numero com o maior respeito a cumprirem a dolorosa missão de retirar seus restos mortaes...

Do estudante se incumbiram de dar o destino funebre, o outro chamado Gentil Pinto Sobrinho entregaram á familia que se achava n'essa cidade.

Foi n'esse campo de lucta fratricida que ficaram extendidos mortos dois jovens academicos que combatiam em fileiras oppostas, ambos de familias situacionistas; aquelle de que fallamos acima chamava-se José Moraes de Azam-

buja, filho de um chefe de Uruguayana, o outro era Guilherme Flores da Cunha, de Livramento, que combatia ao lado do seu irmão, o commandante das forças do governo.

Cada corpo seguio bem acompanhado em trem expresso para sua cidade natal.

Na flôr da idade sacrificar ao amor das ideias a vida fagueira de estudante é honrar a tradição gaucha.

Tambem para honrar a memoria d'esses dois heroicos patricios aqui ficam as homenagens do auctor.

Antes e depois de Alegrete a revolução deu combates em outros pontos, sempre com o mesmo furor, tendo vantagens em uns e perdendo em outros até o armisticio, em que a intervenção federal entrou em accordo com seus chefes n'uma convenção em Pedras Altas em 14 de Dezembro de 1923 e tambem com o Governo do Estado no sentido de modificar a nossa Constituição.

Com o sangue derramado entramos nos moldes da Constituição Federal, abolindo re-eleições.

A revolução estava terminada, tinha alcançado o fim collimado.

Outras garantias federaes ficaram turvas ou frustadas.

Conforme intenção pre-citada o A. volta suas vistas para os actos de nobreza entre os gauchos que merecem ser archivados, assim serão passados em revista alguns topicos que os tem enaltecido durante suas contendas armadas.

Para aquelles que sabem que a França decretou a fraternidade guilhotinando homens e mulheres (Paul Bourget) na revolução do terror, deve ser dito que mesmo nos

momentos barbaros das nossas, nunca a mulher soffreu pelo que fez o marido ou pae.

Embora fosse elle perseguido por scelerados, ella sempre foi respeitada, mesmo quando intervinha com energia.

Este proceder existiu em todas as occasiões como um apanagio das virtudes do sul.

O grande "condottiére" Prestes em sua cruzada pelo interior de Goyaz deu uma prova d'esse respeito innato em nosso povo. Fez fuzilar dois de seus homens por vandalismo com mulheres e disse aos seus reunidos que queria ser o commandante de homens honrados e não de um troço de bandidos.

Contam os companheiros do chefe Honorio Lemos que tendo elles encontrado no Itapevi cinco homens furtando animaes, elle mandou trazel-os para a frente de sua gente e ahi produziu uma forte allocução de censura e de exhortação aos homens de bem com tal vehemencia que arrancou lagrimas a muitos homens.

O A. tem o grande pezar de não chegar ao seu conhecimento maior numero de factos de rectidão e nobreza que merecem ser archivados.

No calor da lucta qualquer um perde o instincto de conservação, mas entre nós ao lado d'isso sobrevem muitas vezes o da generosidade. Ha muitos lances d'essa natureza. Diz um amigo ao outro:

— Você é casado, tem familia, vá para lá que eu fico n'este ponto mais perigoso.

Dar escapula a um amigo ou conhecido preso entre os seus, mesmo correndo riscos, éra facto sabido em 93.

O grande general Garibaldi que tão bons serviços

prestou á revolução de 35, teve em suas memorias phrases de retumbante enthusiasmo pelos "centauros da cavallaria rio-grandense" com os quaes podia conquistar paizes da Europa.

Seu amor pelo Rio Grande foi a ponto de esperar dois dias nas portas de Roma para ser o nosso 20 de Setembro uma data tambem gloriosa para sua patria — Unificação da Italia.

Um grande escriptor que conheceu bem o nosso povo disse:

"Os rio-grandenses distinguem-se por uma brilhante bravura e sob a direcção de um chefe decidido obteriam victorias facilmente, em toda parte, onde não fossem contrariados seus habitos e preferencias."

Esses chefes decididos não faltaram na revolução de 23; entre muitos destacamos dois como expoentes das victorias alcançadas com glorias.

O mais velho vindo da revolução de 93 e chamado por seus adeptos general Honorio Lemos da Silva, é o typo do gaucho intelligente, um tanto sorro, calmo, reflectido, previdente, sabendo dar o golpe a tempo, activo e valente, puro e leal, simples e arrazoado para falar.

O outro, moço, formado, feito por decreto general, José Antonio Flores da Cunha, temperamento arrebatado, fogoso, altivo e generoso, estrategico e denodado, de uma audacia temeraria nos ataques, com lances de guerreiro-cavalheiro, intelligencia lucida.

Tendo mais adiante de referir o encontro de ambos, fechamos estas apreciações.

O espirito de revolta iniciada desde 22 por militares pairava na athmosphera brazileira.

Como complemento d'ella tivemos levantes de quarteis nas cidades de Bagé, S. Leopoldo, S. Gabriel e Santa Maria; alguns abafados em tempo, outros explodiram com mais forças, como o d'esta ultima cidade em 14 de Novembro de 1924. Depois dos rebeldes praticarem algumas depredações na cidade sahiram para o campo, juntando-se com um bando de S. Gabriel.

O Governo do Estado com paisanos, e algumas forças federaes se encarregou de combater os amotinados soldados e só em 31 de Dezembro teve fim essa campanha inglorіosa dos insubordinados.

Por circumstancias não bem apreciaveis, talvez por não ter o Governo Federal cumprido todas as promessas sobre eleições, ou por já andarem com armas na mão, ou pelo gosto a vida de guerrilheiros, talvez por todas essas razões, deram-se no interior movimentos parciaes, isolados, sem homogeneidade.

Em 1924 appareceram forças armadas nas immediações de Alegrete que fizeram disparos de artilharia: acerca de oito leguas além, no Guassú-Boi, houve em Novembro um desastrado encontro de um troço de revolucionarios com forças governistas, com perdas de vidas preciosas.

Tambem deram-se levantes em outros pontos sempre sem ligações, o mais notavel foi o de Setembro de 1925 na fronteira, onde surgiram homens armados que arrastaram um chefe prestigiado.

Esta escaramuça logo detida merece uma descripção mais demorada pelo brilho de qualidades altamente honro-

sas do caracter rio-grandense, que temos procurado enaltecer.

Dos tres personagens que tomaram parte n'ella, só falta dizer algo sobre o Dr. Oswaldo Aranha, que posteriormente teve a vida em perigo, quando chefiou o ataque aos soldados insubordinados, é formado em direito, intelligencia radiante, administrador progressista, qualidades de caracter de coração inexcediveis, lhano no trato, conquista a todos que o conhecem, faz de muitos adversarios politicos seus bons amigos.

A elle devemos o conhecimento d'essa épopéa gaucha pela entrevista concedida a um jornal e transcripta em outros.

O ponto inicial d'essa campanha rapida e feliz foi a estancia de S. Leandro, (pontas de Ibirapuitan e Caverá).

Ahi acamparam em 5 de Out. de 25 as forças do Dr. Aranha; e na madrugada de 6, depois de bem informados pelos vanguardeiros, sahiram ellas em quatro columnas.

A direcção geral pertencia ao Dr. Flores da Cunha.

Dois dias passaram em actividade ora estrategica, ora vertiginosa atraz do inimigo, atravessando rios cheios, sem descanço, sem comer e sem dormir, até que no Ibicuhy da Conceição deu-se "a victoria sem sangue sobre o inimigo, a maior de quantas temos conquistado", assim se expressa o Dr. Aranha.

Ahi as duas columnas se enfrentaram na distancia de 400 metros, uma de 150 homens provaveis, a outra de 1.270.

Capitular éra a unica solução; a bandeira branca da paz tremulou do lado da força menor.

Tres dos revolucionarios se encaminharam com ella. Continúa o entrevistado:

"Eram os emissarios de Honorio Lemos que vinham annunciar a sua rendição, pedindo garantias de vida".

O Dr. Flores da Cunha concedeu todas e recebendo-os como prisioneiros.

"Foi então uma scena emocionante. Os revolucionarios em plena confusão, avançaram de cabeça baixa e armas no chão, emquanto outros sem a menor acção nossa fugiam para o mato, atirando-se ao Ibicuhy, onde encontraram tumulo mais de vinte."

"Quando chegaram a nós, no momento em que o Dr. Flores recebia as armas dos vencidos, choravam elles e choravamos nós tambem, dominados todos da emoção indescriptivel d'aquelle instante".

"Era uma lucta de irmãos; não tivemos alegria, mas tivemos lagrimas".

"Immediatamente acampamos para dormir e comer, o que ha dois dias não faziamos.

Elles comeram e dormiram comnosco". "Não receberam uma offensa, uma indirecta das nossas forças, que tem no Dr. Flores não só um chefe militar, como espiritual, por isso que elle vive na sua força como um dos mais humildes dos nossos. Elle tratava bem o seu inimigo e todos souberam imitar o seu gesto e sua generosidade".

"Honorio, o seu filho, o seu estado maior foram entregues á minha guarda. Eu os tratei mais como irmãos do que como vencidos, porque ao caracter cavalheiresco dos que luctam repugna diminuir ou humilhar os vencidos".

Ahi os factos culminaram a grandeza do caracter gaucho.

Onde encontrar para revoltas epilogo mais chocante e nobreza superior?!...

Si a revolução de 23 com este final veio cerrar a porta dos tempos heroiços e cavalheirescos do Rio Grande do Sul, devemos convir que foi fechada com chave de ouro!...

"As guerras, dizem, democratisam os povos".

Passadas estas rajadas do rude pampeiro, os corações se distendem como na volta da primavera; os animos voltam a calma, os valores de um e outro lado entram no conhecimento de todos; os bons, os fortes, os generosos continuam a ser os mesmos.

Os desejos de concordia se manifestam, trocam-se palavras de lealdade e actos de cortezia.

Algumas mãos se apertam com affectuoso respeito.

São homens da terra gaucha, caracteres conscientes e corações abertos.

N'esta phase da bonança a linguagem por toda parte se modera, se eleva, o horisonte se illumina de esperanças.

Nas campinas o véo do esquecimento vae pouco a pouco se extendendo sobre os males do passado, apagando alguns vestigios dolorosos d'esses transes que se passaram rapidos deixando entrever ao longe as refregas como uma miragem que se vae offuscando, só restando a lembrança de um torneio que se realisou para distender as forças, medir competencias e cotejar temeridades de dois lotes antagonistas.

Não faltam exemplos confirmativos d'esse espirito de conciliação.

A Assembléa Legislativa teve um bonito movimento de expansão com os sentimentos de pezar sobre os tumulos recentes de dois grandes factores rio-grandenses, um situacionista bom administrador e notavel como bem quisto em Uruguayana, o outro pae de um deputado estadoal opposicionista, grande creador em D. Pedrito.

Na Camara Federal a athmosphera de concordia vinda do sul éra alentadora, dava uma impressão agradavel.

Um jornal carioca expandio seus applausos a esta harmonia, fazendo lisongeiras referencias ás relações cordeaes entre a deputação gaucha.

Destacamos estes topicos.

"Caracterisa-se principalmente pela clareza de suas attitudes e pela lealdade com que se conduz nas luctas politicas".

"Interessante é que os deputados governistas e opposicionistas primam pelo cavalheirismo com que se tratam e pela amavel cortezia com que palestram em particular".

Insiste de outra vez:

"Dão no parlamento nacional um nobre exemplo de consideração, de apreço e de respeito pelos adversarios.

Entretem relações pessoaes a despeito das discordias politicas muitas vezes conduzidas ao extremo".

Refere ainda a intimidade entre dois adversarios politicos que pelearam em campos oppostos e que hoje são amigos e na auzencia um do outro se rendem homenagem sobre a bravura.

Estes casos da amizade nas condições expostas tem

causado admiração ou extranhezas no centro, entretanto são tão communs n'este meio gaucho.

Pois entre nós as luctas se fazem pelas ideias e não por pessoas; não ha inimigos politicos e sim adversarios leaes e sobranceiros que podem se approximar sem desdouro.

As affeições particulares estão fóra das competições partidarias que visam apenas programmas.

Por isso são faceis as reconciliações e as amizades. (*)

Mas nas fileiras dos seus partidos são servidores bem orientados e tornam-se, como aconteceu no ultimo trimestre do anno 27, cavalleiros de novas cruzadas politicas, sempre com o mesmo ardor e enthusiasmo como é proprio do fundo idealista da gente gaucha.

A imprensa do Rio incita com louvores o inicio d'esta nova phase tanto de um como de outro partido e affirma que "uma brisa sadia sopra do sul".

Uma das mais cultas intelligencias do jornalismo brazileiro, o Sr. Assis Chateaubriand, no seu diario o "O Jor-

---

(*) Em dezembro deu-se na Camara um facto frisante que veio confirmar o que dizemos.

Foi a approximação expontanea entre os deputados Flores da Cunha e Baptista Luzardo, que já havia alguns annos estavam de relações cortadas.

Este gesto causou uma impressão muito agradavel em todas as rodas sociaes e a imprensa carioca o commentou tecendo louvores ao cavalheirismo gaucho.

Entretanto aqui no Rio Grande não causou a surpreza de um facto virgem, pois existem tantos da mesma natureza.

nal" de 25-11-27 em magnifico artigo intitulado "Cavalheirismo gaucho", se extende sobre estes novos horisontes da politica.

Começa affirmando que os commodistas e os *profiteurs* da guerra civil continuam soprando odios aos ex-revolucionarios por saudades da industria da legalidade, ao passo que aquelles que estiveram nas luctas e soffreram n'ellas batem-se com denodo pelo seu esquecimento e pela harmonia da familia brazileira, que de resto todos aspiram.

Continúa n'uma apreciação muito lisongeira e demorada, honrosa mesmo para o espirito liberal e cavalheiresco do recem eleito presidente d'este Estado, Dr. Getulio Vargas e aos preliminares do seu programma de governo.

E termina com estes trechos:

"Não é sem uma grande emoção que o povo brazileiro vae acompanhando a attitude da geração moça rio-grandense, a qual está *prelecionando o civismo* (*) e o amor ao Brazil.

Na esterilidade da *steppe* brazileira dos nossos dias rebenta no pampa gaucho uma flôr de bondade e de doçura, que humedece o coração do Brazil de um orvalho puro de alvorada.

E' um renascimento que esses moços querem impôr ao frio e pusillanime egoismo da hora que passa".

Essa geração de que falla o escriptor vem como brotos de velhos troncos que têm raizes profundas no liberalismo dos pampas.

(*) O grypho é nosso.

E essa "flôr de bondade e doçura que humedece o coração" já éra cultivada entre nós e se aprimorou nas luctas que realçam os caracteres e nos bellos lances que os ennobrecem.

"O Estado de São Paulo" depois de lisongeiras referencias a actual situação, assim termina um artigo:

"Do sul, d'onde tantas vezes tem subido nuvens carregadas, vem-nos hoje, um clarão de aurora.

Saudemol-o de coração dilatado".

Os jornaes do centro, os politicos, a caravana que veio assistir a posse do novo governo têm prestado um grande serviço ao Rio Grande, fazendo conhecer o quanto ha de lealdade e harmonia entre o Presidente actual e o povo; todos saudam com ardor a nova phase como si d'aqui fosse se irradiar cheia de esperanças uma nova aurora de liberdade para illuminar o verdadeiro caminho da Republica.

E apontam para o Sul como um exemplo a seguir.

INDICE

Introducção 3
Historico 7
Progresso 17

Estancia e seus trabalhos

Estancia 23
Campos 37
Pequenos animaes dos campos 43
Animaes 52
Rodeio 66
Marcação 77
Touros 84
Tropa 102
Gauchada e domação 116
Pequenos topicos 122

Costumes

Bom humor 131
Simplicidade 153
Tolerancia e altruismo 172
Revolvendo passados 179
Caracter 186
Um elemento pastoril e pendor guerreiro 196
O "23" e os gestos cavalheirescos dos gauchos 206